

EDILENE DE LIMA

A Noção de Cura em Bion: do desvelamento do inconsciente à expansão mental

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia
Área de concentração: Psicanálise e Civilização

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto

Maringá
2012

EDILENE DE LIMA

A Noção de Cura em Bion: do desvelamento do inconsciente à expansão mental

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)

Profa. Dra. Viviana Carola Velasco Martinez
PPI/Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Antônio Muniz de Rezende
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Dedico esse trabalho ao Dr. Oswaldo Dante Milton di Loreto,
meu mestre e amigo para toda vida,
que me faz pensar na escolha contínua
e desavisada de ser psicoterapeuta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador neste trabalho, Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto, por ter me aceitado em seu grupo de trabalho e pela consideração e respeito por minha proposta de pesquisa. Pude pesquisar com autonomia, estímulo e amparo. A confiança e a aposta, bem como a leitura cuidadosa e as sugestões levaram o trabalho por enriquecedores caminhos.

À Profa. Dra. Viviana Carola Velasco Martinez, pela participação na banca de qualificação e por suas contribuições.

Ao Prof. Dr. Eduardo Augusto Tomanik, que me auxiliou nos primeiros delineamentos no tema da pesquisa.

Fico especialmente agradecida ao Prof. Dr. Walter Trinca, pela disponibilidade de participar do exame de qualificação; seus comentários e preciosas sugestões foram incentivos na continuidade da pesquisa. Desde nosso primeiro contato apontou caminhos e manteve sua atenção até o texto final que agora apresento.

Agradeço aos colegas do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização (LEPPSIC), pelas trocas acadêmicas, gastronômicas e intervalos bem humorados, tão importantes nos dias de trabalho pesado.

À Coordenação de Saúde Mental e à Prefeitura Municipal de Maringá, pelo apoio permitindo o meu afastamento parcial do trabalho para atividades do curso.

Às minhas analistas e supervisores do GEPPPI e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Foram importantes parcerias em experiências emocionais fundamentais sem as quais esse trabalho não seria possível.

Ao psicanalista Dr. Edival Perrini, por sua dedicação ao nosso grupo de estudos de Bion. Com sua intuição e sensibilidade estabelece conosco um compromisso teórico rigoroso, exercício de compaixão. Fico grata por acompanhar e enriquecer meu trabalho clínico, por sua gentileza em ler e comentar meus escritos. Tornou-se um amigo, de tipo raro.

Às colegas do Grupo de Estudos da Obra de Bion, que partilham comigo a tarefa de lidar com a tolerância ao não saber.

Ao apoio recebido da minha família, em especial de minha irmã com sua presença incentivadora; e de minha mãe, que me ofereceu acolhida especialmente amorosa nesse momento inusitado de minha vida.

Aos amigos de perto e de longe, sempre presentes. Agradeço especialmente às amigas Edméia e Maria Cristina, pelo aconchego e cuidado afetuoso que têm comigo vibrando com minhas conquistas.

À Anacris, que acompanha este trabalho desde a primeira ideia, me animando, apoiando e dedicando tempo para me ensinar sobre pesquisar. Nossas conversas potencializam os pensamentos, instigam ideias e alimentam sonhos. Sua inquietação me desafia a apreender as qualidades de inconstância e de transformação inerentes ao viver.

Pois versos não são, como as pessoas imaginam, sentimentos (a esses, temos cedo demais) – são experiências. E por causa de um verso é preciso ver muitas cidades, pessoas e coisas, é preciso conhecer bichos, é preciso sentir como voam os pássaros, e saber com que gestos flores diminutas se abrem ao amanhecer. (...) E também não basta ter recordações. É preciso saber esquecer-las, quando são muitas, e ter a grande paciência de esperar que retornem por si. Pois as lembranças em si ainda não o *são*. Só quando se tornarem sangue em nós, olhar e gesto, sem nome, não mais distinguíveis de nós mesmos, só então pode acontecer que numa hora muito rara brote do meio delas a primeira palavra de um poema.

Rainer Maria Rilke

Os cadernos de Malte Laurids Brigge

A Noção de Cura em Bion: do desvelamento do inconsciente à expansão mental

RESUMO

A ideia de cura em psicanálise é controversa e de difícil discussão. Da forma como é entendida no modelo médico tradicional, ela não é apropriada para se avaliar os resultados do processo psicanalítico e para dimensionar as mudanças que ocorrem no paciente. Este trabalho pretende examinar essa ideia e, conseqüentemente, o processo psicanalítico, em textos selecionados da obra de Wilfred Ruprecht Bion (1897-1979). Com o objetivo de apresentar a obra do autor, os seus escritos pesquisados foram divididos em três períodos: grupal, de focalização nas psicoses e epistemológico. A cada capítulo são expostos os conceitos desenvolvidos pelo autor em cada período e, em seguida, a noção de cura que se pode explicitar em cada um deles. Percebeu-se que a noção de cura foi se modificando e se ampliando a cada período. No período grupal dirige-se a auxiliar o paciente a tornar conscientes partes inconscientes, alcançando fantasias primitivas. Em seguida, no período de focalização nas psicoses prevalece a noção de cura ligada à melhora dos sintomas e ampliação da capacidade de desenvolver pensamento, de modular mecanismos de cisão e identificação projetiva. Por fim, no período epistemológico o autor fortalece a ideia de crescimento como expansão mental, que congrega em seus movimentos o ser e o conhecer.

Palavras-chave: psicanálise; terapia psicanalítica; cura; Bion e expansão mental.

The Conception of Cure in Bion: from the unconsciousness unveiling to mental expansion

ABSTRACT

The conception of cure in psychoanalytic treatment is controversial and it presents itself as a difficult topic to discuss. The way it is understood by the traditional medical model, this idea is not appropriated to evaluate the results of the treatment process and to measure the patient's changes. This work intends to analyze the notion in discussion and the psychoanalytic process concept as well in selected texts of Wilfred Ruprecht Bion (1897 – 1979) works. Looking forward to present the author's work, the texts surveyed have been divided in three periods: groupal, focus on psychosis and epistemological. In each chapter, it is exposed the concepts developed by Bion in each period and then the notion of cure that could be explicated in each one of them. Along the author's works, it was observed that the conception of cure has been modified and extended in each period. During the groupal phase, this idea is related to assist the patient to become conscious the unconscious parts which would achieve primitive fantasies. In focus on psychosis period, prevails the conception of cure associated to the patient's symptoms progress and the increase of the capacity related to the development of thought, to modulate the splitting mechanisms and the projective identification. Finally, in the epistemological phase, Bion strengthens the idea of growth as mental expansion which gathers in its operation the being and the knowing.

Keywords: psychoanalysis; psychoanalytic therapy; cure; Bion; mental expansion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
Freud: nosso ponto de partida	13
A pesquisa da cura em psicanálise.....	16
A seleção bibliográfica e a divisão do trabalho.....	19
CAPÍTULO I - PERÍODO GRUPAL.....	21
O autor – a família e a infância.....	21
Duas Guerras Mundiais.....	23
Período Grupal.....	27
Conceitos de dinâmica dos grupos.....	33
A noção de cura no período grupal.....	41
CAPÍTULO II - PERÍODO DE FOCALIZAÇÃO NAS PSICOSES.....	44
A noção de cura no período de focalização nas psicoses.....	60
CAPÍTULO III - PERÍODO EPISTEMOLÓGICO.....	63
Ênfase ao pensamento.....	63
Conhecer a partir da experiência.....	67
O elementar e as notas musicais.....	75
Édipo, Jardim do Éden e Torre de Babel.....	83
Uma teoria de observação em psicanálise.....	87
Comentário provocador.....	104
Atenção e interpretação.....	106
A noção de cura no período epistemológico.....	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
REFERÊNCIAS.....	142

INTRODUÇÃO

Uma paciente Susi, 12 anos, tentou suicídio, ingerindo veneno para ratos. Por indicação da escola, foi trazida para atendimento psicológico. A mãe se queixou da criança ser rebelde, não obedecer e ter baixo rendimento escolar. Susi era a segunda filha, a mãe tinha 15 anos quando ela nasceu e 13 quando nasceu o irmão. A mãe tinha aparência física de ser bem mais velha, apresentava dificuldade no contato com a criança, e só recentemente contava com a pensão do pai, sem mais apoio. A criança, com aparência de mocinha, apresentava-se arredia ao contato, rude, dura, sofrida, assustada e perdida.

Após dois anos de psicoterapia Susi estava intensamente envolvida com o trabalho terapêutico, demonstrando alegrias e tristezas, apresentando medo de seus impulsos destrutivos e capacidade de estabelecer vínculos. Chorava quando se referia ao pai biológico, se ressentia de suas atitudes de ignorar sua existência. Reconhecia o afeto intenso pelo pai adotivo, o apego e a raiva que sentia pela mãe, encarava a escola como sua saída para a solidão e como possibilidade de construir sua autonomia financeira.

Como descrever o que aconteceu com Susi? Poderíamos chamar de “cura”? É possível avaliar que ocorreram resultados terapêuticos. No senso comum a palavra “cura” nos remete a algo que nos livra de um problema, com aspecto definitivo, por exemplo: a pessoa teve a cura de uma gripe, não há mais gripe. No caso de Susi não seria adequado pensar em ausência de problemas, melhor seria pensar em efeitos positivos que podem produzir alternativas para lidar com conflitos, como ciclos que se concluem e outros que se iniciam.

Zimmerman (2001) no *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise* apresenta o verbete “cura” distinguindo três significados: cuidado ou tratamento; cura como alta médica; e o terceiro que julga apropriado à psicanálise que seria o de amadurecimento, no sentido empregado para indicar a característica do queijo maturado. Remete o leitor ao verbete “término da análise”, no qual apresenta o que seriam seus critérios para a finalização da análise. Cita Freud dizendo que uma análise só está pronta para terminar quando ficou interminável, ou seja, quando o analisando internalizou os recursos suficientes para dar continuidade, ele mesmo, ao processo, indefinidamente.

Herrmann (1991) enfatiza a necessidade de se discutir cura na psicanálise. Um dos modelos que utiliza é também o do queijo. O termo “queijo curado” é usado para o ponto em que o mesmo chegou ao sabor e à consistência característicos, e esse ponto não é o mesmo para todos os queijos. O autor aponta também modelos médicos que podem ser úteis à psicanálise, como o do pediatra que trata a criança para ajudá-la a crescer ou o obstetra que

cura a mulher ao ajudá-la a desenvolver um novo feto e a parir, ou, dito de outra forma, que permite que surja algo que está pronto para surgir.

Em psicanálise, abordar os sintomas e seu alívio não descreve a abrangência do processo analítico. Proponho utilizar o termo cura no sentido que indica amadurecimento, preparação, diferentes estágios de um processo. Tenho por hipótese que podemos pensar a cura na psicanálise como o processo que promove transformações de diferentes tipos em cada indivíduo, incluindo o analista, sob condições específicas.

Por que não usar os termos resultados ou efeitos terapêuticos? Porque esses termos não incluem, necessariamente, o processo de cuidar. Estou tratando o termo cura incluindo dois movimentos: o processo do cuidado e o que se pode observar como efeito deste cuidado. Por isso insisto em usar o termo cura, apesar de controverso, é aberto a receber sentidos de maturação, de processos graduais de transformação.

No Houaiss (2001) encontramos cura como “ato, processo ou efeito de curar (-se)” (p. 893) como significado primeiro. Neste verbete somos direcionados para *cur* o prefixo latino que mantém os significados de cura, e acrescenta uma explicação: “objeto ou causa de cuidados ou preocupações, amor, objeto amado.” (p.892) Encontramos a tradução de cura na língua inglesa pelo termo *cure*. No dicionário *Cambridge* (1995) seu significado inclui dois usos muito próximos ao usado na língua portuguesa: recuperação da saúde e preservação de alimentos. *Cure* aparece como verbo: *make well* e *preserve*; e como substantivo: *something that makes someone with an illness healthy again*.

O que acontece na relação terapêutica que gera modificações? De que tipo são essas mudanças? De que forma pode-se orientar o trabalho na direção de criar condições internas e externas que contribuam para esses efeitos desejados, sem comprometer a postura psicanalítica?

Estas são algumas das questões que têm me acompanhado na prática clínica. Depois de acomodar as inseguranças básicas dos primeiros anos da vida profissional, as perguntas se dirigiram para o método de trabalho clínico. Os anos de estudo com o Dr. Oswaldo di Loreto foram fundamentais na complexa e permanente construção de um pensamento clínico. Os grupos de estudo e supervisão em psicanálise me apresentaram, um após o outro, Freud, Melanie Klein e Bion. Especialmente este último, incrementou as perguntas referentes ao processo analítico.

O meu interesse neste trabalho de pesquisa é identificar qual a noção de cura e seus desdobramentos do psicanalista Wilfred Ruprecht Bion (1897-1979) em textos selecionados de sua obra. Examinando os seus escritos, procurar apreender sua compreensão do processo

analítico da perspectiva dos resultados terapêuticos. Ao analisar a noção de cura foi necessário, evidentemente, incluir a discussão de como o autor concebe o trabalho clínico psicanalítico.

Como utilizei seus textos traduzidos do original inglês para o português houve o questionamento de qual seria o termo em inglês que fora traduzido como cura em português. O que encontrei em trechos de *Transformations* (1965) foi exatamente o termo *cure*. Não me é possível dizer quais outros termos ou expressões Bion utiliza e compreendo que esta é uma limitação de se trabalhar com textos traduzidos.

De maneira geral, podemos pensar cura em psicanálise como o conjunto de resultados positivos para o paciente, tais como: alívio de seus sintomas e redirecionamento da energia neles investida para atividades prazerosas e criativas; mudanças significativas e duradouras na forma de viver as emoções e as relações; plasticidade no uso de mecanismos de defesa; e ampliação da tolerância consigo e com os outros.

No trabalho aqui apresentado dois processos foram realizados: destacar e tratar do tema quando aparecia a palavra cura diretamente nos textos do autor, mas também e, principalmente, procurar descrever qual a ideia de cuidado e de expectativa de resultados presente nos textos selecionados, e se é possível observar mudanças ao longo de determinado período de sua produção.

É necessário esclarecer que o próprio autor não utiliza esse termo com grande frequência, e ainda, para se referir aos efeitos desejáveis do processo propõe outros, tais como: crescimento mental e expansão mental. De maneira geral, não se encontram parâmetros, metas e indicadores de cura, tanto nas suas formulações teóricas, como nos exemplos clínicos.

Observamos que Bion não trata o tema da cura como apropriado ao trabalho analítico. Pudemos encontrar advertências do autor quanto ao desejo de curar o paciente. Esse desejo pode comprometer a função analítica e desviar o foco da experiência emocional presente na sessão. Contudo, o autor apresenta sua preocupação com a comunicação entre os analistas e a compreensão das transformações no pensamento e nas emoções do paciente e do analista, como um exercício necessário, fora da sessão.

No decorrer da leitura dos trabalhos e contextualizando a obra, podemos dizer que o autor estava em oposição ao modelo médico tradicional; e em alguns momentos, preocupado com a sobrevivência da psicanálise, procurando formas de demonstrar resultados e identificar a possibilidade de uma base teórica comum aos analistas.

Por que propor o tema da cura a um autor que não enfatizou essa ideia e se mostrou crítico à preocupação dos analistas em curar? Uma resposta possível seria a esperança de conhecer a perspectiva desse autor em relação ao complexo processo psicanalítico. Conhecer como ele pensou a “química” da psicanálise, os elementos implicados, as condições específicas do seu uso do método. Ao procurar descrever a noção de cura como cuidado/“tratamento” e efeitos, talvez possamos compreender algo mais sobre nossa própria prática clínica e as características intrínsecas ao processo analítico.

A cura é um aspecto que tem lugar na psicanálise? Onde e quando cabe essa questão?

Freud: nosso ponto de partida

As pessoas procuram o psicólogo ou terapeuta com as mais diversas queixas: sobre sua vida, seus relacionamentos, com sintomas depressivos, fóbicos, obsessivos, psicóticos. É comum que psicólogo e paciente concordem que seria um sinal de bom resultado do trabalho analítico a melhora dos sintomas. Melhora, nesse caso, poderia se apresentar na diminuição da frequência ou da intensidade, compreensão de fatores desencadeantes, controle parcial do sintoma e especialmente o impacto e o espaço que este ocupa na vida produtiva e afetiva do paciente. Paciente e psicólogo estarão de acordo quanto à necessidade de diminuir o sintoma, ainda que esta diminuição não seja garantia de ganho significativo do ponto de vista do terapeuta. O acordo da dupla não necessariamente se estenderá ao processo de como chegar ao alívio dos sintomas, e menos ainda sobre as causas relacionadas ao resultado, positivo ou negativo do processo. Estarão em posições diferentes. O terapeuta não tomará o sintoma como seu objetivo, não se limitará à investigação deste, “como começou, quando aparece, onde dói?”.

A psicanálise nasceu da medicina ou do modelo médico, onde a tendência é a objetivação, categorização. Apesar dessa origem, é vigorosa ao procurar por modelos próprios de descrever os processos psicanalíticos, seus resultados e efeitos, bem como primar pela direção de subjetivar e singularizar as vivências, ainda que estas sejam, de certa maneira, universais. O modelo médico é um modelo importante na psicanálise, desde a ideia de sintoma, clínica, psicoterapia, tratamento, até as referências a estruturas psicopatológicas. Cada palavra ou termo é compreendido de maneira particular no que se refere ao psiquismo. Freud, desde a criação da psicanálise, procura elementos próprios para compreender o psiquismo.

A ideia de sintoma é um dos importantes conceitos ao qual Freud agrega outras dimensões e compreensões que diferem da tradição da medicina. Em “O sentido dos sintomas”, de 1917, o autor indica a compreensão de que o sintoma funciona como guia, aquilo que norteia o caminho para o desenvolvimento emocional e para a saúde. O desconforto e a angústia são expressões do ser do próprio indivíduo. Os sintomas comunicam sobre características da personalidade e do funcionamento mental do sujeito, formam-se por caminhos tortuosos e pouco óbvios e é necessária a busca pelo sentido desse caminho, pelas relações que se estabelecem entre o sintoma e as demais áreas da vida do paciente. (Freud, 1917, 1969a)

Encontramos no *Vocabulário da Psicanálise* (Laplanche e Pontalis, 1995, p. 385) no verbete **Psicanálise**, uma citação do verbete para Enciclopédia, publicado em 1922, em que Freud descreve “Chamamos psicanálise ao trabalho pelo qual levamos à consciência do doente o psíquico recaiado nele”. A psicanálise nesse texto é pensada não com analogias à medicina, mas à química, envolve decomposição, fracionamento, identificação de elementos que compõem uma substância ou um fenômeno e supõe que movimentando os elementos, novas versões, novas combinações possam surgir. Os elementos do psiquismo são as pulsões. O objetivo seria reconduzir os sintomas às pulsões que os motivaram, distanciadas através do recalçamento.

Em linhas gerais, para Freud o método da psicanálise passa pelo desvelamento do inconsciente, ou “tornar o inconsciente, consciente”, através da análise e interpretação da transferência que se estabelece entre o terapeuta e o paciente. Cabe ao terapeuta propiciar o movimento do paciente em direção a si mesmo e à realidade, o desenvolvimento dos recursos se dá de forma única e dependendo das características de cada indivíduo.

Para Freud, o foco do trabalho psicanalítico é a forma de lidar com o recalçamento. “A análise, contudo, capacita o ego, que atingiu maior maturidade e força, a empreender uma revisão dessas antigas repressões; algumas são demolidas, ao passo que outras são identificadas, mas construídas de novo, a partir de material mais sólido” (Freud, 1969b, p. 259). O modelo lembra a arqueologia e arquitetura.

A hipótese é de que a energia investida na manutenção do sintoma seja liberada para sustentar a realização das necessidades e projetos, para estabelecer relações de padrões variados. Espera-se plasticidade e maleabilidade consigo e com os outros e que os potenciais criativos e afetivos possam ficar visíveis e disponíveis.

Em seu texto “Sobre o início do tratamento”, Freud aborda uma série de recomendações técnicas acerca do trabalho psicanalítico e do que se pode esperar de resultado deste trabalho. Insiste na quebra de resistências para se chegar ao conhecimento de experiências recalçadas, na importância de aguardar o estabelecimento de uma transferência adequada, um *rappport* apropriado antes de qualquer comunicação ao paciente sobre sua vida mental. “Permanece sendo o primeiro objetivo do tratamento, ligar o paciente a ele e à pessoa do médico”. (Freud, 1969d, p. 182)

Sobre os efeitos do trabalho psicanalítico, no texto “Análise terminável e interminável” publicado em 1937, Freud aponta que para o término de uma análise, é necessário que muitas resistências tenham sido vencidas, que suficiente material inconsciente tenha sido tornado consciente, que os sintomas não tenham sido substituídos por outros e que haja um ganho permanente. Neste texto é possível identificar critérios de sucesso da análise ligados ao desenvolvimento emocional e à liberação de capacidades. O autor discute a influência de futuros acontecimentos traumáticos no ressurgimento da neurose após o encerramento da análise. Espera que esta gere o efeito de “amansar” a força das pulsões como possibilidade de diminuir a vulnerabilidade frente a dificuldades posteriores à alta terapêutica. Freud está falando de uma espécie de precaução contra outras neuroses e, ao mesmo tempo, não é possível anestesiar totalmente as paixões e os conflitos, ou alcançar uma “normalidade esquemática” (Freud, 1969b). O modelo da medicina tradicional que trata a doença como ausência de saúde e presença de sintomas, não corresponde a essa visão dinâmica do conflito como componente essencial do humano.

No trecho a seguir Freud apresenta outro acréscimo à questão da cura, ligado não só à permanência dos ganhos, mas como outros recursos podem ser adquiridos.

...contamos com que os estímulos que recebeu em sua própria análise não cessem quando esta termina, com que os processos de remodelamento do ego prossigam espontaneamente no indivíduo analisado, e com que se faça uso de todas as experiências subseqüentes nesse recém-adquirido sentido. Isso de fato acontece e, na medida em que acontece, qualifica o indivíduo analisado para ser, ele próprio, analista. (Freud, 1969b, p. 284)

Podemos pensar que é possível falar em “cura” na psicanálise de alguma maneira particular, e isso implica em comprometer-se com a ideia de que o trabalho analítico gera efeitos e resultados observáveis. Diferentemente da medicina não temos exames laboratoriais ou de imagens que possibilitem a observação de efeitos terapêuticos. Partimos do princípio de que o trabalho psicanalítico é passível de avaliação, observa ou tateia seus efeitos a partir do que o paciente *fala*, comunica, com seu comportamento e com suas reações dentro e fora da sessão e, especialmente, o que é comunicado pela via inconsciente, pela identificação projetiva.¹

A pesquisa da cura em psicanálise

Como é pesquisar a “cura” em psicanálise?

As pesquisas que se concentram em mensurar os efeitos da psicanálise ou das psicoterapias são chamadas *pesquisas de resultados*.

A IPA (International Psychoanalytical Association) publicou um levantamento, cujo título em espanhol é: *Una revision de puertas abiertas de los estudios de resultados em psicoanalysis*². Além de uma revisão detalhada e extensa do que se tem produzido nas chamadas *pesquisas de resultados*, com resumo de todas as pesquisas encontradas, apresenta uma análise das bases epistemológicas e metodológicas da pesquisa em psicanálise.

Em nenhum momento o relatório questiona o método da psicanálise ou seus efeitos benéficos. Ao revisar as pesquisas de resultados publicadas, os autores apresentam um panorama das especificidades da psicanálise, das dificuldades de se elencar critérios para avaliação de efeitos terapêuticos. Apresentarei alguns aspectos deste levantamento que podem auxiliar na descrição do complexo campo de pesquisa de resultados nas psicoterapias e na psicanálise.

O trabalho aponta as especificidades dos modelos científicos aplicados à biologia e às ciências “duras” que não podem ser aplicados à psicanálise. A psicanálise tem epistemologia própria. Por exemplo: o que é considerado um fato histórico ou um acontecimento ‘real’ não é o mesmo que um fato psicanalítico, ou seja, a história do indivíduo pode ser remodelada e

¹ Trata-se do conceito de identificação projetiva definido por Melanie Klein como um mecanismo da posição esquizoparanóide, de caráter agressivo. “Um mecanismo que se traduz por fantasias em que o sujeito introduz a sua própria pessoa totalmente ou em parte no interior do objeto para lesar, para o possuir ou para o controlar.” (Laplanche e Pontalis, 1992, p. 232) Bion agrega a esse conceito a função de comunicação primitiva, como veremos adiante.

² Disponível em www.elortiba.org, acesso em jun. 2010.

reconstruída durante o processo psicanalítico. Além disso, há coincidência entre método e sujeito de observação, ou seja, o aparato psíquico é observado por outro aparato psíquico, e esse fato requer um preparo específico do observador. Outro aspecto é que o corpo metapsicológico é uma teoria geral que engloba um amplo campo de fenômenos e variáveis, e como tal não pode estar sujeito a um processo de prova. A utilização da teoria serve como um modelo, a partir do qual se organizam as observações, por exemplo, descreve-se uma criança-virtual para observar uma criança-real.

Nos estudos específicos sobre os tratamentos, um dos problemas apontados é elencar critérios a serem usados para avaliar os resultados. A redução de sintomas não é considerada critério suficiente, pois estes são mutantes, alguns são úteis, outros fazem parte de defesas importantes.

Alguns resultados são difíceis de quantificar, por exemplo: a redução do estresse vital; mudanças de um estado de “desgraça psíquica” para certa “infelicidade de homem comum”; casos que não apresentam melhora, mas a situação poderia ter sido pior sem o tratamento.

O levantamento aponta que, apesar dos problemas encontrados nas pesquisas revisadas, está indicado que a psicanálise tem efeito benéfico tanto para pacientes com sintomas neuróticos como para os que apresentam sintomas psicóticos. As estimativas de porcentagens de pacientes que se beneficiam do tratamento variam amplamente de um estudo a outro, mesmo em patologias similares, provavelmente em função de fatores metodológicos.

Os tratamentos completos ou mais prolongados, invariavelmente se associam com maiores benefícios. O tratamento psicanalítico intensivo é, em geral, mais efetivo que a psicoterapia psicanalítica, mas essa superioridade, às vezes, só se torna evidente alguns anos depois do tratamento terminado e, às vezes, não se mantém em seguimentos de longo prazo. Os efeitos de longo prazo da psicanálise exitosa podem incluir o desenvolvimento de resiliência³.

Nos estudos com pacientes internados observou-se melhoria na capacidade laboral e redução do uso de medicamentos psicotrópicos.

Em estudos comparativos observou-se que os transtornos mais graves se beneficiam mais da psicanálise do que da psicoterapia, assim como as crianças pequenas mais que as maiores. Os transtornos de conduta respondem menos que os emocionais e os transtornos psicossomáticos respondem particularmente bem. O tratamento exitoso psicanalítico dos

³ Resiliência é um conceito psicológico emprestado da física, que significa a capacidade concreta de retornar ao estado natural de excelência, superando uma situação crítica. Capacidade de superar obstáculos, retornar a um estado de equilíbrio, resistindo às pressões.

transtornos severos da personalidade pode requerer uma combinação de técnicas expressivas e suportivas. A terapia suportiva pode ser melhor para os pacientes psicóticos, em termos de uma melhoria de sua capacidade de adaptação. O levantamento destaca que a aliança terapêutica entre analista e paciente no princípio do tratamento tem relação com bons resultados, assim como a importância que o psicanalista dá a esta aliança.

Ainda, os analistas mais experientes não necessariamente são os mais efetivos e não há uma uniformidade na técnica usada, ainda que tenham se formado na mesma instituição. As estimativas que o analista faz sobre o transtorno do paciente se enriquecem ao longo do tratamento. Há estudos em que se observou que bons resultados sintomáticos são antecipados por mudanças nos sonhos.

O relatório adverte que propõe essas conclusões com otimismo em relação às evidências apresentadas, interessa-se por destacar o que esses estudos podem mostrar e para que direção as evidências apontam. No entanto, em nenhum momento desconsidera a extensa gama de “problemas” com os estudos observados. Dentre as questões apresentadas estão: a dificuldade de se usar diagnósticos *standardizados*; a falta de controle na seleção das amostras; a especificação inadequada dos procedimentos de tratamento; a dificuldade de seguir os casos que abandonam o tratamento; o uso de terapeutas inexperientes; a falta de homogeneidade dos grupos de pacientes considerados e os métodos heterogêneos de intervenção; a falta de medidas de resultado comuns e padronizadas; e algumas medidas com validade questionável.

Para finalizar, os organizadores explicam que a revisão está pronta para “consumo interno” e que, como psicanalistas, sabemos que a psicanálise funciona, inclusive pela experiência de análise pessoal. Assim, a revisão tem o propósito de tornar acessíveis os estudos e estimular o aprimoramento das pesquisas de resultados do tratamento.

Apesar de considerar a relevância das questões abordadas no levantamento citado, este trabalho não pretende realizar ou analisar a pesquisa de resultados em si com seus problemas e metodologia. Interessa-nos destacar particularmente a importância de desenvolver estudos acerca dos efeitos do trabalho psicanalítico, menos pelo seu lado quantitativo, mais pelo seu potencial descritivo, que favorece a compreensão de elementos que compõem o processo e auxilia na busca de resultados eficientes.

Sabemos que as mudanças no paciente acontecem no processo da análise e não podem ser facilmente identificadas em partes deste. Há mudanças que serão visíveis ou identificáveis depois de longo tempo após o término do processo psicanalítico. Este item torna-se, aqui,

importante à medida que, a propósito da cura, pode-se perguntar: que recursos podem ter os terapeutas/analistas para avaliar o próprio trabalho?

Como Bion compreende questões referentes ao observável e identificável, aos instrumentos necessários ao analista, ao processo e aliança terapêutica, às melhoras precedidas por mudanças no sonho?

A psicanálise cura? Se sim, que tipo de cura? Por quais meios? Se a resposta for não, então como descrever a proposta da psicanálise? Que modelos ou metáforas podem ser usados na tentativa de descrever esse processo? Talvez estejamos diante de processos sem correspondência com nossos modelos familiares e seja necessário tomar ou mesmo elaborar outros que nos aproximem da descrição da prática psicanalítica. Mas a intenção não é responder. Como disse o próprio Bion, “a resposta é a desgraça da pergunta”.⁴

A seleção da base bibliográfica e a divisão do trabalho

Os textos selecionados para este trabalho correspondem à maior parte da produção de Bion entre os anos de 1943 e 1970. Foram selecionados os seguintes trabalhos: *Experiências com grupos – os fundamentos da psicoterapia de grupo* (1975), *Estudos psicanalíticos revisados* (1994), *O aprender com a experiência* (1966), *Elementos de psicanálise* (2004), *Transformações* (2004) e *Atenção e interpretação* (2006).

Utilizamos também a biografia escrita por Gérard Bléandonu, intitulada *Wilfred R. Bion a vida e a obra – 1897-1979*, na edição brasileira de 1993, exclusivamente para consultar dados biográficos. Outros autores da psicanálise contemporânea compõem a discussão pontualmente sobre temas específicos do próprio Bion.

Este texto está dividido em três capítulos. Acompanhamos a divisão que Bléandonu (1993) propôs da obra de Bion e pesquisamos os três primeiros períodos: período grupal (1940-1950), período de focalização nas psicoses (1950-1960), epistemológico (1960-1970). A cada período corresponde um capítulo do trabalho.

Cada capítulo está organizado com dados biográficos referentes a cada período, descrição dos conceitos e propostas teóricas do autor, enfatizando a perspectiva do processo psicanalítico e, ao final, um item específico tratando de elementos que pretendam compor a noção de cura do autor naquele período.

⁴ Citação de Maurice Blanchot: “La réponse est le malheur de la question”

O biógrafo delimita mais um período que chama de último período (1970-1979), incluindo as publicações póstumas. Por limitação de tempo ficaram excluídas deste trabalho as obras deste último período, a saber: *Uma Memória do Futuro*⁵ I (1975), II (1977) e III (1979); *Mudança catastrófica* (1966); *Notas sobre a memória e o desejo* (1967); *Evidência* (1976); *Cesura* (1977); *Turbulência Emocional* (1977); *Como tornar proveitoso um mau negócio* (1979); *Bion, W. R.* (1982/83 – publicação póstuma organizada pela esposa Francesca Bion, de característica autobiográfica); *Cogitações* (1990 – publicação póstuma organizada pela esposa) e as conferências realizadas em Los Angeles, Nova York, Rio de Janeiro e São Paulo.

Encontramos outra divisão da produção científica através dos três modelos de pensamento descritos pelo próprio Bion. Rezende (1994) apresenta a ideia do modelo como uma passagem, em que completado o percurso do ponto de partida ao ponto de chegada o modelo não é mais necessário. Os modelos que o autor observou na obra de Bion foram: científico-filosófico, estético-artístico e místico-religioso.

Rezende (1994) observa que há uma evolução dos modelos e que são complementares, mas a cada período há preferência de um modelo. Por exemplo, nas obras que se referem ao período epistemológico há a predominância do modelo científico-filosófico.

Optamos pela divisão proposta por Bléandonu pelo uso de temas para cada período, que nos pareceu mais familiar a uma leitora com experiência inicial de Bion.

⁵ Gostaria de um breve comentário sobre *Uma memória do futuro: I O sonho, II O passado apresentado e III A aurora do esquecimento*. A trilogia é escrita em forma de romance. Através da criação de personagens Bion vai apresentando sua síntese do que compreende como realidade psíquica, psicanálise, elabora críticas sociais, tudo ao mesmo tempo. A leitura exige que o leitor solte sua fantasia; se tiver conhecimento dos conceitos pode aos poucos identificando sentidos. Encontramos um livro de introdução à trilogia, de Paulo César Sandler (1988), que objetiva auxiliar a leitura, em virtude das dificuldades que podem se apresentar ao leitor. Embora seja um trabalho em formato pouco convencional, é considerada uma obra incompreendida, para além de seu tempo.

CAPÍTULO I – O PERÍODO GRUPAL

Iniciaremos esse capítulo com dados biográficos com o objetivo de apresentar o autor; julgamos que informações sobre sua vida infantil e juvenil são úteis para contextualizar sua obra. A seguir, apresentaremos o período grupal propriamente dito e, por último, o item específico sobre a noção de cura neste período.

O autor – a família e a infância

A principal referência para a pesquisa de dados biográficos de Bion neste trabalho é a publicação *Wilfred R. Bion, a vida e a obra; 1897-1979*, de Bléandonu (1993)⁶. Este inicia a biografia de Bion dizendo que nenhum relato de sua vida foi publicado e que sua única fonte era a própria autobiografia de Bion.⁷

Wilfred R. Bion nasceu em 8 de setembro de 1897, em Muttra, no Pânjab (ou Penjab ou Punjab), província da Índia anexada à colônia inglesa em 1849. Pelo lado paterno, descende de antigos huguenotes, que se instalaram na Inglaterra. As gerações que usavam esse sobrenome serviam na Índia em missões e serviços públicos. O brasão e a divisa da família Bion assinalam a religiosidade “Sem Deus, nada tem significado”.

Diz-nos Bléandonu (1993) que o pai de Bion era engenheiro, ligado ao serviço público britânico, prestava serviço para o governo indiano no setor de irrigação. O pai construiu uma imagem idealizada de si e dos filhos, na qual eles deveriam se encaixar. Era rígido nas punições, admirado e temido. Em uma carta à noiva descrevia a família como “biruta”, ao relatar a vida do avô e de seus tios paternos. Encontramos também a descrição de “um conjunto de amalucados” para se referir à família.

Bion viveu na Índia até os 8 anos, sob os cuidados de uma velha ama indiana, referida como a querida Ayah, por quem tinha especial apreço. Esse fato teve importância significativa em sua formação cultural, foi impregnado por dois mundos diferentes. A cultura indiana esteve impressa em sua vida e obra. Ele próprio designava-se como anglo-indiano, mantendo

⁶ Consultamos ainda Roudinesco (1998), Mijolla (2005) e Zimerman (1995)

⁷ O livro foi publicado postumamente pela esposa de Bion, Francesca, em dois volumes. Em 1982 o volume I, com título original *The Long Week-end* pela *Fleetwood Press*. Trata-se do relato de suas memórias no período de seu nascimento até o final da 2ª Guerra Mundial, aos 45 anos. O livro está dividido em três partes: A Índia, A Inglaterra e A guerra. O volume II, publicado no ano seguinte, inclui duas partes, a primeira *All my sins Remembered* e a segunda um conjunto de notas e cartas à família, intitulado *The Other Side of Genius*.

certa veneração pelo país, onde nunca mais voltou. Tinha registrado a imagem da beleza, do clima quente e da vegetação.

Não há dados sobre a família materna, e a mãe se dedicava à vida doméstica. Bion observava mudanças de humor repentinas na mãe e considerava-a assustadora. Questionava-se se não seria mais ligado à velha babá do que aos pais. Estes tiveram mais uma filha, Edna, logo depois de Bion.

O biógrafo aponta que Bion percebia-se como pouco valente, ainda mais comparado ao corajoso caçador que seu pai se consagrou. Num episódio em que feriu profundamente o dedo com uma espingarda que ganhara, acabou por receber o curativo como de um soldado. Já na velhice, examinando a cicatriz, Bion dizia ter sido apenas um maricas. Numa viagem com o pai, ficou sensibilizado ao descobrir que um cabritinho era colocado como isca numa armadilha para tigres. Associou com seu próprio destino de logo depois dessa viagem ter sido afastado da família. Como poderia ser tão covarde, pensava.

Bléandonu (1993) conta que a descoberta de Bion da masturbação veio acompanhada de mais represálias e decepção com a irmã que lhe denunciava aos pais por suas “contorções”. O menino Bion questionava-se se sua covardia estaria relacionada às “contorções”.

Bion foi separado dos pais aos 8 anos, era comum que filhos de altos funcionários fossem enviados para receber educação formal na Grã-Bretanha. Esta experiência dolorosa o marcou. Refere-se em suas memórias à querida babá indiana e à despedida traumática de sua mãe ao ingressar na escola britânica.

O período nessa escola foi sentido como um exílio, o primeiro dia foi considerado horrível, abominável e o lugar sombrio e sem vida. Os sentimentos de solidão e abandono eram intensificados pela hostilidade das demais crianças. A religião o atormentava, com a possibilidade de ser castigado por suas “contorções”, que poderiam ser um oásis. Foi advertido de que poderia ser expulso por causa delas. Sentia-se expulso de seu Éden indiano. Questionava-se se teria sido expulso por causa das contorções. Às vezes a mãe lhe fazia breves visitas. Numa noite ele e um amigo tiveram uma explosão de riso. Encarou como um pecado e veio o castigo, acompanhado de uma nova nuvem de decepção e abandono. Dias depois o amigo teve uma crise de apendicite não diagnosticada e morreu. O pequeno Bion se lembraria sempre do cúmplice da crise de riso castigado no cemitério próximo. (Bléandonu, 1993)

Segundo Roudinesco (1998), Bion desenvolveu certa aversão pela sexualidade, especialmente a partir da experiência de abandono e hostilidade vivida no colégio e se manteve virgem até o casamento aos 40 anos.

Bion, segundo Bléandonu (1993), fazia um esforço grande para esquecer seus pais, na tentativa de se poupar da tristeza da nostalgia que lhe invadia quando pensava neles. O período de férias em contato com famílias de amigos propiciava o encontro com outros modelos familiares e, no caso, de condições sociais e econômicas superiores. Os colégios ofereciam a educação da tradição, no auge vitoriano, e as famílias colocavam seus filhos almejando que os mesmos viessem a pertencer à elite coesa e homogênea, conhecida como *Establishment*.

Quando ingressou na escola principal Bion já se destacava em praticamente todos os esportes, era alto e forte, treinava com afinco e conseguia o primeiro lugar. Era capitão da equipe de natação e de *rugby*. Era respeitado e tinha a consideração geral. Através do esporte dava vazão à sexualidade.

A escola de Bishop's Stortford, além de boa formação básica de conhecimento, possibilitou a Bion conviver com a rica burguesia, apreciar e aderir gostos e costumes desta.

Duas Guerras Mundiais

Assim como a cultura indiana trouxe à vida de Bion experiências e impactos intensos, destaca-se a participação nas duas grandes guerras mundiais, como algo altamente importante na sua formação, na sua vida e na sua obra.

Segundo Bléandonu (1993), aos 17 anos o curso natural levaria o jovem Bion à universidade, no entanto os pais tinham negado ajuda, e, ao pleitear uma bolsa, seus conhecimentos não eram suficientes. De qualquer forma a Grã-Bretanha ingressara na primeira guerra mundial e Bion se apresentou ao serviço militar em 1916. Não teve dificuldades para ser aprovado nos testes, destacando-se devido a suas qualidades esportivas.

Foi combatente no batalhão de blindados. A situação lhe causava susto e excitação eufórica. Suportar o desconhecido, o front, era desafiante e Bion foi, aos poucos, adotando a postura mais resignada. A espera era torturante, percebia que na guerra não acontece nada, ou ninguém podia saber o que acontece. Numa situação em que seu tanque foi atingido e por pouco não chegou ao reservatório de combustível, um suboficial lhe comunicou que não havia mais oficiais e perguntou se ele não assumiria o comando da infantaria. Bion assumiu e consciente de sua inexperiência solicitou ajuda ao suboficial. Desempenhou bem o comando e foi cumprimentado e condecorado. A situação causou manifestações de inveja de outros combatentes e o próprio Bion, diz o biógrafo, sentia-se desconfortável com a distinção, ser destacado da massa e do grupo que vivera com ele o mesmo perigo e medo.

O biógrafo relata o pavor e medo vividos por Bion, bem como a vergonha despertada pela covardia. A fixação na memória das imagens da guerra se manteve por toda sua vida. Dono de uma prodigiosa memória visual, os detalhes das cenas ficaram gravados com intensa nitidez e a emoção reapareceu nos seus escritos autobiográficos.

Sentia-se extremamente perturbado com a “renovação” dos grupamentos, com as perdas de soldados e o rompimento de laços de amizade e camaradagem. Um dos poucos amigos foi para uma licença e não voltou, foi parar em um asilo de loucos. Bion sensibilizou-se com a situação e sentia reforçar suas angústias e temores de ele próprio enlouquecer.

Recebeu uma condecoração de D.S.O. (Distinguished Service Order), nada banal para um combatente tão jovem, e o direito de ir à cerimônia lhe permitiu uma licença e um encontro com a mãe. Esses encontros, conforme descreve Bléandonu (1993), tinham um tom melancólico e o peso do silêncio agressivo e da solidão. A convocação para o retorno veio já no dia seguinte. Aos poucos o subtenente se fecharia ainda mais, diminuindo o diálogo.

Aos poucos foi se tornando mais introspectivo e, no lugar do desejo de mostrar-se corajoso, crescia o desejo de não ser desonrado, de ser perfeito em sua função de oficial de infantaria, recriminava-se pelas falhas, pois tinha sido treinado para blindados. Foi promovido a capitão, com direito a alguns pequenos confortos como lençóis limpos, quarto individual. Permanecia a sensação, a cada manobra, de que a qualquer momento seria sua vez, as suas chances de sobreviver teriam se esgotado.

A convivência com mentiras de todo tipo era bastante desgastante. Tratava-se de eufemismos, enganações do alto comando para permanecer em seus postos e notícias falseadas dirigidas às famílias. A verdade parecia ser insuportável e tinha que ser contornada. Suas próprias imagens internas, “fantasmas que não morrem nunca”, também lhe sugavam a vida, levando-o a descrever o impacto emocional em uma frase sintética “Ah! sim, morri – no dia 8 de agosto de 1918”. (Bléandonu, 1993, p. 41) O tema da verdade será um elemento fundamental para Bion descrito como “alimento psíquico”, como veremos no terceiro capítulo.

Enfim, Bion teve a infelicidade de pertencer a uma das gerações que sofreu enormes destruições e foi dizimada pela Primeira Grande Guerra. O impacto dessa experiência, embora dificilmente possa ser dimensionado, com certeza foi fundamental para a vida emocional e intelectual de Bion. O seu interesse por compreender a relação entre pensamento e ação, a intolerância e fuga da realidade, a noção de *terror sem nome*, a ideia de uma função especial que suporta o não saber, que tem que aguardar em alerta, sem ter como interferir. A própria ideia da personalidade dissociada em duas partes, assim como o funcionamento dos grupos

em dois níveis, nos parece procurar responder às emoções despertadas na infância e revividas na situação pavorosa e irracional de estar em guerra.

O período foi tão marcante que, ao final da vida, ele se ocupou de uma parte de sua autobiografia para descrever a guerra, talvez em mais uma tentativa de elaborar as emoções desse período.

Ao final da Primeira Guerra, segundo Bléandonu (1993), Bion se desligou do exército e ingressou na Universidade de Oxford e concluiu a licenciatura em Letras. Já havia estudado História Moderna e se encantado pela obra de Kant. Continuou se destacando nos esportes, coordenando equipes, como aluno e depois como professor também. Foi lecionar história e literatura com desempenho considerável, tinha reputação de um “espírito universal”. Nesse período teve acesso ao primeiro livro de Freud, trazido por um amigo dos tempos do colégio. Apesar de reconhecer seu cansaço do magistério, Bion se afastou da carreira de professor por um episódio surpreendente. Foi acusado pela mãe de um aluno de ter tentado aproximação sexual com seu filho; com isso, foi demitido pelo diretor, a despeito de sua insistência em negar o fato. Desistiu de procurar defesa judicial e foi estudar medicina.

Foi admitido no *University College* sem dificuldades, teve professores competentes e pôde estabelecer amizades com pessoas que o influenciaram, tanto no conhecimento técnico como no trabalho de se refazer de recriminações e julgamentos de fracasso sobre sua própria vida. Essa imagem não era compartilhada por amigos, que o viam como jovem vencedor.

Uma destas pessoas importantes, afirma Bléandonu (1993), foi Wilfred Trotter⁸, professor de cirurgia. Bion como seu assistente pôde admirar suas capacidades técnicas e pessoais. Percebia que outros poderiam ter capacidades técnicas superiores, no entanto este ouvia o paciente com interesse particular. “Trotter, por outro lado, escutava com um interesse desprovido de pretensões, como se as contribuições do paciente decorressem naturalmente do próprio conhecimento (...). Seu interesse tranqüilo tinha como efeito fazer jorrar outras indicações do paciente; a fonte de conhecimento não se esgotava” (Bion⁹, 1983 apud Bléandonu, 1993, p. 47). Este talento de Trotter o diferenciava: “A superioridade ética acarretava uma eficácia maior, pois ela se apoiava na verdade da pessoa”. (Bléandonu, 1993, p. 47)

Trotter ainda tinha interesse pelo tema dos grupos, desde 1908 o cirurgião passou a publicar estudos sobre o instinto gregário. É possível que ele tenha contribuído para despertar

⁸ Wilfred Trotter foi citado por Freud em seu artigo *Psicologia de massas e análise do eu*.

⁹ BION, W. R. *All my sins remembered. The other side of genius*. Fleetwood Press, Abingdon.

o interesse de Bion pelo estudo da vida grupal. Concluiu sua formação de médico e cirurgião em 1930.

Bion tinha iniciado sua primeira psicoterapia em torno dos 30 anos, logo depois de um rompimento amoroso traumático. Foi abandonado pela noiva, que se apaixonou por outro. Procurou ajuda, segundo Bléandonu (1993), por problemas de ansiedade que o acompanhavam, sentia-se perturbado pela sensação de repetidos “fracassos”, talvez desde a infância. A escassez de recursos financeiros para a psicoterapia levou-o a contrair dívidas e se sentir cada vez mais “fracassado”. O encerramento do trabalho terapêutico se deu a partir de uma proposta do psicoterapeuta de encaminhar-lhe pacientes a troco de uma porcentagem de seus honorários. Em suas memórias, afirma o biógrafo, trata esse psicoterapeuta com reticências, questionando seus posicionamentos éticos. Tratava-se do Dr. J. A. Hardfield, que, por muito tempo, foi o único terapeuta de orientação psicodinâmica que trabalhava numa universidade britânica.

Após concluir sua formação médica e cirúrgica, Bion foi trabalhar na clínica Tavistock em 1932. Esta foi a primeira clínica a oferecer psicoterapia de orientação analítica a pessoas que não podiam pagar os tratamentos em clínicas privadas. Era mantida com doações e incentivos públicos, além da modesta contribuição dos pacientes. Hardfield participou da criação e da expansão da Tavistock intensivamente. A pesquisa e a formação passaram a compor as atividades da clínica, juntamente com a terapia. A associação com o Instituto de Psicanálise se deu em 1935, a partir da necessidade de atendimentos especializados à grande demanda de casos de distúrbios de comportamento e delinquência.

Foi através da Tavistock que Bion recebeu como paciente outra pessoa que foi marcante, Samuel Beckett, que foi indicado para prêmio Nobel de Literatura diversas vezes, sendo premiado em 1969. Este procurou tratamento para seus problemas psicossomáticos. A experiência parece ter sido marcante para os dois, que apresentavam interesses intelectuais comuns, especialmente a literatura.

A última figura masculina memorável, destacada por Bléandonu (1993), que teve influência nessa primeira fase da formação de Bion foi John Rickman, renomado psicanalista da época, que foi analisado por Freud e também por Melanie Klein, sendo, posteriormente, um seguidor de suas ideias. Bion esteve em análise com Rickman, interrompida em função do início da Segunda Guerra Mundial.

Período Grupal

Segundo Bléandonu, os escritos de Bion sobre seu trabalho com grupos são relevantes em sua produção científica por dois motivos principais. Primeiro, porque o autor ficou conhecido internacionalmente por seus estudos inovadores sobre dinâmica dos grupos, e, segundo, pela especial importância que os grupos tiveram no reconhecimento dos mecanismos primitivos, que auxiliaram na compreensão e na clínica com pacientes psicóticos.

No período grupal, entre os anos de 1940 a 1950, Bion publicou alguns trabalhos¹⁰ e artigos que foram reunidos no livro *Experiências com grupos* (1948-1951).

Bion, afirma o biógrafo, retomou suas atividades militares em 1940, agora como um homem maduro, bem sucedido socialmente e que ganhava a vida num trabalho liberal. Assim como outros psiquiatras, combinava sua atividade clínica com o tratamento de pacientes que sofriam com os fatos ocorridos na guerra. Um grupo da Tavistock já elaborara publicações em torno do tema das neuroses de guerra.

Os distúrbios emocionais eram a causa mais importante do adoecimento dos militares durante a Segunda Guerra. Os esforços terapêuticos dos psiquiatras militares, nesse contexto, eram importantes e especialmente dirigidos para as neuroses e as psicopatias e uma pequena parte para as psicoses.

Nesse período dois trabalhos de Bion com grupos se registraram como experiências inovadoras. Encontramos na biografia já citada uma descrição resumida do trabalho realizado na seleção de oficiais. O exército estava carente de oficiais e precisava selecionar um grande número. Designado para compor a comissão responsável pela seleção propõe outro método de trabalho, a técnica do grupo sem líder (*Leaderless Group Project*). Sugeriu que a comissão composta por outros oficiais pudesse observar o trabalho dos candidatos numa situação de grupo. A técnica consistia em apresentar uma tarefa a um grupo de nove ou dez candidatos sem nenhuma instrução referente à organização do trabalho, e observar, especialmente como cada um enfrentava as tensões geradas pela tarefa, os medos de fracasso e as ambições pessoais. O enfoque seria nas aptidões relacionais. Era uma mudança radical em relação ao

¹⁰ 1940 The War of Nerves: Civilian Reaction Morale and Prophylaxis, in *The Neuroses in War*, Miller E. Ed. Macmillan.

1940. Intra-group Tensions in Terapy: their study as a task of the group. *Lancet*, 2, 1961.

1946 The Leaderless Group Project. *Bull Menninger Clinic*.

1948 Psychiatry in a Time of Crisis. In *Bristish Journal of Medical Psychology*. Também em: "A Psiquiatria numa época de crise. Revista Gradiva, Rio de Janeiro, 13, 1981.

processo anterior de seleção baseado nos testes psicológicos individuais. Sem dúvida nessa proposta estava a sua própria experiência como combatente e líder de grupos na Primeira Grande Guerra. Lembremos que ele próprio assumiu, inesperadamente, o comando de uma tropa sob o fogo do inimigo, tendo que conciliar seus interesses e a necessidade de liderar homens que não conhecia. Por sua experiência no *front* conseguia se comunicar melhor com os oficiais da tropa do que os outros oficiais de saúde. Seu projeto foi aprovado pelos oficiais, cresceu e vários comitês de seleção foram formados.

Bion se decepcionou quando outro oficial foi designado para o comando dos comitês de seleção, e, muito enraivecido, pediu sua transferência ao hospital militar de Northfield, afirma o biógrafo. Um movimento dentro do próprio exército se opunha à ação de psiquiatras no exército, ainda mais que todos tinham orientação analítica. Era considerada perigosa a introdução de princípios democráticos no exército e o estado de espírito de Bion era tido como subversivo.

O desafio de lidar com o “fracasso” era, sem dúvida, uma questão que acompanhava Bion. Dizia-se tímido, taciturno, covarde, “maricas”. Somados às suas características de altamente exigente, questionador das normas e do estabelecido, pouco conformado e resignado em situações limites, a técnica do grupo sem líder parece ser um reflexo desse complexo de inquietações.

O segundo trabalho com grupos que Bion desenvolveu no exército foi no serviço de psiquiatria do Hospital Militar de Northfield. Este foi um dos hospitais criados para receber pacientes em sofrimento pelas “neuroses de guerra”. O hospital contava com dois pavilhões, um de tratamento e outro de reabilitação, que eram rigorosamente divididos. Rickman cuidava do pavilhão de tratamento e Bion dirigia o setor de reabilitação. O clima inicial era sombrio e o trabalho pouco eficiente, era perceptível que todos usavam a mesma reação de fuga para lidar com a neurose, tanto os pacientes como os oficiais em serviço. Estabelecia-se uma espécie de conluio inconsciente entre os pacientes, equipe médica e a instituição hospitalar. O indivíduo e o grupo estavam em disfunção e precisavam enfrentar a neurose. A proposta de Bion era considerar a reabilitação como um problema grupal.

O livro intitulado *Experiências com grupos – Os Fundamentos da Psicoterapia de Grupo* (1975), publicado originalmente pela *Tavistock Publications* em 1961, reúne os artigos de Bion do período de 1943 a 1952.¹¹

¹¹ A série “Experiências com grupos I-VII” foi publicada originalmente pela revista *Human Relations*, entre os anos de 1948 e 1951. O trabalho “Tensões Intragrupais na Terapêutica”, escrito em colaboração com

O autor aponta, já no início do livro, sua compreensão de que a abordagem psicanalítica feita através do indivíduo ou através do grupo alcança faces diferentes de um mesmo fenômeno, oferecendo ao profissional uma visão binocular. É próprio da natureza do homem analítico identificar-se com diferentes papéis nos jogos das relações interpessoais. Distingue a terapêutica de indivíduos reunidos em grupo em que os problemas individuais são abordados e a terapêutica de grupo em que o objetivo é adquirir esclarecimentos e experiências que auxiliem o funcionamento criativo e produtivo do grupo.

Bion apresenta com detalhe sua experiência em Northfield, no hospital psiquiátrico para oficiais. Expõe a construção de seus raciocínios sobre o trabalho terapêutico de grupo. O trabalho se deu na ala de reabilitação com uma média de 300 a 400 internos. O primeiro ponto a ser considerado era a necessidade de disciplina do grupo, que incluiria certa rotina, horários e atividades mínimas. Ainda em analogia com o trabalho militar, o autor identificou a necessidade de encontrar um “inimigo” e um objetivo comum que pudessem uni-los. O inimigo seria a incapacidade neurótica do grupo. O problema era como convencer o grupo do objetivo de lutar contra a paralisia neurótica. O conceito de resistência ao tratamento individual já era conhecido e o autor propõe estendê-lo à análise do grupo e da sociedade.

Bion nos conta que a proposta do trabalho de terapêutica do grupo foi apresentada a todos e incluía a formação de grupos de atividades de três tipos: atividades bélicas, civis e de expressão. Os grupos seriam organizados pelos próprios soldados internos e poderia contar com a colaboração de outros profissionais; qualquer um poderia formar um novo grupo e todos deveriam participar de um ou mais grupos. Aquele que não se sentisse em condições de realizar as tarefas do grupo deveria ir a uma espécie de sala de descanso, onde poderia ler ou jogar, sem barulhos excessivos, sob a supervisão de um enfermeiro que registraria a presença. Os membros do grupo teriam total liberdade para se movimentar. Além disso, todos deveriam participar de uma reunião diária e fazer uma hora de exercício físico por dia, salvo no caso de restrição por orientação médica.

Essa reunião diária foi denominada por Bion de “formatura das 12:10” e serviria para divulgar comunicados e orientações sobre o funcionamento da ala de recuperação. Segundo o autor, seu objetivo principal, não divulgado aos soldados, era de que “essa reunião, estritamente limitada a 30 minutos, ensejasse uma ocasião para os homens saírem de sua estrutura e examinarem o funcionamento dela com o desligamento de espectadores. Em

John Rickman foi publicado pela *Lancet*, em 1943 e “Dinâmica de Grupo: uma Revisão” pelo *Internacional Journal of Psycho-Analysis*, em 1952.

resumo, estava ela projetada para ser o primeiro passo no sentido da elaboração de seminários terapêuticos.” (Bion, 1975, p. 8)

Esse aspecto nos pareceu especialmente importante por seu potencial analítico; podemos pensar na função de espectador como um exercício de afastamento de aspectos mais fantasiosos, no sentido neurótico, e aproximação de aspectos do princípio de realidade, representados pela rotina, horários, que podem ser base para as capacidades produtivas e criativas. Além disso, parece ser uma estratégia para distribuir a responsabilização pela organização e funcionamento do espaço terapêutico, externo e interno. Seria um exercício de resgate de potenciais e capacidades dos soldados.

Segundo Bion, a prática de sua ronda pelas unidades incluía ser acompanhado por um ou dois homens afastados de seu grupo de trabalho “apenas para ver como o resto do mundo vive” (Bion, 1975, p. 9). Essa atividade propiciou a observação do fenômeno descrito como “engodo”, ou seja, poucos participantes nas oficinas, e tudo funcionando como uma fachada, análogo ao que os próprios pacientes se queixavam do Exército. A comunicação dessa observação ao grupo, na formatura de 12:10, soou como uma espécie de denúncia já que foi dirigido para o tema da responsabilidade comum e não de um só oficial, no caso, Bion. O efeito descrito pelo autor foi de mudança rápida, o grupo tornou-se autocrítico e passou a agir, por exemplo, na limpeza e conservação das enfermarias.

O autor apresenta um exemplo do que chamou o método e o consequente resultado. Após o início das atividades dessa “ocupação” da ala da reabilitação, um grupo apresentou a queixa de que a maior parte dos homens estava se aproveitando da complacência da organização, ficando ociosos, enquanto a minoria se empenhava nas atividades. O autor aponta aos queixosos que este é um problema presente na vida civil e questiona-os sobre o que os levaria a pensar que esta organização seria diferente.

A resposta, segundo o autor, também era uma recusa de tomar para si a responsabilidade de cura dos homens da ala de reabilitação. E acaba por devolver a questão ao pequeno grupo. Esse problema dos homens refratários à cooperação é um problema que interessa a todas as instituições e parece não ter solução simples.

(...) não seria possível que a natureza do problema ainda não tivesse sido completamente elucidada e que eles (os queixosos) estivessem tentando precipitar uma cura, antes de a doença ter sido diagnosticada? (...) Sugerir que o estudassem e

voltassem com novas propostas, quando achassem que estavam começando a ver a luz.

(Bion, 1975, p. 11)

Essa determinação de não tentar solucionar problemas até que os contornos dos mesmos estivessem claramente definidos, segundo Bion, gerava uma saudável impaciência, confiança de que os problemas seriam enfrentados com seriedade e a sensação de estarem engajados em uma atividade valiosa e importante.

A experiência com esse grupo durou apenas seis semanas e, ao analisar os resultados, o autor destaca o progresso das reuniões de 12:10.

Foi evidente que as reuniões das 12:10 ficaram cada vez mais relacionadas com a expressão, por parte dos homens, de sua capacidade de manter contato com a realidade e regular eficientemente suas relações com os outros e com suas tarefas. A necessidade de organização de seminários para terapêutica de grupo tornou-se clara e a base de seu começo pareceu achar-se firmemente lançada. (Bion, 1975, p. 14)

O autor inclui como sinais positivos da experiência os seguintes pontos: depois de um mês, os homens que tinham dificuldade de engajar-se em atividades não encontravam tempo para tudo que queriam realizar; os afastamentos sem permissão foram praticamente inexistentes; a relação com os superiores se tornou amistosa e cooperativa e a atmosfera de confiança e engajamento.

O “bom espírito do grupo”, segundo Bion, está relacionado às seguintes condições: ter um objetivo comum ou propósito compartilhado, seja ele lutar contra um inimigo, realizar uma construção na área social ou exercitar habilidades físicas; reconhecer os limites do grupo e sua relação com grupos maiores; ter certa flexibilidade para absorver novos membros e perder outros, sem perder a identidade grupal; garantir a liberdade para surgir subgrupos, e encará-los como importantes para o grupo principal; liberdade de movimento para cada membro individualmente e reconhecimento de suas contribuições; o grupo deve desenvolver capacidades para enfrentar e lidar com os descontentamentos internos; o grupo deve ter no mínimo três pessoas, como garantia de estabelecer relações interpessoais.

O trabalho na ala de reabilitação foi interrompido abruptamente pelo comando do Exército sem justificativas claras. Zimerman (1995) comenta esta interrupção dizendo que os

oficiais ficaram muito surpresos com a mudança no hospital, pois o resultado foi o restabelecimento da disciplina e o surgimento de um verdadeiro “espírito de grupo”.

Mais tarde, afirma Bléandonu (1993), Bion percebeu ter desencadeado uma reação em cadeia, pois o grupo havia liberado emoções intensas, que se manifestavam por melhora no moral dos pacientes e atos de indisciplina.

A experiência no hospital de Northfield é considerada base para criação da “comunidade terapêutica”, e Bion é considerado o precursor dessa forma de trabalho.

Nesse período, contextualiza Bléandonu (1993), Bion estava casado com a atriz Betty Jardine, vivia um romance que inspirava admiração. Com a gravidez de Betty, o casal se volta para o nascimento do filho e Bion ameniza a ruminação de seus fracassos profissionais. No nascimento da filha, Bion estava em função na Normandia e recebeu a notícia do falecimento da esposa, três dias depois do parto. Bion ficou abalado e atormentado com perguntas sobre a morte de Betty. Contratou uma senhora para cuidar de sua filha e voltou ao serviço militar para um último trabalho, com o fim da guerra, a reorganização e readaptação dos militares.

Em 1945 iniciou sua análise com Melanie Klein, residia numa casa de campo junto com a família que cuidava de seu bebê. Trabalhava duro em seu consultório e retomava a formação no Instituto de Psicanálise. Investia o tempo livre para se familiarizar com a filha.

No retorno ao trabalho na Tavistock os grupos eram seu foco de interesse e se ocupou do tratamento de pequenos grupos como terapeuta. Além desse trabalho de terapeuta, observava a dinâmica institucional e sua curiosidade dirigia-se para indivíduos que exerciam funções de poder. Coordenou junto com Rickman e Sutherland um grupo de diretores da clínica em um clima de alta tensão grupal. Apesar de só ter durado um ano, essa experiência mobilizou os participantes e levou alguns deles a procurarem análise individual. (Bléandonu, 1993)

A experiência com grupos se seguiu. Em 1948, já desligado da Clínica Tavistock, num movimento de independência Bion organizou seus próprios grupos terapêuticos numa instituição de assistência psiquiátrica. Introduziu conceitos alheios à psicanálise. Sua proposta ao grupo de pacientes era a tarefa do estudo de suas tensões, sem nenhuma regra ou pauta, observava e comunicava ao grupo suas impressões sobre a atitude do grupo em relação a ele e em seguida em relação aos outros participantes. Foi necessário criar novas noções.

Conceitos da dinâmica dos grupos

Em seu livro *Experiências com grupos* (1975), o primeiro ponto que Bion enfatiza na observação dos grupos é a expectativa da Comissão Profissional da Clínica Tavistock de que os pacientes pudessem ser curados através do trabalho de grupo. Ele próprio parece ter outra expectativa, que se resume ao grupo aceitar os seus esforços e sua proposta de estabelecer como tarefa do grupo compreender as tensões que o próprio grupo sofria.

A questão da expectativa em relação ao psiquiatra coordenador era semelhante nos diversos tipos de grupos, independente do número de participantes, de serem pacientes ou profissionais, esperava-se que ele fosse o responsável pelo tratamento do grupo. À primeira vista, poderíamos pensar que essa expectativa seria natural, o profissional é o responsável pelo trabalho que propõe. No entanto, no caso da proposta de conhecer o psiquismo pela psicanálise, o “é natural” sempre parece ser insuficiente. Penso que é deste aspecto que Bion está tratando radicalmente: o grupo demonstra em sua expectativa a fantasia mágica de que uma pessoa pode e fará algo em seu benefício, assim como concentra nessa pessoa a explicação do que não dá certo. Havia momentos de tensão em que se esperava que o coordenador fizesse algo e o que o autor relata é que suas falas com frequência não eram bem recebidas. Todos “fazem algo” no grupo, diz-nos, então Bion, inclusive o coordenador, mas a expectativa é de que fosse algo suficiente e eficiente para livrar do sofrimento rapidamente.

As intervenções do autor no grupo de pacientes podem ser entendidas como transferenciais, pois se tratava de dizer ao grupo que percebia a expectativa e que se questionava sobre o que teria gerado essa expectativa.

Outro aspecto apontado por Bion é a importância que o indivíduo dá ao julgamento que o grupo e, por extensão, a sociedade faz dele, em outras palavras, o valor dado pelo indivíduo ao que ele acha que o grupo espera dele. “(...) qualquer pessoa que tenha qualquer contato com a realidade está sempre consciente ou inconscientemente formando uma estimativa da atitude do grupo para com ela. (...) Ora, mesmo que ainda seja mantido que a opinião do indivíduo sobre a atitude do grupo para com ele próprio não tem importância para ninguém, a não ser ele mesmo, espero que fique claro que essa espécie de julgamento faz tanto parte da vida mental do indivíduo quanto a sua avaliação, digamos, das informações que lhe são trazidas pelo sentido do tato.” (Bion, 1975, p. 35) A vida social do grupo depende desse aspecto. Investigar essa estimativa e procurar formas de torná-la clara parece ser uma direção no trabalho de grupo de Bion. E um resultado apontado como bom proveito da experiência de grupo é o fato do indivíduo conseguir ser mais preciso na apreciação de sua

posição no campo emocional e, ao mesmo tempo, aceitar a realidade de que mesmo aumentado o nível de precisão, este é limitado.

Uma observação fundamental de Bion foi de que os membros do grupo reunido para uma determinada tarefa evidenciavam atitudes e estratégias que não conduziam ao objetivo da tarefa. Os integrantes manifestavam desempenho intelectual e julgamento crítico inferiores ao que apresentavam fora da circunstância grupal. As situações eram carregadas de emoções, que influenciavam a atividade do grupo, sem que seus integrantes percebessem e se dispusessem a examinar o fato. O autor identificou então duas tendências: uma que se dirigia à realização da tarefa e outra, em oposição, que obstruía a realização da mesma por manifestações regressivas e primárias. Estamos diante de elementos teóricos que vão ser foco de interesse do autor na sua produção científica: a resistência à mudança e à análise, a noção de dois funcionamentos concomitantes, grosso modo consciente e inconsciente, que posteriormente se desmembrará nas partes psicóticas e não psicóticas da personalidade, a função espectador e as informações vindas da estimativa da pessoa em relação ao social.

1. Mentalidade grupal e Cultura do grupo

A essa existência de funcionamento do grupo como uma unidade Bion denominou *mentalidade grupal*. Os indivíduos contribuem para o grupo com aspectos que são declaradamente seus, mas também há a necessidade de depositar contribuições anônimas, não reconhecidas. A mentalidade do grupo seria o “fundo comum ao qual as contribuições anônimas são efetuadas e através do qual os impulsos e desejos implícitos nessas contribuições são satisfeitos.” (Bion, 1975, p. 42) Assim, podemos esperar que a *mentalidade do grupo* pode ser completamente diferente e contrastante com o pensamento dos indivíduos do grupo. A *mentalidade do grupo* pode ser descrita como o equivalente do inconsciente no contexto individual. Pode ser percebida através de uma espécie de “microscópio mental”, como a oposição que todo grupo manifesta contra os objetivos conscientes dos indivíduos que compõem o próprio grupo, por exemplo, o objetivo de enfrentar os problemas.

Esse fundo comum resultante da contribuição inconsciente de cada pessoa do grupo, a *mentalidade do grupo*, expressa vontade e pensamentos unânimes. No entanto, não permitindo a manifestação das necessidades pessoais, acaba estabelecendo conflito entre o interesse pessoal de se beneficiar da participação no grupo e a *mentalidade grupal*. O sentimento de frustração é predominante e, para o autor, está relacionado aos aspectos das contribuições anônimas, ou seja, ao desejo de satisfação de impulsos anonimamente. Ao mesmo tempo, a satisfação desses impulsos traz para o indivíduo outras frustrações. (Bion,

1975, p. 46) Penso, por exemplo, na atitude de negação frente a uma compreensão intelectual ou na atuação de impulso agressivo. São circunstâncias conflitivas por realizarem certos impulsos e ao mesmo tempo coibirem a realização de outros.

Bion afirma que o grupo tem potencial para satisfazer o indivíduo em certas necessidades mentais que só podem ser satisfeitas em grupo. Esse potencial é confrontado pela *mentalidade do grupo*. Esse interjogo propicia que o grupo atinja uma estruturação, estabelecendo uma organização e objetivos a perseguir. Essa organização do grupo é denominada *cultura do grupo*. A cultura aparece na necessidade de um determinado tipo de líder. A forma como o grupo lida com as expectativas em relação ao terapeuta evidencia a cultura que está em constituição, por exemplo, se trata o líder com extrema reverência ou com hostilidade. O papel do terapeuta do grupo é de elucidar as tensões, e para isso, dispõe desta tríade conceitual: indivíduo, *mentalidade de grupo* e *cultura do grupo*.

2. Grupo de suposto base

O foco de Bion era a vida emocional dos grupos, o clima afetivo que acompanhava as trocas verbais, não tanto o conteúdo destas. É nesse clima que se manifestam diferentes formas de obstaculizar a realização dos desejos do indivíduo. O indivíduo sente desconforto quando pensa ou age em desacordo com a *mentalidade do grupo*. Bion postula então que há duas categorias de atividade mental coexistentes no grupo: a do *grupo de trabalho* e a do *grupo de suposto base*.

O termo *grupo de trabalho* designa uma forma de atividade mental, não os indivíduos envolvidos na atividade. Nessa atividade, o objetivo é levar a bom termo a realização de uma tarefa, com cooperação e respeito à verdade¹², tomando em consideração as noções da realidade e do tempo, com vistas a uma evolução. É comparável à função que Freud atribuía ao ego. As atividades que desviam ou incomodam a atividade racional do grupo, que a princípio podem ser vistas como caóticas, adquirem certa coesão com a proposta de Bion dos três supostos básicos. Esses últimos emergem do estado emocional do grupo e compõem o *grupo de suposto base*.

O *grupo de suposto base*, coexistente com o *grupo-de-trabalho*, é constituído pelos aspectos emocionais involuntários dos indivíduos, automáticos e inevitáveis. O *grupo de base*

¹² Entendo que, para Bion, a ideia “verdade” está ligada a uma matriz filosófica do sentido do que é autêntico do indivíduo, do que lhe é próprio. Inclui também a noção de Freud de aceitar tudo que o paciente traz como verdade, mesmo que seja produção de sua fantasia ou distorção de suas defesas, de alguma forma faz parte de sua história. Buscar a verdade indica aproximar-se de conhecer-se, saber do que se é.

ignora a realidade, a noção de tempo e recusa agressivamente os processos de compreensão ou desenvolvimento.

São três os supostos básicos (s.b.) que aglutinam as diversas formas de atividade mental do grupo: dependência, acasalamento e luta e fuga.

O autor utiliza a ideia de par, duas pessoas, na explicação do suposto básico. Um par pode se relacionar ou se encontrar para uma série de atividades que não sexuais e se manter na direção dos objetivos conscientes em sua mente. No entanto, é como se essa disposição consciente estivesse colorida pelas emoções advindas da suposição básica de que duas pessoas se reúnem exclusivamente para a relação sexual. Essa suposição básica do par é denominada de acasalamento e implica as emoções de todos do grupo não só do par que pode estar envolvido em uma atividade particular. Uma conversa, cumplicidade ou entrosamento entre dois membros do grupo já disparam as emoções da suposição básica do acasalamento. Uma das reações a esse suposto básico é se instalar um clima de esperança irracional e messiânica, como se a dupla produzisse algo ou alguma ideia que venha salvar os indivíduos dos sentimentos de ódio, destrutividade ou desesperança do próprio grupo.

No s.b. de *dependência* há “a suposição básica de que um grupo se reúne para obter segurança de um indivíduo de quem depende.” (Bion, 1975, p. 57) A fim de dar vazão a essa suposição o grupo estabelece uma relação de dependência, por exemplo, com o coordenador e só se sente tratado quando se dirige diretamente a ele. É uma posição de espera para ter suprimidas suas necessidades. Os resultados são tributados mais à magia e menos à ciência. A ansiedade pode se intensificar quando o grupo é convocado ou provocado a funcionar como colaborador, ou ainda, que os integrantes todos estejam em cooperação.

O grupo em que predomina a suposição básica da dependência estabelece com veemência a divisão das funções de médico e paciente, e esse fato parece relacionar-se com as queixas sobre o tratamento ser longo, de não ter aprendido ou modificado em nada. Para Bion essa situação expressa o ódio ao desenvolvimento. “Há a aversão total a ter de aprender pela experiência e uma falta de fé no valor de tal tipo de aprendizagem. (...) (por exemplo) na crença do escolar no herói que nunca faz qualquer trabalho e, apesar disso, encontra-se sempre no auge da forma – o oposto do “caxias”, na verdade.” (Bion, 1975, p. 79/80)

Segundo Bion, um grupo em andamento há um tempo acaba por não se satisfazer com a ideia de ser tratado apenas quando se relaciona diretamente com o médico. A noção de cura dos membros do grupo não se restringe a alívios imediatos ou vivências de sensações agradáveis. (Bion, 1975)

No grupo dominado pelo suposto básico da *luta e fuga* a suposição básica é de que um grupo se reúne com o fim de preservação do grupo, e para o autor há duas formas de autopreservação, lutar ou fugir. A ideia é de que o grupo se une para lutar ou fugir de um perigo, e se vale de uma das duas técnicas e, somente delas, para lidar com seus problemas. A adesão ao grupo é um fim em si mesmo, há o receio à desintegração e certa persecutoriedade com a ausência dos membros. A concentração na luta-fuga distrai o grupo do potencial de realizar outras atividades ou buscar outras técnicas de enfrentar problemas.

Outro aspecto apontado pelo autor é a forma como o grupo que está atuando pelo suposto básico de luta-fuga se relaciona com o líder. “O tipo de líder que é reconhecido como apropriado é a liderança do homem que mobiliza o grupo para atacar alguém, ou, alternativamente, para liderá-lo na fuga.” (Bion, 1975, p. 56)

Um das dificuldades descritas por Bion na terapêutica do grupo é a frustração do indivíduo em tratar de seus conflitos particulares, pois não é interesse do autor realizar tratamento individual em grupo. Outro ponto é que o paciente acaba por revelar no grupo aspectos e problemas dos quais ele não veio tratar, tais como: sua filiação ao grupo, os supostos básicos e suas características com membro de um grupo.

Um aspecto paradoxal do grupo é a forma como o indivíduo utiliza o grupo. O grupo pode ser usado “para a obtenção de uma sensação de vitalidade pela submersão total no grupo ou de uma sensação de independência individual pelo repúdio total a ele. Essa parte da vida mental do indivíduo, que é incessantemente estimulada e ativada por seu grupo, é a sua herança inalienável como animal de grupo.” (Bion, 1975, p. 81)

O desejo de segurança convive com o desejo de sentir-se autônomo, autêntico e move o indivíduo a ligar-se a aspectos que sente serem verdadeiramente seus e a tolerar as dores do desenvolvimento, superando os limites do grupo de dependência.

A sensação de segurança está associada a cada um dos grupos de suposto básico, porém combinada com sentimentos diferentes em cada um deles. No grupo de dependência está associada a sensações de inadequação e insatisfação, ligadas à expectativa frustrada de onipotência e onisciência de pelo menos um dos membros do grupo. No grupo de luta e fuga relaciona-se à exigência de sacrifícios e coragem. A importância, para o autor, não é tanto o sentimento em si, mas a combinação tenaz e exclusiva entre eles. As emoções de cada suposto básico não conflitam entre si, se alternam. O conflito está entre o grupo de suposto básico e o grupo refinado, também denominado de trabalho ou grupo especializado.

Quando uma pessoa ingressa num grupo usará todos os seus recursos para se identificar com o grupo de base ou o de trabalho, ou seja, à sua estrutura afetiva ou à sua

estrutura racional, inevitavelmente se ressentindo da falta de aspectos do outro grupo não escolhido. Sentirá desconforto, desajuste ou parte de seu desejo ficará insatisfeito, pois muitos sentimentos que busca num grupo estarão combinados com outros detestáveis. O terapeuta procura ver os dois lados envolvidos, pode observar a situação por pelo menos duas perspectivas.

Bion postula a ideia da existência de um sistema proto-mental, em que o físico, o psicológico e o mental permaneceriam indiferenciados, e onde se confinam as emoções ligadas aos supostos básicos que estão temporariamente inativos, em virtude de outro suposto estar em expressão.

3. Grupo de trabalho

O grupo de trabalho, coexistente ao grupo de suposto básico, procura formas de reconhecer a necessidade de crescimento e enfrentar as emoções do suposto básico, em oposição às soluções mágicas. O grupo de trabalho aceita a ideia de que há valor do aprendizado pela experiência¹³. Se, no entanto, o grupo está identificado com a dependência, essa ideia é temida e as investigações sobre a onipotência e onisciência são evitadas e combatidas. Bion faz uma analogia com o conflito entre ciência e religião.

O autor descreve que o desenvolvimento é função do grupo de trabalho. Este se encontra interessado na realidade e tem características que se assemelham às do ego, descritas por Freud. “A atividade do grupo de trabalho, desviada e ocasionalmente ajudada por certas outras atividades mentais que possuem em comum o atributo de poderosos impulsos emocionais.” (Bion, 1975, p. 134) Por exemplo, é função do grupo de trabalho dirigir as atividades para a cura das incapacidades do grupo. No entanto, caso o grupo tenha como suposto básico a dependência, está também imbuído da crença de que o líder tem a solução, ou as respostas para as perguntas, sem precisar empenhar nenhum trabalho para tal. Em trabalhos posteriores, que abordaremos nos próximos capítulos, o autor descreve os tipos de vínculos que o indivíduo pode fazer com o grupo, e são três: comensal, simbiótico e parasitário; ganha importância também o indivíduo que é portador de ideias novas, chamado de gênio, místico ou messias e sua relação com o grupo.

No grupo em que há exigência de um ou mais membros para prevalecer ações do grupo de trabalho, ou em outras palavras, em que há, ao mesmo tempo, demanda e resistência ao crescimento, formam-se subgrupos contra e a favor de uma ideia ambos esforçando-se para

¹³ Bion dedica um livro, *O aprender com a experiência*, para discutir esse aspecto, trataremos dele no próximo capítulo.

manipular o líder. Essa divisão foi denominada por Bion de cisma. A atividade mental restringe-se ao dogma e à banalidade, e não pode haver uma confrontação legítima entre a nova ideia e o estado primitivo; diferente do grupo que tenta absorver os elementos novos e lidar com as oscilações. “O grupo cismático tenta solucionar seus problemas pela guerra interna; o outro, pela externa.” (Bion, 1975, p. 117)

Assim como Freud, Bion interessou-se pela Igreja e o Exército e também pela aristocracia, como grupos. Analisou-os com as noções de supostos básicos e classificou-os como grupos de trabalho especializado. O grupo de trabalho tem como função traduzir pensamentos e emoções em ações e comportamentos adequados à realidade. Já o grupo de trabalho especializado tenta inverter o processo, traduzindo a ação em elementos da suposição básica. Por exemplo, a Igreja que percebe um grupo de trabalho criativo e produtivo trata logo de atribuir o desempenho ao divino e sugerir que lhe dê graças, ao invés de atribuir ao esforço e empenho de seus membros. Num outro exemplo, o Exército deve reafirmar que tudo pode ser resolvido pela força, mas buscando nunca fazer uso dela.

Freud foi seguido por Bion quanto às ideias sobre grupos, no aspecto de que os fenômenos de grupo não passam a existir só quando podem ser demonstrados, em uma reunião de pessoas. Nenhum indivíduo, por mais isolado que seja, pode existir fora de um grupo ou livre de influências grupais. Bion usou o termo valência, emprestado da Física¹⁴, para designar essa faculdade instintiva dos indivíduos de se combinarem segundo os padrões de comportamento dos supostos básicos.

O estudo dos grupos propiciou esclarecimentos sobre a situação analítica. Bion partilha da ideia de que o homem é um ser grupal, um animal de grupo, mesmo vivendo isoladamente ou em reclusão, nunca deixa de ser membro de um grupo. “O único sentido de reunir em grupo pessoas é que isso nos permite ver exatamente como operam as características ‘políticas’ do corpo humano.” (Bion, 1975, p. 120) A própria psicoterapia, dita individual, é uma psicoterapia do par, e nesta o indivíduo entra em conflito com seu grupo, consigo mesmo e com seus aspectos de personalidade que se referem a sua grupalidade.

A situação da reunião de pessoas num lugar e tempo determinados não produz algo novo, mas revela aspectos dessas pessoas que não seriam visíveis de outra forma. “Na verdade, é na situação de grupo que mais facilmente podemos encontrar a fonte, tanto da proeminência dos elementos sexuais da psicanálise, quanto das suspeitas e acusações dos opositores de Freud de ser ‘sexual’ a psicanálise.” (Bion, 1975, p. 125).

¹⁴ Valência na Física designa as ligações que um átomo estabelece com outros átomos.

Qualquer participante de um grupo, inclusive o líder, sofre uma espécie de regressão, perde sua identidade distinta e vive um fenômeno análogo à despersonalização. Bion relaciona a dinâmica do grupo com as ansiedades edípicas, o líder como um pai perigoso, e a curiosidade e perguntas dos integrantes do grupo podem aproximar-se das fantasias mais arcaicas sobre o conteúdo do corpo materno. Os supostos básicos emergem a partir das emoções de uma remota cena primitiva e podem ser compreendidos como ações defensivas a essas emoções. “O impulso a acasalar-se pode agora ser visto como possuindo um componente derivado da ansiedade psicótica associada com conflitos edípicos primitivos a operar sobre uma base de relações de objetos parciais. Esta ansiedade compele os indivíduos a buscar aliados.” (Bion, 1975, p. 151). A ansiedade psicótica foi temporariamente contida, e quando ressurgir, nova defesa deverá ser encontrada, talvez em outro suposto básico, e assim se dá a oscilação entre os três supostos.

A ansiedade psicótica, a cisão e a identificação projetiva descritas por Klein estão associadas à fantasia da cena originária. Quanto mais o grupo responde com supostos básicos mais longe está da formação de símbolos e da comunicação verbal. O grupo usa a linguagem como um modo de ação.

Bion considerava que o líder se produz pela introjeção, na identificação, como preconizava Freud, e deverá fiar suas interpretações na observação e análise de suas próprias emoções. A contratransferência é mencionada com qualidades de comunicação ao analista, que lhe permite diferenciar estados em que se sente manipulado a desempenhar papéis, experimentar intensos sentimentos relacionados aos fatos do momento presente do grupo. O analista é receptor das identificações projetivas do grupo e pode usar a contratransferência para comunicar as reações afetivas ao grupo.

Do ponto de vista de Bion há duas categorias de fenômenos que o analista pode observar: os que se relacionam com a situação edípica em relação ao *grupo de acasalamento* e aos fenômenos ligados aos problemas do conhecimento, simbolizados na imagem da esfinge. O líder e a função de desenvolvimento do grupo de trabalho podem despertar o aspecto sombrio e enigmático da esfinge. As atitudes de questionamento no grupo geram impactos de terror análogo ao provocado pelo monstro das fábulas. A esfinge reaparece como elemento importante em outros momentos da obra do autor, com referência ao conhecimento e suas implicações.

Segundo Bion, uma diferença de sua compreensão sobre os grupos e a de Freud é de que este considerava o grupo da perspectiva da repetição de relações de objeto parcial, mais

próximos de padrões neuróticos de comportamento, enquanto Bion os vê mais próximos de padrões psicóticos de comportamento.

Esse período grupal encerra-se no fim dos anos quarenta, no entanto o interesse por grupos permaneceu.

Segundo Bléandonu (1993) Bion proferiu um discurso em 1947 na Sociedade Britânica de Psicologia, em que as ideias principais eram: as melhoras técnicas a partir do início do século XX não garantiam a felicidade individual; a capacidade para adquirir talentos técnicos é uma entidade separada da capacidade de se desenvolver plenamente pela emoção e pelo intelecto; há tipos de organização que perturbam o desenvolvimento emocional. O biógrafo aponta que suas idéias estavam influenciadas pelo historiador Arnold Toynbee.

A noção de cura no período grupal

A experiência como combatente na Primeira Guerra Mundial marcou profundamente a vida e a obra de Bion. Seus conceitos neste período grupal apresentam inspiração nos esquemas militares, por exemplo, a importância dada à disciplina e à atividade física; a ideia do grupo estabelecer inimigo e objetivo comuns; a compreensão do papel do líder e suas dimensões; a presença de grupos especializados na organização da sociedade.

Como psiquiatra militar, o autor parte do modelo médico. Entende os internos do hospital como doentes em fase de reabilitação. Há algo em desequilíbrio que pode voltar a se equilibrar. No entanto, observa-se que sua expectativa em relação aos efeitos de seu trabalho analítico aos seus pacientes com transtornos de guerra difere da expectativa de seus superiores do Exército. Estes esperavam a readaptação, a condição de voltar ao *front* e suportar com equilíbrio os horrores da guerra. Bion parecia estar menos interessado na continuidade do combate e mais no sofrimento psíquico do militar, inclusive por identificação. A sua atuação incluía confrontar os homens com suas próprias emoções e verdades, explicitando os enganos e aparências que tanto desorientavam os indivíduos. Compreendeu que a instituição organizada estava adoecida e não só os indivíduos que a compunham. Esse é um ponto que deixa o modelo médico explicativo, insuficiente. O que ele destaca como ganho relaciona-se ao resgate da autonomia, da integridade do indivíduo, de sua capacidade de gerir-se e organizar-se, inclusive em grupo. Na proposta do *grupo sem líder* parece pressupor que liderar e ser liderado podem estar em potencial nos indivíduos, bem como a possibilidade de ser cooperativo em um projeto pessoal ou grupal. Por outro lado, compreender a não

cooperação como sinal de resistência expande este conceito para o nível grupal e social; analisar a resistência do grupo torna-se ferramenta importante para o analista.

A função de espectador que o autor propõe na “formatura das 12:10” é uma contribuição interessante para analisar o trabalho em grupo. É possível supor que criar condições para o paciente desenvolver essa função fazia parte dos objetivos de Bion com o trabalho, e podemos colocá-la como um indicativo de cura. Trata-se da capacidade de observar a si e ao grupo com certo distanciamento e elaborar hipóteses e compreensões tanto de seu lugar no grupo como do funcionamento deste.

Tanto como psiquiatra militar como psicoterapeuta da *Tavistock* trabalhou com a expressão das emoções em grupo, na busca de compreender e nomear os entraves psíquicos na direção do reconhecimento das emoções e dos conflitos. A experiência do *grupo sem líder* parece levar em conta os princípios democráticos e humanos, potencializando o reconhecimento de capacidades e limitações, conflitos e entraves. O grupo institucional que Bion coordenou com os diretores da Clínica Tavistock levou diversos membros, ao final, a procurarem a psicanálise pessoal. Este poderia ser um sinal de interesse e consciência por seu próprio processo de análise, efeito do processo de grupo.

Os efeitos individuais parecem ser uma espécie de consequência, mas o autor compreende como objeto psicanalítico o próprio grupo. A noção de cura relaciona-se à cura do grupo, ou seja, a este recuperar suas capacidades de funcionar de maneira a enfrentar seus problemas através do grupo de trabalho, levando em consideração os princípios da realidade e do tempo.

A noção parece ser que o grupo e, por extensão, cada indivíduo, possa desenvolver condições de suportar a realidade de ser humano, enfrentando as fantasias e ansiedades com recursos mais “científicos” e menos mágicos.

Um indicativo de cura do indivíduo a partir do trabalho grupal está ligado a refinar a percepção de sua posição no campo emocional do grupo, ou seja, em analisar e reconsiderar a estimativa em relação à atitude do grupo para consigo. É sinal de ganho terapêutico a pessoa ter uma visão mais precisa dos elementos presentes em sua relação com o grupo.

Bion desenvolveu o conceito de mentalidade de grupo, portanto trabalhava com a ideia de inconsciente de grupo. De certa forma podemos pensar que seu objetivo com a análise de grupo aproxima-se das primeiras descrições do próprio Freud: tornar o inconsciente consciente.

A influência das contribuições de Melanie Klein pode ser observada no autor, por exemplo, nas descrições dos supostos básicos utilizados pelo grupo como defesa às

ansiedades psicóticas. O conceito de identificação projetiva possibilita expandir a ideia de comunicação inconsciente e do uso da contratransferência ao emergir de fantasias primitivas. Bion almejava alcançar esse tipo de fantasia no trabalho de grupo, nomeando-as através do grupo de suposto básico. Além de tornar o inconsciente consciente sua noção de cura envolvia alcançar fantasias primitivas.

Ainda sobre o tema do fracasso, o interesse de Bion parecia convergir para o desenvolvimento de recursos psíquicos para “pensar” o fracasso e transformar pura frustração em ação. Podemos supor que existia nesse tema uma expectativa quanto ao trabalho de análise e uma noção de cura e de desenvolvimento psíquico: produzir alternativas psíquicas para lidar com o rigor superegóico e com os estados de depreciação depressiva.

As decepções de Bion com o Exército parecem se relacionar com uma espécie de encenação ou fantasiar, incluído nos artifícios e organização da instituição. Pensemos, por exemplo, numa situação em que é preciso notificar a morte de um soldado à sua família, e o que prevalecem são os rituais de honrarias e não o lamento. O empenho para buscar a verdade e explicitá-la ao grupo é marcante no autor. É um tema de relevância, inclusive nos períodos subseqüentes. Lidar com a realidade tal como ela se nos apresenta é tarefa da psicanálise destacada por Bion. Podemos pensar que verdade se relaciona com realidade interna e externa, no entanto, parece ser um pouco mais. Verdade como aproximação de si, de autenticidade e originalidade.

A noção de cura deste período que estamos constituindo parece necessitar do acréscimo de algo que talvez possa ser designado como filosófico. Tornar o inconsciente consciente, alcançar fantasias primitivas e desenvolver condições de lidar com verdade.

CAPÍTULO II – O PERÍODO DE FOCALIZAÇÃO NAS PSICOSES

Esse período compreende os anos da década de 1950 e, de acordo a biografia de Bléandonu (1993), foi uma fase em que Bion esteve dedicado unicamente à atividade clínica em seu consultório e ao estudo da personalidade psicótica. Apresentou seus trabalhos em congressos internacionais e publicou em órgãos oficiais da IPA (Associação Internacional de Psicanálise). O primeiro trabalho que marca esse período é “O Gêmeo Imaginário”¹⁵, de 1950, e o último é “Ataques à Ligação”, de 1959.¹⁶

Nesse período o autor estava bastante influenciado pelas ideias de Melanie Klein e se considerava membro do grupo kleiniano. Esse grupo havia se formado a partir das controvérsias entre Anna Freud e Melanie Klein, na Sociedade Britânica de Psicanálise. O grupo de adeptos de Klein se contrapôs ao grupo de críticos ferrenhos e esse fato levou à criação de espaços específicos para a discussão das pesquisas de Klein. Bion iniciava sua análise com ela pouco depois desse período, em 1945. (Bléandonu, 1993)

As descrições de Klein, do que depois constituiu a posição esquizoparanóide, os eventos anteriores à posição depressiva e a descoberta do mecanismo de defesa da identificação projetiva auxiliaram na compreensão dos transtornos esquizofrênicos, bem como das situações regressivas e das manifestações paranóides. A técnica com crianças proposta por ela contribuía para a análise dos adultos, já que apontava caminhos para abordar o infantil e a parte psicótica de todo tipo de paciente. Essa talvez fosse a expectativa de Bion ao escolher Klein para sua analista.

Bion foi diretamente à obra de Freud. No trabalho publicado em 1911, “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, Freud (1969c) descrevera o processo do pensamento e sua vinculação com o princípio da realidade, bem como o ódio à realidade na psicose. Bion agregou a ideia de ataques sádicos ao seio, proposto por Klein, para a compreensão da psicose. Formulou, de maneira original, a ideia de que os ataques se direcionavam inclusive ao aparelho psíquico e ao desenvolvimento de capacidades para percepção da realidade.

A teoria das pulsões proposta por Klein explicava a estrutura da personalidade como resultado das combinações da angústia, dos mecanismos de defesa e fantasias e das relações

¹⁵ Esse trabalho foi apresentado na Sociedade Britânica de Psicanálise em novembro de 1950, no intuito de tornar-se membro da instituição.

¹⁶ Em 1967 esse conjunto de trabalhos foi publicado num único volume intitulado *Second Thoughts*. O título em português, publicado em 1994 é *Estudos Psicanalíticos Revisados – Second Thought*. O último texto desse livro *Uma teoria sobre o pensar*, de 1962, segundo Bléandonu (1993), marca mais sua entrada no período epistemológico, do que uma conclusão do período psicótico.

de objeto. A contribuição teórica ganhava importância pela descrição da posição depressiva no desenvolvimento psíquico e a relação deste com o modo como as relações objetivas se integram nesta posição.

No mesmo ano que essas formulações de Klein foram publicadas em *Desenvolvimento em Psicanálise* em 1952, Bion publicava seu artigo: “Dinâmica dos grupos: uma revisão”, e experimentando, como vimos no capítulo anterior, os conceitos kleinianos nas suas reflexões sobre os grupos, retomando a questão do suposto básico como formação secundária da cena primária arcaica.

Bion encerrou sua análise com Melanie Klein em 1953 e prosseguiu a convivência intensa de trabalho e pesquisa. Segundo Bléandonu (1993), Bion sentia-se fascinado pela genialidade de Klein, ao mesmo tempo em que rejeitava a uma adesão sectária a essa escola. Algumas características deste período estão descritas em cartas de Bion à segunda esposa, Francesca, com quem se correspondia intensamente.

O casamento com Francesca se deu em 1951 e eles tiveram dois filhos. Há o relato de que essa união teria contribuído para reaproximá-lo de sua filha do primeiro casamento, e trazido intensa alegria e alívio à sua vida. A relação com a líder de sua escola era intensa e de grande intimidade. Afirma o biógrafo que Bion descrevia para a esposa o caráter invasivo de Klein, que era extremamente exigente, e ele sentia-se “sempre sugado até a medula”. Bion estava em intensa produção, buscando a perfeição no aspecto profissional e familiar. Esteve perto de uma estafa em 1959 e foi orientado a regime de emagrecimento. Os compromissos com Melanie Klein e com a Sociedade de Psicanálise o esgotavam.

A análise de pacientes psicóticos através da técnica clássica era pouco considerada até Melanie Klein. Seguidores seus como Segal, Bion e Rosenfeld trabalharam com sucesso com esquizofrênicos sem modificar ou modificando pouco a técnica clássica da psicanálise. Afirma Bléandonu (1993) que havia uma preocupação com a legitimidade e cientificidade do trabalho do grupo kleiniano, e o esforço era levantar hipóteses e confirmá-las ou rejeitá-las a partir do material clínico de pacientes com diagnósticos médicos. Tanto a noção de diagnóstico como de cura vinham do modelo médico.

A partir deste ponto do trabalho, deter-nos-emos diretamente nos textos de Bion, sem a mediação de Bléandonu, que nos foi útil até o momento.

A leitura de seu artigo “O Gêmeo Imaginário” (Bion, 1994), em 1950, marcou a sua inclusão como membro da Sociedade Britânica de Psicanálise. Nesse trabalho descreve trechos da análise de três esquizofrênicos. O primeiro e principal deles veio a Bion depois de encerrar uma longa psicoterapia em que o terapeuta anterior lhe aconselhou a submeter-se à

lobotomia. O médico que o enviara achava que as perspectivas deste paciente eram desanimadoras. O tema central da análise nos dois primeiros anos eram as contaminações de caráter obsessivo. Bion observava que as sessões eram repetitivas e enfadonhas e que o discurso do paciente era uniforme e destituído de emoções. Aos poucos foi observando que as associações eram espaçadas de modo a que se estabelecesse a sequência de interpretação, nova associação e nova interpretação, só que o convite era para observações também previsíveis e desgastadas. Quando o analista rompia com esse ritmo o paciente se mostrava irritado e contrariado, como se ele fosse um pai ou uma mãe que estivesse advertindo uma criança rebelde. Apesar de a observação gerar mudança no ritmo, as associações se mantinham monótonas e na sessão seguinte o paciente iniciou questionando se o tratamento valia a pena, ou deveria procurar outro.

O analista pondera com o paciente que talvez fosse o caso de estar queixando-se da psicanálise que Bion praticava e que talvez fosse o remédio mudar de analista e não de método. A isso segue uma detalhada descrição dos movimentos do paciente que demonstram o tratamento que o paciente dava às interpretações do analista, como queixas vagas que não mereciam atenção. A seguir a formulação de que o analista era um irmão gêmeo do paciente, que o acompanhava na fuga das queixas e que poderia assim amenizar seu ressentimento. Esse gêmeo seria imaginário porque o paciente não lhe permitiu nascer, assim como agora o gêmeo não lhe permitia nascer, no sentido da liberdade e autonomia.

O paciente responde em tom depressivo que se sente cansado e sujo, ao que o analista se surpreende e tem diante de si o paciente de sua primeira entrevista, que agora parecia ter “engolido” o gêmeo, a mãe e o pai, assim como o caráter venenoso de sua família interior.

A criação psíquica do gêmeo foi importante para esse paciente por remontar aos primórdios da relação objetal, e a intolerância a um objeto fora de seu completo controle. “A função do gêmeo imaginário era, portanto, negar uma realidade distinta da pessoa do próprio paciente.” (Bion, 1994, p. 29). A negação da realidade externa era acompanhada da incapacidade de tolerar realidades psíquicas internas, expressa através dos mecanismos de cisão e personificação. A análise da dupla evidenciava como resultado do trabalho analítico a substituição da relação do paciente com uma coisa-terapeuta, criada por ele, por uma relação com a existência do analista como pessoa real.

O sentido da visão, nos três pacientes descritos, é relacionado com o desenvolvimento intelectual e o “ver” ao surgimento da sexualidade genital e à situação edipiana. “Nos casos citados, o poder da visão representava o aparecimento de uma nova capacidade de investigar o meio ambiente; foi possível mostrar que, nesse sentido, a análise era vivida como um

acrécimo ao arsenal de investigação, de que dispunha o paciente...” (Bion, 1994, p.30) Essa ideia se mantém ativa e reaparece nos escritos sobre Édipo. O surgimento de material clínico concernente à visão poderia ser compreendido como uma manifestação regressiva, como se o paciente pudesse anular a capacidade adquirida pela maturação física e psicológica, e assim não perceber a relação entre os pais externos.

Bion associa o desenvolvimento físico da acuidade visual com a percepção da situação edípica, assim como os problemas ligados à agressão oral já haviam sido relacionados com o início da dentição. Seria uma contribuição para as bases biológicas do complexo de Édipo precoce proposto por Klein.

Mas, como Bion discute o sexual e o complexo de Édipo?

Ao que pareceu, podemos dizer que não há algo da compreensão do sexual e de Édipo em Bion que se contrapõe às ideias de Freud. O que verificamos é que há um acréscimo de perspectiva. Ao mito usado para descrever o drama humano ligado à sexualidade, ao desejo parental, ao incesto, à triangulação, à exclusão ao par, o autor adiciona a possibilidade de descrever temas referentes ao pensamento, ao conhecimento, à arrogância e estupidez, à intolerância ao desconhecido. A proposta parece ser a de que o mito de Édipo pode ser também representação do conflito com o desenvolvimento do conhecer. O tema específico do Édipo sexual parece ser para Bion uma pré-concepção (linha D da grade que veremos mais adiante), ou seja, uma espécie de expectativa prévia, anterior ao relacionamento parental, de que há um par, e essa expectativa funciona como um organizador social.

O complexo de Édipo é também um constructo teórico fundamental para o autor, ele o enuncia claramente nos primeiros escritos deste período e é tido como uma ferramenta importante para o analista na compreensão do psiquismo humano. Nesse sentido faz parte do arcabouço teórico de todo psicanalista.

A definição que apresenta Rezende (1995) numa síntese dos fundantes do inconsciente pode nos auxiliar nesse tema. Diz ele que para Freud o fundante do inconsciente é a sexualidade, para Lacan a linguagem, para Melanie Klein a vida emocional do bebê e para Bion, diz ele, é o pensamento. Penso que isso não quer dizer que para ele seja menos importante a sexualidade ou a linguagem, mas sim que seu viés é o pensamento, e os sintomas podem ser identificados a partir da observação do pensar.

Como veremos no próximo capítulo, o pensar para Bion não pode ser restringido ao racional, se relaciona com emoção, o aprender se relaciona com a experiência, conceito e intuição estão entrelaçados na expansão mental do pensar.

No trabalho seguinte de Bion, “Notas sobre a teoria da esquizofrenia” (Bion, 1994), de 1953 a sua base teórica está explicitada desde o início: Melanie Klein, especialmente a questão da identificação projetiva e das posições esquizoparanóide e depressiva. Apresenta o que chama a linguagem esquizofrênica, a linguagem verbal usada como forma de ação, como comunicação ou como forma de pensamento.

A linguagem como forma de ação pode estar a serviço da divisão do objeto ou da identificação projetiva. Nesta última, “o paciente emprega palavras como coisas ou como partes excisadas dele próprio que ele enfia no analista. (...) É típica das conseqüências dessa conduta a experiência do paciente que achava que entrava em mim no começo de cada sessão e tinha de ser libertado no final dela.” (Bion, 1994, p. 35). A linguagem que divide o objeto é exemplificada pelo paciente relatado que entra no consultório do analista, cumprimenta calorosamente e olhando nos olhos diz que as sessões não são longas, mas sempre o impedem de sair. A “intenção” seria dividir o analista que poderia dar duas interpretações opostas, impedindo-o de interpretar. O comentário seguinte do paciente é revelador quando pergunta como o elevador sabe o que fazer quando se aperta dois botões de uma vez.

O uso da linguagem como forma de pensamento relaciona-se à dificuldade de formar símbolos, usar substantivos e verbos. O esquizofrênico inibiu seriamente suas fantasias e sonhos e tem dificuldade de pensar e se comunicar, pois poderosas cisões o impedem de formar e/ou utilizar símbolos, inclusive as palavras. O pensamento verbal depende da capacidade de integrar, presente na posição depressiva, em que predomina a síntese e a unificação. Ao mesmo tempo o pensamento verbal aguça a percepção da realidade psíquica, a depressão associada à perda de objetos bons e a persecutoriedade com o reconhecimento dos perseguidores internos.

A própria análise é vivida com ódio, já que se utiliza do pensamento verbal para encarar os problemas psíquicos. Mesmo tendo sua capacidade de pensar verbalmente mais fortalecida, o paciente não sabe o que fazer ou como acolhê-la, sem provocar uma catástrofe. Prefere deixá-la com o analista.

Bion considerou que o esquizofrênico pode apreender objetos totais e desembocar na posição depressiva, e que esse processo analítico pode gerar a consciência da realidade psíquica e conseqüentemente das alucinações e delírios. Os sentimentos intensos de ódio dirigem-se ao analista, o paciente poderá afirmar que ficou louco e que o culpado é o analista.

(...) os elementos do pensamento verbal aumentam de intensidade e profundidade ao início da posição depressiva infantil. Em decorrência disso, exacerbam-se as dores da

realidade psíquica; e o paciente, ao regredir á posição esquizo-paranóide, se volta destrutivamente contra sua própria capacidade embrionária de pensamento verbal, como um dos elementos que conduziram à dor de que padece. (Bion, 1994, p. 46)

Em “Desenvolvimento do pensamento esquizofrênico” (Bion, 1994), de 1956, o autor inicia destacando três trabalhos que ocupam lugar chave na suas conclusões. O primeiro é a descrição de Freud do aparelho mental, posto em funcionamento pelas exigências do princípio de realidade, especialmente o aspecto da percepção consciente das impressões sensoriais. O segundo é o conflito entre as pulsões de vida e de morte, proposto por Freud em “O mal-estar na civilização”, e retomado depois por Melanie Klein como um conflito que persiste a vida toda. O terceiro é a descrição de Klein dos ataques sádicos que, na fantasia, o bebê realiza contra o seio na fase esquizo-paranóide e a descoberta da identificação projetiva. “A identificação projetiva é a excisão que o paciente faz de uma parte de sua personalidade e a projeção desta para dentro do objeto, onde se instala às vezes como um perseguidor, deixando a psique da qual foi excisada correspondentemente empobrecida.” (Bion, 1994, p. 48)

O autor considera, como Klein, que o distúrbio esquizofrênico é resultado da interação do meio e da personalidade. Descreve como características desta personalidade os seguintes fatores:

1. Predomínio de impulsos destrutivos, sendo que mesmo os impulsos amorosos sofrem inundação, sendo transformados em sadismo.
2. Ódio à realidade, que se estende a outros aspectos da psique que contribuam para a percepção da realidade. O mesmo ódio é dirigido para a realidade interna.
3. Pavor constante de aniquilamento iminente.
4. Precocidade, tenuidade e adesividade como características patognomônicas derivadas da formação precipitada e prematura de relações de objeto. Elas refletem o conflito constante entre sadismo (pulsão de morte) e destrutividade (no sentido da pulsão de vida, agressividade).

A relação com o analista é marcada pela alternância da restrição e expansão do contato durante todo o tempo. Na tentativa de ampliar a relação, por pressão tanto das pulsões de vida ou de morte, a identificação projetiva hiperativa produz estados confusionais. Ao mesmo tempo, as atividades do impulso dominante são submetidas à mutilação pelo impulso temporariamente dominado. Procurando fugir dos estados confusionais e das mutilações o

paciente tenta restabelecer um relacionamento restrito. Isso faz com que a restrição e a expansão se alternem no decorrer da análise.

O uso da expressão “personalidade psicótica” parece ter sido escolhido por Bion por influência do ponto de vista kleiniano de que os fenômenos da posição esquizoparanóide são reencontrados mais tarde na esquizofrenia. O autor inferiu que a progressão do esquizofrênico através das posições seria diferente daquele que as pessoas maníaco-depressivas e neuróticas fazem.

O uso maciço da identificação projetiva seria a diferença essencial, a partir da cisão de parte da personalidade em diminutos fragmentos e sua expulsão. O efeito compromete o aparelho de percepção consciente da realidade interna e externa e os rudimentos do pensamento verbal, “o paciente atinge um estado em que, no seu sentir, ele nem está vivo nem tampouco morto.” (Bion, 1994, p. 50) Assemelha-se à ideia dos ataques sádicos que o bebê, em sua fantasia, dirige ao seio, mas agora contra as capacidades de percepção, que mutiladas, o deixam aprisionado ao estado de cisão. Os fragmentos projetados adquirem vida própria, constituindo-se de objetos externos, capazes de invadir o paciente e lhe causar dano. Este permanece rodeado pelos objetos bizarros¹⁷, que podem estar encapsulados em partes da personalidade, como se esta os tivesse engolido.

No mundo animista do paciente esses fragmentos ficam irritados por terem sido engolidos, incham, se esparramam e controlam o pedaço da personalidade que o trouxe, transformando-se em coisa inanimada e usada como protótipo de ideias. As palavras se tornam as coisas que elas designam. Não há possibilidade de simbolizar, o paciente igualiza, como efeito aparece a confusão entre objeto e símbolo, elementos da equação simbólica, descrita por Segal. (Segal, 1991)

A tentativa do paciente é usar os objetos reais como se fossem ideias, só que elas não obedecem às leis do funcionamento mental, não estão sob o controle do paciente, obedecem às leis das ciências naturais. Na personalidade psicótica não há a capacidade de introjetar, de discriminar atributos da matéria, dos sentidos ou das ideias. O paciente se move num mundo de objetos que comumente são conteúdos dos sonhos. Onde a personalidade não-psicótica¹⁸

¹⁷ Objetos bizarros são definidos pelo autor como objetos que sofreram diversas cisões a ponto de serem partículas expelidas com vida independente e fora do controle do sujeito. Elas podem estar contidas em objetos externos e se comportam com hostilidade em relação a quem as expulsou. Apresentam um efeito persecutório e de comportamento aleatório. (Bion, 1994, p. 51)

¹⁸ De acordo com as novas ortográficas da língua portuguesa, foi excluído o uso do hífen entre o não e o substantivo e adjetivo. No entanto, optamos por manter o uso do hífen nas palavras que se aproximam de neologismos do autor, com o intuito de não comprometer o significado. O hífen será mantido nas seguintes palavras: não-psicótica, não-seio, não-coisa, não-objeto, não-pensamento, não-verdade e não saber.

usa o recalque, a personalidade psicótica, livrando-se do aparelho que poderia operar o recalque, usa a identificação projetiva, e aquilo que deveria ser o inconsciente é substituído pelo mundo dos objetos oníricos. Ele não consegue sintetizar os seus objetos, só pode compactá-los, amontoá-los. O reingresso das partículas projetadas é sempre vivido como forma de retaliação e ataque, devido à violenta invasão que o paciente fez através do mecanismo da identificação projetiva.

O início do pensamento verbal, pertencente à posição depressiva, permite a assimilação suave das impressões sensoriais, estabelecendo a base firme de bons objetos internalizados para desenvolver o pensamento verbal. A identificação projetiva excessiva impediu essa assimilação e a aglomeração e compressão sofrida pelos objetos se reflete inclusive na linguagem, altamente compactada. O mesmo se passando com os sentidos, que passam a ser experimentados como dolorosamente comprimidos e aguçados, como é possível de se observar nas alucinações.

Essas teorias trazem dois aspectos originais: a ideia de que o êxito do trabalho psicanalítico com a personalidade psicótica relaciona-se a elaboração dos ataques destrutivos que o paciente dirige contra o próprio ego; e o fato do paciente substituir os mecanismos do recalque e da introjeção pela identificação projetiva.

O conceito de personalidade psicótica deve ser compreendido como um funcionamento ou um complexo dinâmico presente nos seres humanos independente de sua apresentação como um conjunto de sintomas. Podemos dizer que os pacientes dos exemplos, diagnosticados como esquizofrênicos apresentam um predomínio deste funcionamento; mas personalidade psicótica não é sinônimo de esquizofrenia, para o autor.

O trabalho seguinte publicado pelo autor foi “Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica” (Bion, 1994), em 1957. Bion se apoiou na concepção freudiana de um aparelho mental que funciona segundo o princípio de realidade e neste trabalho incluiu a referência ao trabalho de Freud “Neurose e psicose”, de 1924. Freud distinguiu a neurose da psicose pela atividade do ego em relação à realidade. Na primeira o ego, para se submeter à realidade, recalca ou suprime uma parte da vida instintiva. Na psicose o mesmo ego retira-se de parte da realidade. Bion utilizou toda a descrição das funções do ego descritas por Freud: consciência das impressões sensoriais, atenção, memória, discernimento e o pensamento.¹⁹

¹⁹ As mesmas funções descritas por Freud vão compor parte das colunas do instrumento da grade, elaborado por Bion, cujo objetivo era analisar a própria sessão analítica.

Duas modificações foram propostas pelo autor às formulações de Freud. A primeira é a de que o ego nunca se afasta completamente da realidade, o contato com a realidade nunca é totalmente perdido e os fenômenos associados às neuroses jamais estão completamente ausentes. A segunda é de que o afastamento da realidade é uma ilusão e não um fato, e decorre do intenso ataque ao aparelho de percepção em função da identificação projetiva. No entanto, a ilusão é produto de uma fantasia tão potente que para o paciente é um fato, e este age como se pudesse fragmentar parte de seu aparelho de percepção, de maneira que ficasse impedido de usá-lo para tomar contato com a realidade.

Essas duas formulações encaminharam para a conclusão de que há uma parte não-psicótica na personalidade do esquizofrênico, ou seja, há recursos e mecanismos neuróticos, que ficam obscurecidos pela predominância dos mecanismos psicóticos. A possibilidade de usar mecanismos da personalidade não psicótica depende do ego conseguir manter suficiente contato com a realidade.

O ego não é capaz de cindir o objeto se não operar uma cisão nele próprio, os mecanismos de defesa não são vividos como fantasias pela pessoa, levam a sentimentos e a relações de objeto reais, separados e cindidos. Bion estendia essa visão à identificação projetiva. Essa fantasia de divisão e invasão de objetos cindidos não opera apenas na realidade psíquica, mas se estende às pressões das relações interpessoais, comunicando ao analista as emoções despertadas pela projeção. Daí Bion concluir a identificação projetiva como um método primitivo de comunicação e a ênfase em recorrer à contratransferência como elemento de análise.

A ideia de que as bases do pensamento verbal são estabelecidas já na posição esquizoparanóide, na forma de rudimentos de pensamento, ou pensamento pré-verbal é uma insistência de Bion. Embora os danos ao pensamento verbal sejam mais aparentes na posição depressiva, eles se iniciaram na posição anterior. No caso do paciente esquizofrênico, os rudimentos de pensamento ficaram prejudicados, em função da hiperatividade do mecanismo da cisão esquizoparanóide e da identificação projetiva. As bases para a simbolização ficaram comprometidas. As mesmas bases daquilo que Freud esperava como evolutivo das funções ligadas ao princípio de realidade: consciência das impressões sensoriais, atenção, memória, pensamento, levando a uma compreensão intuitiva de si mesmo. É importante esclarecer que para o paciente livrar-se da percepção da realidade basta que os ataques sejam direcionados aos elos de ligação, ou seja, ao que vincula as impressões sensoriais à consciência. Deste modo intenta, em última instância, livrar-se daquilo que causa dor mental.

Freud (1969c) atribui ao pensamento a função de conter ou restringir a ação, o pensar leva a considerar a frustração e a realidade e a decidir se age para modificá-la ou foge desta realidade. Pondera, então, que deve haver um tipo de pensar original que seria inconsciente, dirigido à relação entre as impressões sensoriais, e que só através de outras conexões esse pensar se ligaria às palavras e poderia ser dotado de atributos da consciência. Bion acrescenta que esse pensamento inconsciente também sofreria a ação da identificação projetiva, já que está voltado para relações de objeto, para ligações que pudessem ser feitas entre dois objetos internos, estabelecendo semelhanças e diferenças com vistas a criar um novo objeto mental. Nesse sentido, os ataques psicóticos destruiriam as ligações da consciência com as impressões sensoriais da realidade e com o pensamento. O paciente teria ficado apenas com os objetos bizarros rodeados por elos de ligação fragmentados, impregnados de crueldade, ligando os objetos entre si de maneira cruel. O efeito do pensamento esquizofrênico seria fundir, não articular; seria comprimir, mas não unir. A psicose seria então o resultado de um ataque aos elos de ligação.

Ao concluir esse trabalho Bion reforça a ideia das naturezas díspares da personalidade psicótica e da não-psicótica e o papel especial da identificação projetiva como substituta do recalque. Existe personalidade não-psicótica no psicótico, assim como há personalidade psicótica escondida pela neurose, que também deve ser revelada e trabalhada.

No trabalho seguinte o autor detalha mais as diferenças entre as partes psicótica e não psicótica da personalidade. Trata-se de “Sobre alucinação”, de 1958.

Os órgãos sensoriais são usados pelo paciente tanto para expressar que percebeu algo, como para expelir, receber ou ser invadido por algo. O uso de verbos sensitivos, ou seja, ver, ouvir, sentir, pode indicar o processo alucinatório antes de outros sinais habituais. Essa expulsão dos objetos causa a sensação de esvaziamento e, ao mesmo tempo, de ameaça por sua presença no exterior. O paciente procura livrar-se de dolorosos sentimentos ou maus objetos, introduzindo-os no analista, que irá conter suas partes sentidas como más. O paciente do exemplo de Bion procura primeiro remover do analista a parte má, sugando-a pelos olhos e projetando-a num canto da sala, onde possa vigiá-la, para em seguida se voltar para o que lhe interessa na sessão: a ingestão da cura, ou seja, para ele a cura seria servida por Bion e ingerida. As alucinações e as fantasias deste paciente, assim como a cisão e a evacuação pelos sentidos estavam a serviço do anseio de se curar, e assim podem ser entendidas como atividades criativas. Nesse caso as alucinações têm um caráter reassegurador.

O resultado parecia ser que analista e paciente estavam engendrados, como partes de um mesmo “brinquedo de corda” (Bion, 1994, p. 80), despojados de vida. Até então as

tentativas do paciente de juntar objetos eram de tal violência que se expressavam como “explosões atômicas” (Bion, 1994, p. 83). A interpretação de Bion inclui dois aspectos: a ação criativa do paciente e o seu movimento de destituir a dupla de vida e de sexo. A atividade desta dupla, que, em amistosa cooperação, obtinha resultados e benefícios para ele, podia ser interpretada como um ato sexual, gerador de culpa a ser expiada.

Por fim, a cisão que seguidamente eu via em todo o decurso da análise foi mudando de natureza, até que no exemplo mencionado ela chega a se processar com um grau de suavidade e respeito pela estrutura e função psíquicas que torna duvidoso se, em razão disso, tal designação – antes justificada pelo desenvolvimento histórico da análise do paciente – ainda encontraria respaldo na natureza intrínseca da atividade em questão.

(Bion, 1994, p. 83)

Para Bion o termo cisão, tal como descreve Klein, talvez não se aplicasse mais ao caso do seu paciente, em virtude das mudanças observadas nas suas tentativas de unir objetos. O melhor talvez fosse usar o conceito de dissociação, no caso de estar em curso uma atividade benigna, de características mais suaves, respeitando linhas demarcatórias dos objetos e da psique ao efetuar as separações. O fato de este paciente ser capaz de usar dissociação indicava para o autor que ele seria também capaz de se deprimir, ou seja, de entrar na posição depressiva de Klein.

O processo alucinatório poupa os sentidos do paciente da presença do outro, inclusive do analista. Podemos reconhecer esse fenômeno na atitude do paciente de transferir aos objetos do consultório, por exemplo, a vitalidade e fertilidade presentes na relação analítica. O paciente descrito por Bion desvitalizava o analista e se referia ao gramofone na poltrona, como se o que ele ouvia do analista não fosse sua voz, mas a de um aparelho de som.

Um ponto de insistência do autor em toda produção referente ao desenvolvimento psicótico é o sentido da visão, ou seja, relaciona a capacidade visual com o surgimento da situação edípica precoce e com o pensamento verbal.

Os sonhos nos psicóticos não costumam aparecer nos relatos, são compostos de material tão fragmentado que são desprovidos do componente visual. Quando relatados não vêm acompanhados de associações ao sonho. Os comentários do paciente sobre o sonho podem se confundir com suas alucinações. O paciente só pode relatar um sonho e utilizá-lo

com associações desde que este possa ser formulado em imagens, com o componente visual, e para isso é preciso haver integração de elementos, para formar algo visível. O progresso da análise do psicótico faz prever uma depressão e é antecedido pelo surgimento de objetos totais nos sonhos.

Sobre a ideia de integrar elementos para ficar visível, o autor propõe a noção de elementos de característica “visível-invisível” como algo que é percebido, porém seus elementos são tão minúsculos que ficam invisíveis. Quando é possível aglomerar ou integrar a impressão visual, há um volume, tem visibilidade. A comparação pode ser feita com a urina e as fezes. Urina como um *continuum* invisível e as fezes como o objeto sólido e visível.

As impressões não sensoriais que devem ser captadas pela “intuição” psicanalítica vêm desse modelo do sonho psicótico e da alucinação visual-invisível.

A presença de objetos totais nos sonhos é sinal de progresso e de possibilidade de vivenciar emoções da posição depressiva. Pode significar que pessoas reais e valiosas foram destruídas. O paciente oscila entre a posição esquizoparanóide e depressiva. A oscilação na direção da fragmentação não traz alívio, já que substitui a temível ansiedade depressiva pela persecutória. Há o risco de suicídio do paciente psicótico que começa a fazer integrações em direção à posição depressiva e retrocede à posição esquizo-paranóide. Pode voltar-se com ódio e ansiedade mais intensos contra os fragmentos que revelaram potencial aglutinador, e cindi-los de maneira a deixá-los em fragmentos tão minúsculos que recuperação e reparação do ego se tornam impossíveis.

Para Bion, a natureza das experiências alucinatórias se aproxima do que Freud descreveu como alucinações histéricas, diferenciando-as das alucinações psicóticas que estariam presentes nas fases iniciais da análise. Essa diferença vai se dando conforme o paciente consegue tolerar a depressão. A diferença entre esses dois tipos está relacionada ao conteúdo, na alucinação histérica os objetos são totais e se vinculam à depressão, na alucinação psicótica os elementos são análogos aos objetos parciais.

O temor do próprio paciente em cometer homicídio vem de sua crença de já sentir-se culpado por eliminar o aspecto vivo das relações, como no caso do autômato. Relaciona-se também ao grau a que o paciente está ligado aos ditames do princípio do prazer, usando o aparelho mental para livrar a mente do excesso de estímulos, estando ausente o impulso para modificar o meio; prevalecem a urgência e a pressa associadas à incapacidade de tolerar frustração. Recorre à ação muscular para restaurar o princípio do prazer.

No trabalho “Sobre arrogância”, de 1957, Bion apresenta uma análise do mito de Édipo sob o prisma da arrogância. Seu interesse é abordar as alusões à curiosidade, arrogância

e estupidez. Ele havia incorporado à sua prática clínica com pacientes esquizofrênicos a descrição de Freud do complexo de Édipo e seus mecanismos de defesa, bem como a visão de Melanie Klein das manifestações pulsionais. No entanto, observava tendências fálicas e genitais manifestando-se ativamente, onde se esperaria predominar os impulsos orais. A explicação de Klein se dava a partir do importante conceito da inveja. O raciocínio foi: a inveja excessiva se opõe às gratificações orais e, ao intensificá-las, estimula as tendências e os desejos genitais, instalando-se a genitalidade prematura. Concordava com vários aspectos da descrição kleiniana da inveja: considerar a inveja como manifestação oral e anal da pulsão de morte e que ela intervinha no conflito amor e ódio desde o início, conferindo aspecto destrutivo à identificação projetiva. No entanto, diferente de Klein, Bion observou que o contraponto da inveja aparecia na criatividade, enquanto para Klein era na gratidão. A vivência do seio bom que alimenta é a primeira manifestação da criatividade e, justamente ao seio é que se dirigem os ataques invejosos. O seio bom se transforma em objeto hostil, crítico e invejoso. Os processos de pensamento, de atividade produtiva e criatividade ficam entravados pela inveja projetada nos aspectos superegóicos.

No pano de fundo estaria a situação edípica; Bion dirigiu seu interesse aos ataques contra o casal parental, procriador e sexual. Analisa o mito destacando o que considerou “arrogância de Édipo”, o impulso do protagonista de buscar a verdade a qualquer preço, a despeito das advertências em contrário. Os personagens centrais seriam: a esfinge, que formula o enigma e se destrói quando este é respondido; o cego Tirésias, que possui o saber e lamenta a decisão do rei de buscá-lo; o oráculo, que instiga essa busca que o profeta condena; e o rei, que, ao final da busca, sofre a cegueira e o exílio.

Bion sugere que os elementos a serem observados na análise dos pacientes que apresentam mecanismos psicóticos ativos são as alusões dispersas à curiosidade, arrogância e estupidez. Estas se manifestam tanto no analista como no analisando na busca pela verdade no processo analítico, ora como cego, ora como imbecil, suicida, curioso ou arrogante. Estes são indícios de que se está diante de uma catástrofe psicológica e novamente sob a ação dos mecanismos da posição esquizoparanóide de cisão e identificação projetiva. Trata-se de uma situação de reação terapêutica negativa e de resistências intensificadas indicando necessidade de investigação.

A catástrofe psicológica é compreendida como um desastre primitivo e refere-se à ideia arqueológica de Freud de trazer à tona vestígios de uma civilização primitiva, mas Bion propõe que se trata de trazer à luz um verdadeiro desastre primitivo, resultante de intensos ataques destrutivos contra o próprio ego e expresso através de arrogância.

Há que se lembrar que o próprio método psicanalítico implica em curiosidade, em investigação e, ao mesmo tempo, em tolerância ao não saber, espécie de humildade necessária, capaz de gerar conhecimento. Analista e paciente vivem poderosas emoções que se associam à pretensão de ter os atributos de quem procura a verdade, em especial a capacidade de tolerar as tensões do impacto das identificações projetivas de outrem e, ainda assim, manter a ponderação e o equilíbrio. Assim, o próprio processo analítico é potencial gerador de explosões de ódio e inveja. Bion apresenta um exemplo clínico, em que observou que a curiosidade e a estupidez eram simultâneas, aumentavam e diminuíaam ao mesmo tempo. A comunicação verbal do analista, abordando os problemas do paciente, era percebida por este como um ataque à sua forma de comunicação. O autor reconheceu que o difícil era suportar o método de comunicação do paciente. Nesse método estavam incluídos os efeitos da identificação projetiva, ou seja, cindir e afastar partes da própria psique e projetá-las no analista.

A possibilidade de se beneficiar do contato com o analista dependia dessas experiências, tratava-se de uma forma primitiva de comunicação, que forneceria as bases para a comunicação verbal. O próprio método de comunicação do analista pode sofrer ataques despedaçadores e a catástrofe psicológica ameaçar o primitivo elo de ligação entre paciente e analista.

Para o autor, se o predomínio é da pulsão de vida, o orgulho se converte em respeito por si mesmo, em compaixão. Nesse caso, a curiosidade e a humildade são propícias ao conhecer e ao conhecer-se. Tolerar a realidade, as limitações e liberar a criatividade e a empatia.

No entanto, se predomina a pulsão de morte, se transforma em arrogância. A arrogância combinada com a curiosidade se converte em estupidez, falseando a própria curiosidade; não há o que investigar, na arrogância não há dúvida, já se “sabe” tudo.

Nesta análise do mito, uma espécie de Édipo intelectual, o herói antes obstinado pelo desejo sexual pela mãe e desejo de morte aos pais, passa a viver como o inimigo de um casal invejado e como um investigador arrogante, que tem que encarnar, solitariamente, a busca intelectual, do conhecer.

A capacidade de ter curiosidade parece estar relacionada ao próprio impulso epistemofílico. Do ponto de vista da curiosidade, uma via de interpretação da personagem de Édipo, seria que essa curiosidade se ligou à arrogância, levando-o, não ao conhecimento, mas ao excesso, insuportável e dilacerante.

No último texto desse período psicótico, “Ataques à ligação” (Bion, 1994), de 1959, Bion centra a discussão no significado do ataque destrutivo da parte psicótica aos elos de ligação da personalidade na formação de sintomas.

Esse é um texto em que Bion passa a considerar a dupla como objeto de análise. Trata a parte psicótica da personalidade como aquela que ataca destrutivamente tudo o que de alguma maneira possa ser sentido como tendo a função de ligar um objeto a outro. Esse ataque não é só dirigido aos objetos concretos ou anatômicos, mas é dirigido também às funções, não só ao seio ou ao pênis primitivos, protótipos de todos os elos de ligação, mas às funções de aleitar, envenenar, amar, odiar. É um desastre dinâmico composto de processos de fantasias inconscientes.

Emprego o termo “elo de ligação” porque desejo examinar a relação do paciente com uma função, e não com o objeto que serve para uma dada função; meu interesse não é só com relação ao seio, ao pênis ou o pensamento verbal, mas com a função que eles têm de fornecer um elo de ligação entre dois objetos. (Bion, 1994, p.119)

O objeto psicanalítico é o par, não existe função sem o outro, não existe seio na função seio sem o bebê. A própria função estabelece relações, é inerente sua característica de ligar, como a função-seio é ligar a mãe ao bebê.

Fragmentar e expelir uma impressão visual, em seguida, sob a forma de partículas tão minúsculas que se constituem nos componentes invisíveis de um *continuum*, serve ao propósito de evitar experiências dolorosas, como a própria inveja. Nesse caso a inveja do par ou casal parental sentido como aqueles que estão unificados, colados, que não precisam se separar.

Bion usa a interpretação kleiniana e acrescenta que, além da interpretação funcionar como continente, ao mesmo tempo aponta o vulcão interno, causa reboiço, mudança catastrófica, ou catástrofe psicológica, o analista precisa esperar certa crise. O paciente do exemplo tinha ódio às emoções e, por conseguinte, ódio à própria vida. “Esse ódio contribui para o ataque assassino ao que liga o par, ao próprio par e ao objeto gerado pelo par.” (Bion, 1994, p. 117)

O paciente se sentia impedido de usar a identificação projetiva pelo próprio analista. Para livrar-se de seus temores de morte, cindia e afastava tais temores, colocando-os dentro do analista, com a intenção que eles pudessem repousar ali até que a psique do analista os

modificasse e eles pudessem ser reintrojados sem perigo. No entanto, havia momentos em o paciente sentia que o analista evacuava rápido demais as suas projeções e os temores se tornavam ainda mais dolorosos.

O paciente vive uma situação complexa na análise, ao mesmo tempo em que tem oportunidade de examinar aquilo que experimenta, percebe que esteve privado da comunicação e do continente para seus temores e emoções, sente o ressentimento pela privação. Gratidão e hostilidade. Sente-se como impedido de usar o único método de comunicação de que dispõe para ser entendido. Os ataques a esse elo se originam numa fonte externa, no analista ou no seio, e o resultado pode ser a excessiva identificação projetiva e a deterioração dos processos de desenvolvimento.

Essa vivência não seria a causa da perturbação do paciente. Para Bion a principal fonte desta perturbação diz respeito à inveja e agressão primárias, provenientes de características inatas. A experiência com o externo, mãe (ou analista) é fator ambiental que incrementa ou ameniza os sentimentos do bebê. A origem da perturbação é dupla e se inicia com a própria vida. A mãe pode incrementar os sentimentos destrutivos se nega ao bebê o uso dos mecanismos de cisão e identificação projetiva. O fato da mãe (ou analista) conter os sentimentos projetados sem desabar gera inveja e ódio ao bebê, sendo seu ataque dirigido a essa capacidade de introjeção. O ataque será empregado no intuito de destruir a paz de espírito tão invejada da mãe ou do analista. O efeito pode ser a transformação da paz de espírito em indiferença hostil. Os ataques se dão sob a forma de “atuações”, atos delinquentes e ameaças de suicídio.

O paciente pode investigar seus próprios sentimentos vigorosos dentro de uma personalidade vigorosa o suficiente para contê-los. A impossibilidade de investigar os sentimentos pelo método da identificação projetiva, seja por recusa da mãe em oferecer-se como receptáculo, seja pelo excesso de ódio e inveja do bebê, leva à destruição do elo de ligação entre o bebê e o seio e à inoperância do impulso epistemofílico e da curiosidade, comprometendo a aprendizagem e o próprio aparelho de pensar, bem como os pensamentos embrionários. Além disso, o ódio volta-se à própria emoção e daí para voltar-se contra a própria vida é um passo. Na falha da identificação projetiva ocorre a introjeção de função destrutiva, dando origem ao superego severo e a elos de ligação perversos, cruéis e estéreis.

Neste estado mental (campo limitado de curiosidade), a emoção é odiada; é considerada extremamente forte para ser contida na psique imatura, sentindo-se que a

emoção liga objetos e empresta existência a objetos que são não-eu, sendo conseqüentemente avessa ao narcisismo primário. (Bion, 1994, p. 125)

Bléandonu (1993) propõe que Bion continuou sua investigação dos problemas encontrados na relação entre grupo-de-trabalho e grupo-de-suposto-básico, ao aprofundar o exame da parte psicótica e não psicótica da personalidade. Nesse processo estão em jogo forças para impedir atividades de ligação, de pensamento verbal e de agregar aprendizado emocional.

A noção de cura no período de focalização nas psicoses

A noção de cura nesse período de focalização nas psicoses se insere na experimentação que Bion faz de conceitos elaborados a partir da teoria de Freud e Melanie Klein. A base do procedimento era a mesma usada com neuróticos: interpretação baseada na transferência, nas observações do comportamento do paciente, nas associações do analista e da contratransferência. Bion afirmava que era preciso levar em conta para a interpretação as reações afetivas do analista, pois essas poderiam ser resultado da identificação projetiva, usada pelo paciente como comunicação.

Uma das expectativas do autor que aparecem nesse período é de que seus pacientes apresentem mudanças de comportamento e do quadro de sintomas que sejam estáveis e duradouras. Em seu trabalho deste período “Notas sobre a teoria da esquizofrenia”, de 1953, há uma referência clara à sua preocupação de alcançar resultados e os procedimentos necessários a este fim. Encontramos o termo “cura” neste texto, no item *Resultados*.

(...) dois dos três esquizofrênicos que mencionei agora estão ganhando o próprio sustento. Creio que, se o procedimento acima indicado for seguido, haverá motivo para antevermos que o esquizofrênico possa atingir sua própria forma de ajustamento à realidade, o qual, apesar de não idêntico ao ajustamento obtido por pacientes menos graves, nem por isso deixaria, talvez, de merecer chamar-se ‘cura’. (Bion, 1994, p. 45)

A preocupação naquele momento era discutir aspectos da análise de esquizofrênicos e o autor expõe o resultado de seu trabalho. A tomada de consciência da doença, pelo paciente,

bem como das alucinações e delírios, parece ser um resultado valorizado, mas chama atenção, especialmente, a ideia da adaptação à vida produtiva e à realidade.

Os artigos deste período são repletos de descrições clínicas que assinalam essas mudanças. Num dos casos que mencionamos, frente à dúvida do paciente sobre se deve procurar outro método, Bion não questiona o método, mas o trabalho dele como analista com aquele paciente. Sugere que talvez o paciente deva trocar de analista, não de método de trabalho.

Outro sinal de “melhora” ou “cura” que se observa nas descrições do autor se refere à importância atribuída às mudanças do paciente no decorrer das sessões e na relação com o próprio analista. Isso se deve ao fato de Bion incluir a dupla como objeto da análise. Pode-se observar essa importância num dos casos em que descreve o que chama de “resultados surpreendentes”. O autor menciona mudanças no comportamento do paciente observadas na própria sessão, tais como: o semblante tornou-se menos tenso; o fato do paciente olhar nos olhos de Bion no começo e final das sessões, não mais através dos olhos, como um espelho; aos poucos, o paciente passa a tratar o analista como pessoa real, um ser humano comum, e não como parte de uma engenharia; e ainda o aumento na sua capacidade de uso do pensamento verbal, como um instrumento de resolver problemas, à medida que eles podem ser formulados e enunciados.

O movimento de restrição e expansão do contato com o analista é uma contribuição ao processo de compreensão das dimensões do trabalho clínico. É possível reconhecer que o paciente restringe a relação na necessidade de se defender dos estados confusionais proveniente da tentativa de expandir o contato com o analista e consigo mesmo. Esse parece se constituir como mais um instrumento de trabalho analítico.

O uso da identificação projetiva é outro ponto relacionado à avaliação de resultados. Este mecanismo tem lugar privilegiado na formação do psiquismo e na comunicação de aspectos primitivos da mente. A análise desse mecanismo nos leva à cisão e aos efeitos do trabalho analítico sobre ela. Bion observou que o êxito da análise levava a que o uso violento e despedaçador da cisão se modulasse para um formato mais suave e contido, em que é possível respeitar as estruturas psíquicas, resultando também no uso da dissociação. Esse indício importante se relaciona à capacidade de suportar o movimento de integração, tolerar a emoção que promove ligações e relações. Nesse movimento ainda, a depressão que advém da integração deve ser atentamente observada e analisada. Podemos pensar que a depressão,

nesse sentido, poderia ser indício de resultados da psicanálise, de cura, e, ao mesmo tempo, sinaliza a demanda de mais trabalho analítico.

Os sonhos são mencionados, neste período, como outro indício de resultado. A integração de objetos internos permite que os sonhos sejam compostos de elementos visuais, de imagens, objetos totais, e nesse sentido são preditivos de melhora. Esse dado é convergente ao que foi apontado no início deste trabalho, sobre as pesquisas de resultados.

Ao discutir a alucinação, Bion aponta a possibilidade de ser usada pelo paciente como um recurso criativo no sentido da cura, numa solução temporária, para poupar o aparelho de percepção do excesso de estímulos e de experiências desagregadoras.

Outro ponto considerado pelo autor é a aquisição do pensamento verbal e a integração de partes dos objetos como ganhos importantes e almejados pelo paciente e pelo analista. O autor agrega na análise desse resultado o seu potencial gerador de experiências dolorosas ligadas à inveja e ao ataque dessas mesmas capacidades. Esses movimentos de ataque se dirigem ao próprio ego, esvaziando-o de seu potencial afetivo, criativo e produtivo. Os mesmos mecanismos usados pelo paciente podem ser usados também pelo analista e comprometer sua capacidade analítica, seu próprio desenvolvimento implica em identificá-los. O desafio do analista seria receber as projeções e ainda se manter criativo.

A noção de cura que pudemos apreender neste período de focalização nas psicoses da obra de Bion está relacionada ao desenvolvimento da capacidade de integrar, de diminuir a violência da fragmentação e conter o ódio, reafirmando a intensa influência do pensamento de Melanie Klein. Há sinais de expansões ao pensamento kleiniano, por exemplo, em aspectos mencionados anteriormente, tais como: o uso da identificação projetiva, os sonhos como sinal de integração e a alucinação como recurso para proteger a mente.

E por fim, a ideia de dor mental, que aparece nesse período, e será ampliada por Bion no período subsequente, parece ter o caráter de motor dos processos psíquicos. Todos os complexos mecanismos parecem estar a serviço de evitar dor mental.

Em 1967, o autor publica, ao final do livro que reúne os artigos deste período, uma espécie de revisão intitulada *Comentário*, onde retoma sua avaliação destes casos e avalia como inadequada a ideia de “cura” e “melhora”. Trataremos com mais detalhe o *Comentário* no período epistemológico que se segue.

CAPÍTULO III - O PERÍODO EPISTEMOLÓGICO

O período epistemológico, que se insere na década de 1960, é marcado por propostas teóricas audaciosas e pela autonomia do autor, já não mais preocupado em saber se era ou não kleiniano. Foi eleito presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise em 1962 e permaneceu no cargo o tempo máximo permitido, três anos. A década toda foi marcada por seu prestígio social, evidenciado como presidente e em comissões de ensino e de publicação na mesma sociedade. Melanie Klein havia morrido em 1960, e Bion assumira também a presidência da *Melanie Klein Trust*. (Bléandonu, 1993)

A partir da metade dos anos 60, Bion atinge o que se pode chamar do auge de sua criatividade e originalidade e modifica a forma de comunicar-se pela escrita. No período focalizado nas psicoses as ideias eram apresentadas em forma de artigos e exposição oral nas sociedades psicanalíticas. O primeiro trabalho deste novo período *Uma teoria sobre o pensar*, publicado como artigo em 1962, pode ser considerado uma transição. Os demais trabalhos são apresentados em livros.

Nesse período o autor mostra-se interessado em expor um sistema teórico, semelhante a uma teoria filosófica, mas com aplicação clínica. A teoria exposta pode provocar no leitor a sensação de que está diante de uma ciência experimental, pois é apresentada como hipóteses a serem refutadas ou corroboradas a partir de dados empíricos da prática clínica.

Segundo Bléandonu (1993) bem mais adiante vai dar-se conta deste caráter híbrido e de que a teoria “Permite, simplesmente, que o cientista afaste ou neutralize o sentimento de insegurança que surge após a descoberta. Esta, com efeito, revelava outros problemas a serem resolvidos.” (p. 141).

Ênfase ao pensamento

No trabalho *Uma teoria sobre o pensar* (Bion 1994), publicado em 1962, o enfoque é apresentar uma teoria que pudesse ser útil para pensar os distúrbios de pensamento, não como uma direção diagnóstica exclusiva, mas em composição com várias teorias em conjunção.

Bion retoma o trabalho de Freud “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, publicado em 1911, vamos nos ater a esse trabalho por alguns parágrafos.

Freud apresenta os conceitos de princípio do prazer e princípio de realidade. Afirma que toda neurose tem por objetivo “arrancar o paciente da vida real, aliená-lo da realidade”. O

extremo deste afastamento é a vivência do psicótico com alucinação, apesar de que “todo neurótico faz o mesmo com algum fragmento da realidade”. (Freud, 1969c p. 277) A sua questão principal parece ser investigar a relação do indivíduo com a realidade, tendo como ponto de partida os processos mentais inconscientes. O princípio do prazer corresponde ao que foi descrito como processo primário, que se empenha em alcançar a sensação de prazer e evitar o desprazer. A partir da frustração vivida na satisfação alucinatória o aparelho psíquico passa a fazer adaptações no sentido de levar em conta as condições da realidade do mundo externo e promover ações de modificação real, o que ficou definido como o princípio da realidade. “... o que se apresentava na mente não era mais o agradável, mas o real, mesmo que acontecesse ser desagradável.” (Freud, 1969, p. 279)

As adaptações para tomar em consideração a realidade dizem respeito às funções da consciência: percepção, atenção e memória. Estas são funções fundamentais para o processo do pensar. Essas funções estarão presentes em boa parte do trabalho de Bion.

O pensar inclui vários processos: perceber os estímulos internos e externos, dirigir atenção, selecionar, focalizar, registrar no sistema mnêmico, correlacionar os estímulos com outros registros pré-existentes, julgar, decidir se a ideia é verdadeira ou falsa. A descarga motora imediata transforma-se em ação para alterar a realidade. O recalque permanece útil para inibir ideias que possam levar ao desprazer se chegarem à consciência.

O processo do pensar permite tolerar acúmulo de energia, economia no dispêndio desta e transformação de energia livre em energia ligada. “É provável que o pensar fosse originalmente inconsciente, na medida em que ultrapassava simples apresentações ideativas e era dirigido para as relações entre impressões de objeto, e que não adquiriu outras qualidades perceptíveis à consciência até haver-se ligado a resíduos verbais.” (Freud, 1969c, p. 281) É o início do pensamento verbal.

Uma parte do pensamento é dispensada do compromisso com a realidade, trata-se do fantasiar e do devaneio, regido pelo princípio do prazer. Os dois princípios convivem, não são excludentes, na atividade mental. É essa coexistência que pode proteger o ego de ficar empobrecido, sob frustrações e recalques excessivos. A realidade e a fantasia têm igual força na atividade mental e na formação dos sintomas.

Freud refere-se à ciência, à educação e à arte como formas de buscar ou conquistar o princípio do prazer a partir da capacidade de substituir, adiar ou aguardar. Destaca o mito religioso levado ao extremo desse funcionamento, em que a renúncia a todos os prazeres do momento é aceita em prol da compensação em uma vida futura. Podemos então compreender como é imperioso o princípio do prazer e quão difícil é renunciar aos seus benefícios.

Bion acompanha essas premissas e expõe suas considerações a respeito de como é constituído o aparelho para pensar os pensamentos e classifica-os conforme sua natureza evolutiva. O início se dá com pré-concepção, termo usado para indicar uma espécie de concepção prévia. Uma das pré-concepções universais seria a pré-concepção de seio, como o “saber” ou “intuição” prévia de que há algo que preencherá a necessidade. No modelo do bebê que tem a disposição inata que o leva a ter a expectativa de um seio ou de um objeto de satisfação que mais tarde será identificado como o seio. A pré-concepção se torna uma concepção, na escala evolutiva do pensar, quando encontra a realização positiva, ou seja, quando o bebê entra em contato com o seio. A frustração, gerada pela ausência do seio disponível para satisfação (Bion vai usar também os termos: a realização negativa do seio ou o não-seio), em contato com a pré-concepção pode levar ao pensamento, dependendo da capacidade de tolerar a frustração.

Se a capacidade de tolerar frustração for suficiente, o não-seio se transforma num pensamento, desenvolve-se o aparelho para ‘pensá-lo’(...) possibilita que a psique desenvolva o pensamento como meio através do qual se torna mais tolerável a frustração que for tolerada. (Bion, 1994, p.129)

Se a capacidade para tolerar a frustração for insuficiente, o “não-seio” não é experimentado como um pensamento, mas como um objeto mau interno, que leva a que a psique se afaste da realidade e se defronte com a necessidade de decidir se foge à frustração ou a modifica. “A incapacidade de tolerar a frustração faz com que a balança se incline no sentido da fuga... torna-se objeto mau indistinguível de uma coisa-em-si, e que se presta apenas à evacuação.” (Bion, 1994, p.129/130)

Assim o uso do mecanismo de identificação projetiva fica excessivo, pela evacuação, há confusão na distinção entre o eu e o objeto externo, falta a percepção de qualquer dualidade, inclusive a diferenciação de sujeito e objeto.

Na mente primitiva a consciência é rudimentar, não dispõe de instrumentos para transformar os dados sensoriais. A função de correlacionar não está constituída, por falta de aparelho, o recurso que resta é livrar-se do desprazer. Quando a mãe/cuidador aceita e traduz a emoção ou sensação, sua mente funciona como continente para a emoção, senso de realidade, resposta, e conseqüente alívio para a mente do bebê.

Se a mãe não aceita a projeção do bebê não consegue lhe assegurar, por exemplo, que a sensação de desconforto corporal que ele sente pode ser aliviada e que ele não vai morrer de frio ou fome. Se não há tradução do que ocorre, tanto na mente como na ação da mãe, prevalece a fantasia de morte e a necessidade real toma proporções diversas. Nesse caso o bebê continua com a sua sensação não interpretada, sem significado, e a sua mente rudimentar reintrojeta não o medo de morrer, mas o terror sem nome. Essa experiência não propicia o desenvolvimento do pensar do bebê, favorece o esvaziamento da mente e o uso mais frequente e mais forte da identificação projetiva, retirando a possibilidade de atribuir significado ao que é projetado.

De qualquer forma um objeto interno se instala e é vivenciado como estranho e ávido, pois é sentido como tendo o poder de destruir toda tentativa de entendimento do que o bebê dá ou recebe.

Afastando-se do modelo do bebê e expandindo essa compreensão para o funcionamento psíquico geral, a restrição ao desenvolvimento do pensar propicia a prevalência da onipotência e onisciência, dispensando a ajuda do pensar e dos pensamentos para compreender a realidade. A moral substitui a busca pela verdade, imperam o autoritarismo e o dogmatismo. Nesse aspecto, a moral é função da parte psicótica da personalidade. O funcionamento desta parte psicótica apresenta características tais como: o domínio da destrutividade e do ódio às percepções da realidade tanto interna como externa; o uso excessivo da identificação projetiva; a recusa ao aprender pela experiência, ao conhecimento científico e a qualquer dúvida ou imprecisão. Na situação de não tolerar as condições da realidade e do “não-saber”, algo que possa aliviar toda dúvida e dispensar do desgaste da reflexão é adotado como caminho a seguir. É o caso dos dogmas e dos preceitos morais que se baseiam no julgamento e não no pensamento.

Discriminar entre verdadeiro e falso é função da parte não psicótica. Se não se constitui um aparelho para pensar os pensamentos o que se desenvolve é um aparelho para livrar a psique do acúmulo de objetos maus. Nesse caso a busca da discriminação entre verdadeiro e falso é substituída pela noção de certo e errado.

O pensar requer o trabalho de submeter o estímulo ou impressão sensorial à transformação em elemento psíquico que auxilie na avaliação da realidade. Está associado às reações de modificar (interferir e transformar) ou fugir da realidade.

Os pensamentos que solicitam trabalho da psique podem ser compreendidos como objetos “mentais”: concepções, pensamentos oníricos, pensamentos, elementos alfa e beta, que veremos mais adiante. Demandam trabalho mental ou por serem vividos como um

problema ou por serem encarados como excrescências indesejáveis, exigindo atenção e algum meio de eliminação. Poderão ser eliminados por meio da identificação projetiva. Não confundir com a identificação projetiva realista, que serve de comunicação e usa de outra mente como suporte para o desenvolvimento da própria função.

O aparelho para pensar tem a função de comunicar, de tornar público o que estava privado no indivíduo. O homem como animal político tem que lidar com essa necessidade de comunicar o que está em sua consciência e, ao mesmo tempo, com o fato de que seus impulsos são de natureza narcísica. Para Bion é o conflito do narcisismo com o social-ismo.

A correlação entre os dados oferecidos pelos sentidos, por exemplo, o que se percebe pelo sentido da visão coincide, está em consonância com o que pode ser percebido pelo tato ou pela audição. Esses dados traduzidos em termos de concepções e pensamentos privados possibilitam experimentar o senso de verdade. É função da comunicação estabelecer correlação entre concepções, pensamentos e verbalizações. A partir da correlação e do senso de verdade, outra espécie de tradução pode ser feita, a transformação de dados privados em enunciados que possam ser publicados dentro de um senso comum²⁰.

Conhecer a partir da experiência

A partir do artigo “Uma teoria sobre o pensar” (Bion, 1994), o autor apresentou livros de escrita condensada que exigem atenção especial do leitor, bem como disposição de suspender conceitos e suportar dúvidas. Os livros convocam para lidar com associações de outras áreas do conhecimento. A licenciatura em Letras e sua familiaridade com filosofia e epistemologia contribuíam para desenvolver seus questionamentos sobre o conhecimento. Sua experiência clínica com psicóticos ampliou seu olhar para os distúrbios ligados ao processo de conhecer. Bion se convencera da ligação estreita entre o desenvolvimento cognitivo e o restante da personalidade. É marcante nesse período sua inquietação sobre a natureza e origem dos pensamentos. Poder-se-ia considerar que o autor se afastava da base da psicanálise: a sexualidade, e estaria priorizando o cognitivo? A meu ver estaria procurando interseções entre os dois âmbitos da personalidade, abrindo outras perspectivas de observação

²⁰ Senso comum, tal como descrito por Bion, considera que um enunciado é válido quando confirmado por diversos sentidos de uma mesma pessoa, ou por um (ou mais) sentido (s) de pessoas diferentes. Diz respeito a algo comum a vários sentidos ou que comporta um sentido comum a várias pessoas. (Bion, 1994)

da manifestação da sexualidade. Vamos observar como esse aspecto se segue no decorrer da obra.

Uma primeira fase desse período epistemológico é marcada por duas obras escritas em curto espaço de tempo. O primeiro livro é *O aprender com a experiência*, de 1962. (Bion, 1966)

O autor enfatiza desde o início do texto que sua intenção não é criar uma nova teoria, o desafio é que o analista consiga abordar diversas experiências ou eventos com um número mínimo de fundamentos, e não que domine o maior número possível de teorias. A questão é como usar adequadamente os conceitos já existentes.

Neste livro, Bion apresenta sua teoria das funções. Descreve a “função” a partir da ação, a atividade mental peculiar, produzida a partir da combinação de fatores. As funções podem ser descritas como entidades estáveis, seriam as funções da personalidade. São exemplos de funções: materna, paterna, psicanalítica e especialmente a função-alfa, que já vamos ver. Propõe que as impressões sensoriais e as emoções apreendidas passam por uma espécie de trabalho psíquico que resulta em elementos de qualidades diferentes para o uso no sistema psíquico.

Apresentar um conceito com um nome tão vago “função alfa” dificulta a precisão da definição. É como se o autor pretendesse suspender o nome, a designação, e procurasse discutir o processo. E para tal usou palavras que pudessem receber novos significados, desapegadas de definições anteriores, para decompor, analisar o que já se observava. Parte da ideia de que as emoções e as impressões sensoriais compõem a base do psiquismo, no entanto elas não são apreendidas sempre da mesma maneira, parecem passar por um processo de transformação, algum processamento. Admitindo que o processo exista o autor propõe um nome virtual, para lidar com o processo. Assim fez Freud quando formalizou a ideia do inconsciente. Na matemática “função” se refere à equação, agrega a ideia de variável, de incógnita, e indica que há relação entre os fatores. A função alfa representa a incógnita e os fatores se relacionam através da função. Para resolver a equação se descobre a função ou a relação entre os fatores.

Essa proposta de atentar mais para a função e menos para os fatores se diferencia da prática clínica da época em que o resultado terapêutico viria de se identificar as ansiedades, defesas e fantasias, apontando-as ao paciente. Para Bion identificar a inveja, por exemplo, seria um primeiro passo, mas o principal seria descobrir qual a função da inveja naquele momento, o que ela gera, a serviço de quê está. É preciso lembrar que, sendo analisando de

Melanie Klein por oito anos, Bion conhecia bem o efeito das interpretações, valorizava a compreensão e identificava os limites.

A função-alfa é definida como uma estrutura que origina o que Bion chama “barreira de contato”, uma espécie de membrana. Freud usou o termo para se referir à sinapse, no sentido neurológico. Bion a usa como “um processo contínuo de formação, delimita o ponto de contato e de separação entre os elementos conscientes e inconscientes e dá origem à distinção entre eles” (Bion, 1966, p. 33). Esse processo é formado a partir da função-alfa, tanto no sono como na vigília. Pode-se associá-lo ao processo do recalque, no sentido de divisão, de separação.

A escolha do termo função alfa designa o princípio, alfa é a primeira letra do alfabeto grego. A função é transformar as impressões sensoriais e emoções captadas pela percepção. A mente primitiva não dispõe de instrumentos para transformar ou significar esses dados. É constituída a partir da experiência emocional com outra mente já capacitada a utilizar função alfa.

É como se em “estado bruto” essas percepções fossem estranhas e inúteis para o psiquismo. A ideia é: há necessidade de um aparelho mental que faça uma espécie de digestão ou tradução, que torne os elementos (vivenciados nas emoções e nas percepções) armazenáveis e utilizáveis, ou seja, que se possa reter a experiência e compor o psiquismo. O resultado desse processo de transformação são os elementos alfa. No processo da função alfa não há diferença entre as experiências emocionais que ocorrem durante o sono ou durante a vigília, nos dois casos é necessário o trabalho de elaboração para que os elementos sejam usados nos pensamentos oníricos.

A função-alfa é utilizada no pensar consciente, no tornar consciente uma experiência emocional, e assim acumular conhecimento. O aprender com a experiência só pode se dar se a função alfa atuar elaborando e tornando consciente a experiência. Ao mesmo tempo funciona capacitando a mente a relegar ao inconsciente parte do pensar que sobrecarrega o consciente, livrar o consciente do excesso de pensamento. A criança que está aprendendo a andar é capaz de, paulatinamente, acumular seu conhecimento ainda que não esteja completamente consciente de todo o pensamento ali envolvido.

Bion se centrou no escrito de 1911 de Freud e a partir da ideia da consciência como “órgão dos sentidos para a percepção psíquica”, atribui status de “realidade” tanto para as impressões sensoriais como para as qualidades de prazer e desprazer. Acrescentou as contribuições de Melanie Klein referentes às fases iniciais do psiquismo. As teorias do complexo de Édipo e as suas próprias teorias do pensamento se somam e compõem um

conjunto de fatores que se combinam numa função que, a meu ver, genericamente seria a função psicanalítica.

O que pode acontecer às impressões sensoriais e emoções que não foram trabalhadas pela função-alfa? Tornam-se elementos beta, usados nas atuações e na identificação projetiva, e combinados podem formar a tela-beta. Os elementos beta não apresentam capacidade de conexão, sua predominância assemelha-se a estados confusionais, sem divisão das funções inconsciente e consciente, uma espécie de tela psicótica. Uma finalidade da tela beta é suscitar respostas emocionais no interlocutor, envolvendo-o emocionalmente. Parece ser a possibilidade de manifestação do psicótico, no entanto, pode acabar por comprometer a potência psicanalítica do analista, impedindo a comunicação.

Essa maneira de explicar o intercâmbio entre consciente e inconsciente, entre parte psicótica e não psicótica, através da tela beta e da barreira de contato relaciona-se com o conceito de pele psíquica de Esther Bick.²¹

A função alfa é dependente de seus fatores, pode ficar mais ou menos ativa conforme a predominância dos elementos agregadores ou fragmentários²² e persecutórios. Em outras palavras, essa função tem sua atividade dependente da predominância da pulsão de vida ou de morte. Tolerar a vivência de ignorância, decorrente do contato com o desconhecido, é essencial para desenvolver o aparelho de pensar. Aceitar que ainda não se sabe sobre algo é que torna possível a atribuição de significado, a integração e ampliação da capacidade do aparelho de pensar.

No entanto, se o predomínio é de elementos-beta, não é possível haver elementos inconscientes, nem recalçamento e nem aprendizado. Há a percepção, mas não há a atenção, nem apreensão da realidade, apesar de certa hipersensibilidade aos estímulos. Não se constitui uma experiência, pois fica impossibilitado o contato consciente com objetos vivos, pessoas; em seu lugar a relação é com objetos inanimados, desvitalizados ou mortos.

O autor faz referência a Kant para determinar a diferença entre os elementos alfa e beta. O elemento alfa seria o equivalente ao “fenômeno” e o beta à coisa-em-si.

²¹ Esther Bick (1991) criou o primeiro método de observação da relação mãe-bebê-família. Ela enfatizou a importância do analista ser capaz de observar. A partir do nascimento o bebê experimenta sensações corporais e sensoriais de desmantelamento, de derramamento. Bick considera que repetidas experiências de contenção da função materna, da boca no mamilo, dos cuidados corporais, do contato pele-pele, o bebê experimente uma sensação de proteção que auxilia na discriminação dos limites corporais. A proposta da autora é que essas experiências têm correspondência no psiquismo, formando uma pele psíquica, uma espécie de imagem corporal, que delimita o dentro/fora, o espaço interno/externo.

²² Entende-se por elementos fragmentários as emoções em que predomina a pulsão de morte, tais como: inveja e ódio.

A função-alfa é comparada ao sonho. A transformação dos dados sensoriais em elementos-alfa é a base para a formação dos pensamentos oníricos e das imagens visuais familiares, que nos sonhos revelam o conteúdo latente. A ausência ou precariedade desta função significa não poder “sonhar” e, conseqüentemente, não poder dormir e nem “acordar”, no sentido de estar apto para tornar-se consciente da experiência emocional.

A grafia “sonho” é usada por Bion para o estado de vigília especial, em que há comunicação com o inconsciente, mas protegido pela barreira de contato. Numa conversa, por exemplo, é possível converter experiências sensoriais em pensamentos oníricos e, ao mesmo tempo, permanecer desperto ao que se refere ao assunto da conversa. A pessoa é capaz de usar a barreira para os elementos inconscientes e, ainda assim, ter contato com parte desses elementos que constituem a experiência emocional. Há uma barreira para proteção da invasão do inconsciente na “conversa”, mas uma barreira porosa nesse estado de “sonho”.

(...) o “sonho”, juntamente com a função-alfa, que torna o sonho possível, se considera fundamental para a ação do consciente e do inconsciente, a que se subordina o pensamento integrado. (...) a capacidade para “sonhar” preserva a personalidade do que virtualmente se considera um estado psicótico. (...) na medida em que essa capacidade se relaciona com a diferenciação entre o consciente e o inconsciente e com a manutenção da diferença que, assim se estabelece. (Bion, 1966, p. 32)

O “sonho” com essa conotação parece ser a base do conceito de *rêverie*, capacidade esperada do analista, complementar à atenção flutuante de Freud. “Sonhar o paciente” designa a possibilidade de apreender o que ele desperta de pensamentos oníricos e inconscientes, ao mesmo tempo em que se mantém a barreira de contato. A expressão *visão binocular* também parece ser derivada dessa ideia. Trata-se da capacidade de estabelecer contato e correlação com diversos aspectos da experiência emocional, por exemplo, o dentro e o fora, a parte infantil e o lado adulto.

Apontamos que a função alfa inicia seu desenvolvimento a partir de outra mente capaz de pensar e de metabolizar emoções. À medida que o lactente usa esse suporte se inicia o processo de constituir pensamento. O primeiro esboço do pensamento seria a identificação projetiva, tal como descreve Melanie Klein, um recurso defensivo primitivo que expulsa ou

expele algo indesejável de si e introduz em outra mente esses aspectos intoleráveis. O efeito imediato é de descarregar a psique do excesso de estímulos, separar ou cindir objetos de maneira que possa tolerar a angústia. A reintrojeção de elementos, metabolizados pela outra mente, proporciona a vivência de “aprender” que os estímulos e os objetos podem ser tolerados e contidos e podem ocupar funções e espaço no psiquismo.

Bion propõe então um aparelho para pensar. Note-se que nessa noção de pensar está incluído o contato e a apreensão de aspectos inconscientes, seria o produto do processo de transformação das impressões sensoriais e das emoções capaz de ser comunicado por qualquer tipo de linguagem, inclusive pela identificação projetiva. A constituição do aparelho para pensar se dá através da vivência da *rêverie* materna. Não se trata da pessoa da mãe necessariamente, mas da pessoa que faz a função materna. Através da empatia, a “mãe” vai decifrando e descobrindo as necessidades e atendendo-as, oferecendo o que satisfaz ou acolhe o bebê. Se houver mais de uma necessidade, a “mãe” discrimina e oferece o que for mais urgente. Com isso auxilia o bebê no reconhecimento de suas necessidades. Caso esteja em confusão, incapaz de discriminar a necessidade e o que é preciso atender, o bebê realizará confusos registros emocionais e cognitivos.

O sentido de realidade se aproxima ao de verdade²³ e é vital para o indivíduo, tanto quanto a satisfação de necessidades físicas: comer, respirar e excretar. A falha na satisfação das necessidades básicas é tão desastrosa como a falha na experiência emocional de perceber a realidade.

Ainda em seu texto “O aprender com a experiência”, o autor aponta que a experiência emocional só é possível através de uma relação e identifica os fatores emocionais básicos intrínsecos a uma ligação entre dois objetos. Os fatores foram chamados de vínculos ou elos de ligação; são eles: amor (*love* – L), ódio (*hate* – H) e conhecimento (*knowledge* – K). Pode-se relacioná-los às três pulsões básicas, respectivamente: de vida, de morte e epistemofílica. Identificar o vínculo envolvido no enunciado do paciente não é a totalidade do que ocorre na sessão, mas é como se desse o tom, a chave para compreender os demais enunciados. O amor e o ódio foram amplamente explorados pela teoria kleiniana; a contribuição original de Bion é a investigação do elo do conhecimento.

²³ Verdade como um senso comum a vários sentidos, ou seja, uma conjunção em que se harmonizam os conjuntos de dados sensoriais fornecidos por mais de um sentido. Por exemplo, o que se vê tem correlação com o que se ouve. Perrini (2007) sugere acrescentar aos cinco sentidos um sexto, o sentido metafórico, desenvolvido através da mente que comporta experiências tetradimensionais. Através do sentido metafórico que se pode experimentar a comunicação artística, compreender uma analogia, destituir uma palavra de um sentido e lhe atribuir outro.

O processo de abstração é fundamental para o aprendizado com a experiência. Bion introduziu um parâmetro para avaliação da abstração que descreveu como o *sensu comum*, comum a mais de um sentido da percepção sensorial, ou que comporta um sentido comum a várias pessoas. A validade de um enunciado se daria por essa espécie de sentimento de confiança que surge nos órgãos dos sentidos de percepção, ou na percepção comum partilhada entre mais duas ou mais pessoas.

O impulso a conhecer é inerente ao ser humano, ainda que consideremos a impossibilidade, discutida na filosofia, de conhecer a coisa em si. Conhecemos as representações ou apreensões da realidade em perspectiva. A verdade seria, então, o produto de um conhecimento com a menor distorção possível.

Conhecer pode se constituir em experiência emocional dolorosa e disparar a tentativa de se livrar, fugindo ou modificando a dor, de acordo com a capacidade da personalidade de suportar a frustração. Negar a realidade pode ser a forma de fugir da dor mental e da experiência emocional. As mentiras e distorções adulteram as teorias, poupam da frustração e substituem o pensar.

As questões relativas à comunicação científica em psicanálise estavam dentre os interesses de Bion. Como registrar o que acontece na sessão analítica? Como a notação poderia servir ao próprio analista trabalhar posteriormente sobre o material ou problema apresentado e também comunicar a outros profissionais? O autor propõe que esse sistema de notação deveria ser análogo ao da matemática, criando símbolos universais. A criação de modelos para comunicação funciona como uma ligação entre os processos de abstração e de concretização. Os modelos que a dupla analista-paciente pode criar surgem a partir de experiências do passado do paciente; são imagens visuais que congregam elementos em conjunção constante com a experiência a ser nominada. Por exemplo: se um paciente descreve uma espécie de solidão combinada com postura arredia, defensiva ao contato, a imagem que o representa sentindo-se dentro de uma armadura pode ser usada e funcionar como um modelo que expande a percepção da dupla. Se o modelo é eficiente descreve com precisão o que estava incógnito para o paciente, possibilitando-lhe a vivência de uma experiência emocional. O modelo é transitório, não é teoria, é usado até que continue útil ao paciente; quando saturar seu significado, outro modelo deve surgir.

No início do período psicótico mencionamos a criação do gêmeo imaginário. Tratava-se do caso do paciente descrito como vivendo uma situação de duplo, como se o analista fosse uma cópia dele mesmo, com funções e atuações complementares ao seu ego. Naquele momento talvez o autor não tivesse ainda essa concepção de modelo, mas olhando em

retrospectiva, ele usou um modelo. O gêmeo imaginário serviu como suporte visual (ou imagético) e conceitual para descrever um funcionamento específico daquela situação clínica. A descrição estava composta de uma imagem concreta e que poderia se prestar a simbolização ou metáforas, mas o mais importante é que descrevia o estado emocional do paciente.

O contato com o original na investigação psicanalítica só pode ser feito através de modelos²⁴. O modelo tolera o fato dos originais inexisterem e lida com ele como parte do problema a ser solucionado, constitui a tentativa de colocar ao alcance um problema complicado, inatingível. Novamente a comparação com a solução de problemas em matemática é utilizada por Bion.

Ainda sobre a construção de modelos: “O modelo psicanalítico reproduz, num novo meio, uma faceta da experiência original – a realização sobre a qual é feita a comunicação.” (Bion, 1994, p.161) A realização psicanalítica não é apreendida pelos órgãos dos sentidos. O autor lembra que Freud (1969f), na *Interpretação dos Sonhos*, aponta a consciência como o órgão sensorial da realidade psíquica. No entanto, descrever a realidade psíquica já introduz distorções. A ansiedade não tem cheiro, cor ou forma, no entanto é real e, para ser descrita, dada sua própria natureza, sofre distorções. O modelo pode ser usado para comunicar algo que está inexistente no momento, algo que “existe” na memória (no passado ou influenciando a expectativa de futuro) ou “existe” na fantasia/desejo (no futuro ou ligado a ausências do passado). As aspas em “existe” se devem à ressalva do próprio autor: “se é que de algum modo existem”. (Bion, 1994, p.162)

Os modelos não têm dimensão idêntica à realização, embora seu valor também venha deste fator, mas pode ser necessária uma alteração de escala. O paciente pode ter um problema que não decorre de sua voracidade em relação ao “seio”, e sim da voracidade em relação a tudo que o mundo oferece de possibilidade. Aferir a “intensidade” dos elementos é tão importante quanto a capacidade de aferir qualidade. Em outras palavras, o trabalho analítico visa discriminar qual(is) a(s) emoção(ões) está(ão) presente e em que intensidade se manifesta.

²⁴ Modelo, como foi dito anteriormente, é usado por Bion para designar uma espécie de ligação, de ponte construída entre os elementos não-sensoriais abstraídos na situação analítica e a comunicação sensorial. Podem servir de modelos os mitos, metáforas, imagens, analogias utilizados para comunicar os processos mentais. Os modelos têm vida útil limitada, até que provoque novos pensamentos, deve ser abandonado quando saturado, e não repetido de forma mecânica. É próprio de cada relação terapêutica.

O elementar e as notas musicais

O segundo livro deste período epistemológico é: *Elementos de Psicanálise* (Bion, 2004), publicado em 1963. A escolha do vocábulo elemento parece basear-se no significado que tem na química, sobretudo na química analítica: trata-se de identificar quais os segmentos básicos que compõem uma determinada substância. Bion propõe que é possível algo análogo nas teorias psicanalíticas. Como as sete notas musicais são elementos fundamentais para qualquer sinfonia, é a variação das escalas, os arranjos de sequencia e combinação que proporcionam a diversidade de composições musicais.

Para o autor os elementos da psicanálise devem ser abstraídos ou extraídos das combinações em que estão inseridos. Por exemplo, um mecanismo típico de determinado quadro clínico só é típico por estar em uma combinação específica que se repete. “A tarefa é abstrair tais elementos, liberando-os tanto da combinação em que estavam mantidos como das particularidades aderidas, provenientes da realização à qual originalmente destinavam-se representar.” (Bion, 2004, p.18)

Os elementos abstraídos desta forma devem ter condições de se combinar com outros elementos, de representar a sua descrição original e outras realizações em que estiverem incluídos.

O primeiro elemento que Bion propõe vem com o símbolo de ♀ ♂, indicando a relação dinâmica entre continente e conteúdo, podendo também representar a identificação projetiva. Em outras palavras, é essencial ao processo psicanalítico a noção de que no psiquismo há algo passível de ser penetrado e algo passível de ser introduzido. Dessa maneira, o sexual é o primeiro elemento e os sinais de feminino e masculino ficam apropriados, pois eles carregam a possibilidade de união e de serem penetrados pela emoção, nesse caso podendo crescer e expandir, fertilidade e produção de algo novo.

O segundo elemento é representado pelo sinal PS↔D, indicando a relação entre as posições esquizoparanóide e depressiva de Melanie Klein, mas não só. Esse elemento indica o princípio de integração e fragmentação, de análise e síntese. Ainda o “fato selecionado” é capaz de introduzir ordem na complexidade da experiência psicanalítica e possibilitar a formulação de uma interpretação.

O terceiro elemento seria o vínculo, a qualidade do elo que representa as ligações entre os objetos psicanalíticos (no sentido de objeto da psicanálise) que se afetam mutuamente. Como já dito anteriormente, os vínculos são L (*Love*), H (*Hate*) e K (*Knowledge*).

É preciso então que os elementos sejam observáveis, e Bion conserva a perspectiva de que a realidade psicanalítica não é facilmente percebida pelos sentidos. Os elementos são tratados como funções, como incognoscíveis em si, mas manifestando-se como fenômenos observáveis, com qualidades primárias e secundárias. É possível observar o efeito do motor de um carro, por exemplo, produz movimento no carro, fumaça, barulho específico, ou seja, em *funcionamento* o motor produz os sinais de sua função. A função respiratória não pode ser observada em si, mas pode ser descrita por seus sinais de inspiração e expiração, o que é percebido é sua ausência ou presença e sua intensidade. No caso do organismo vivo, apesar de fundamental, nem sempre a função respiratória será o mais importante a ser observado. No entanto, se a questão for uma crise de asma a função será relevante para o diagnóstico e tratamento.

Os elementos de psicanálise e os objetos deles derivados têm três dimensões, são elas:

1. Extensão no domínio do sentido: o que está sendo comunicado pelo analista diz respeito ao sensorial. No momento em que é feita a interpretação se refere a algo que é audível, visível, palpável ou odorífico.
2. Extensão no domínio do mito: não se trata de parte da teoria psicanalítica, mas daquilo que serve como instrumento para o analista enunciar o mito pessoal do analisando; são construídos ou extraídos da experiência da própria dupla. Trata-se da necessidade de tocar nas “teorias” ou certezas que o paciente tem sobre si.
3. Extensão no domínio da paixão: a busca é pela emoção vivida com intensidade e calor. Aquilo que é sentido pelo analista relacionado ao processo. A paixão como algo que só é possível se houver ao menos duas pessoas. O uso dos sentidos, do sensorial pode ser ativado por uma mente isoladamente, mas a paixão inclui ao menos duas mentes.

O objeto psicanalítico não é o mesmo que elemento psicanalítico, mas considera-se que estão em relação análoga à que se estabelece entre a molécula e o átomo. Uma série de elementos psicanalíticos, a princípio incoerentes e dispersos, forma em conjunto um campo. A partir da observação psicanalítica deste campo poderá surgir o fato selecionado, o que dá coerência e estabelece relação entre os elementos dispersos. O campo poderá receber sentido, ser conjugado e nomeado, assim é que emerge o objeto psicanalítico. “Uma interpretação deve estar baseada na evidência de objetos psicanalíticos; ela mesma é um objeto psicanalítico, composto de objetos psicanalíticos.” (Bion, 2004, p. 110) A busca pelos elementos psicanalíticos inclui saber de quais objetos eles fazem parte, assim como sua relação e função no objeto.

Outro elemento considerado por Bion é a atmosfera de privação e isolamento da dupla envolvida no processo psicanalítico. Privação significa que o analista precisa resistir aos impulsos todos de gratificar os desejos de seu analisando e os seus próprios. O senso de isolamento prevê que ambos conheçam as circunstâncias da análise, de que é uma responsabilidade que não pode ser compartilhada com mais ninguém. Correspondem ao senso de isolamento a intimidade e a exclusividade. É nesse clima que o analista é constantemente convocado a decidir sobre a interpretação.

Procurando meios de analisar a sessão analítica, que é única e singular, o autor propõe analisar as utilizações dos enunciados da dupla e as suas funções. Elabora a grade²⁵ para ser usada fora da sessão analítica e servir como exercício de treinamento de intuição.

No eixo horizontal, o eixo da utilização, estão as seguintes categorias:

1. Hipótese definitiva: Aquilo que é usado para nomear, definir ao paciente a conjunção constante de elementos percebida pelo analista.
2. Indicado pelo sinal Ψ (psi) corresponde aos enunciados que têm a função de aplacar a ansiedade gerada pelo desconhecido, próximos ao falso e à mentira. "...o uso da teoria como uma barreira contra o desconhecido irá permanecer tanto no arsenal do analista como no do paciente."(Bion, 2004, p. 34) Interpretações incluídas nessa categoria indicam contratransferência e necessidade de análise para o analista.
3. Memória. Enunciados de realizações passadas e presentes, com recurso da memória, o que Freud classificou como função de notação.
4. Atenção. Enunciados representando o sistema dedutivo científico. Corresponde à *rêverie*, passivo e receptivo, liga a atenção, tem como intuito testar o ambiente, tem afinidades com a pré-concepção. Uma de suas funções é a receptividade para o fato selecionado.
5. Investigação. Os enunciados que se prestam a obter material para investigar o desconhecido, satisfazer o impulso epistemofílico da dupla.

²⁵ Original *grid*, o termo mais preciso seria *grelha*. O tradutor resolveu manter *grade* por estar consagrado pelo uso. Explica que grade induz a ideia de algo estático que não condiz com o inglês. O sentido seria de um instrumento filtrante, dinâmico e distributivo.

6. Ação. “A intenção é, primariamente, que a comunicação habilite o paciente a gerar soluções para seus problemas de desenvolvimento.” (Bion, 2004, p. 35) As interpretações desta categoria são a tradução do pensamento em ação, ou em formulações verbais. O senso de isolamento e solidão tem maior probabilidade de ficar em evidência.

Outras categorias podem ser acrescentadas em colunas infinitas.

No eixo vertical as categorias seguem a gênese e evolução do pensamento; são elas:

- A. Elemento β – “antiga matriz da qual é possível supor que os pensamentos brotam.” (Bion, 2004, p. 37) Sem distinção entre objeto inanimado e objeto psíquico, pensamento e coisa têm as mesmas qualidades.
- B. Elemento α – com condição de representabilidade, resultado do trabalho da função alfa sobre as impressões sensoriais.
- C. Pensamentos oníricos – dependem da existência de elementos alfa e beta. Revelam-se em atividade estética. “São comunicados pelo conteúdo manifesto do sonho, mas permanecem latentes, a menos que o conteúdo manifesto seja traduzido em termos mais sofisticados.” (Bion, 2004, p. 38)
- D. Pré-concepção – estado de expectativa da mente, adaptado a receber uma gama restrita de fenômenos.
- E. Concepção – quando uma variável foi substituída por uma constante, mas pode continuar com um elemento insaturado e continuar expectante, como uma pré-concepção.
- F. Conceito – concentra, contém a concepção, deriva desta por um processo que visa a libertá-la, tornar-se elucidativa e expressar verdade.
- G. Sistema dedutivo científico – “A relação lógica de um conceito com outro, e de uma hipótese com outra, intensifica o significado de cada um dos conceitos e hipóteses assim vinculados; expressa um significado que os conceitos, hipóteses e vínculos não possuem individualmente.” (Bion, 2004, p. 39)
- H. Cálculos – Diz respeito às regras de combinação entre os elementos.

Para melhor visualização da proposta do autor, vejamos então como é a figura da grade.

	Hipótese definitória 1	Ψ 2	Notação 3	Atenção 4	Investigação 5	Ação 6	...n
A Elementos β	A1	A2				A6	...An
B Elementos α	B1	B2	B3	B4	B5	B6	...Bn
C Pensamentos oníricos, sonhos e mitos	C1	C2	C3	C4	C5	C6	...Cn
D Pré-concepção	D1	D2	D3	D4	D5	D6	...Dn
E Concepção	E1	E2	E3	E4	E5	E6	...En
F Conceito	F1	F2	F3	F4	F5	F6	...Fn
G Sistema Dedutivo Científico		G2					
H Cálculo Algébrico							

Seguindo o exemplo do autor o componente A1 seria uma categoria bastante primitiva, sem qualidades de diferenciação e estaria ligada à identificação projetiva, por isso as categorias A3, A4 e A5 são inexistentes. A2 seria a sequencia desta categoria vazia, sem possibilidade de se transformar. O exemplo do bebê que tem a experiência do medo de morrer poderia ser compreendido como usando A1, ou seja, aprisionando o medo em um elemento β . Se através da função alfa da mãe, como já dissemos anteriormente, esse elemento puder ser transformado representaria a categoria B1. Seria então um elemento α que pode servir como uma pré-concepção, que tem a possibilidade de ser transformado. Nas palavras do autor: “Recolocando isso de modo ainda menos abstrato, removeu-se do elemento β o excesso de emoção que havia impellido o crescimento do componente restritivo e expulsivo (...)” (Bion, 2004, p. 41)

O uso da grade consiste em localizar dentro dos elementos o enunciado do analista ou do analisando. O eixo horizontal oferece alternativas para elaborar hipóteses sobre a utilidade ou a função daquele enunciado no momento. O eixo vertical pauta os estágios de evolução do pensamento. Os dois eixos conjugados orientam a atenção para o sentido que o enunciado pode tomar, serve para antecipar ou prever atuações e caminhos que o analisando pode seguir. Em outras palavras, a grade procura abranger os fenômenos do que comumente chamamos

“pensamentos”. Bion propõe o seguinte exemplo: supondo que o paciente diga no início da sessão: “sei que você não gosta de mim”. Essa afirmação poderia estar relacionada a algo da sessão anterior e traria uma teoria sobre um evento passado, a categoria seria G3, uma *dedução* pautada na *lembrança*. Se o analista compreender que seria mais suposição ou *hipótese* do que certeza poderia considerá-la G1. Caso sentimentos persecutórios estejam presentes, e o comportamento do analista percebido como evidência desses sentimentos, estariam envolvidas a *atenção* e a observação da *concepção* ou do *conceito* do paciente, a categoria que explicitaria essa situação seria E4 ou F4. Ainda, se aventarmos a possibilidade de que a fala do paciente visa a provocar uma *reação*, por exemplo, de confirmar ou refutar a afirmação “eu sei que você não gosta de mim”, estaria localizada em G6.

A grade pode ser um instrumento para auxiliar a memória do analista, memória da experiência emocional daquela vivência e sua função no momento. Bion preocupava-se com a forma de anotação, de registro das sessões e como essas poderiam permanecer válidas e úteis no trabalho e na comunicação dele. A grade acabou por congrega toda a obra de Bion, talvez por isso seja fonte de confusão também.

Castelo Filho, em seu artigo *A grade de Bion*, retoma a analogia com a química para descrever a importância de se ter algo em psicanálise como uma tabela periódica para os químicos. Acentua que para se reconhecer um elemento é preciso conhecê-lo anteriormente. Alguém com conhecimento incipiente em química pode saber que a letra B designa o elemento boro, mas se não conhecer como o boro se apresenta na natureza não irá reconhecê-lo ao entrar em contato. Para se reconhecer algo na sessão de psicanálise é fundamental ter conhecido o elemento. E conhecer em psicanálise tem o sentido viver, ter a experiência de. “Aqui estaria a diferença entre ser um erudito e ser um sábio, ter a sabedoria, que seria algo diferente de ser ‘sabido’” (Castelo Filho, 2002, p. 78/79)

Bion sugere que a grade deva ser aprimorada. Especialmente a coluna 2 fica controversa, pois seria representante de um sentido negativo, poderia compor um outro eixo como nas coordenadas cartesianas em que se usa o sinal negativo no quadrante esquerdo (... -5, -4, -3, -2, -1).

Numa conferência em Nova York, em 1977, o autor disse que já não via utilidade para seu trabalho em usar a grade, no entanto poderia ser útil para outros.

No decorrer da apresentação da gênese do conhecimento, o autor passa a tratar a identificação projetiva pela representação ♀ ♂ e apontar a natureza benigna deste mecanismo. Os pensamentos seguem um curso de estágios de complexidade (eixo A-H da grade), na direção de seguidas realizações, pré-concepção, concepção, conceito, sempre dependentes da

categoria anterior, cujo vínculo é descrito por Bion como mecânico. O vínculo dinâmico é representado por L, H e K, estando esses relacionados ao resultado benigno ou não das mudanças no desenvolvimento do pensar. “É provável que o mecanismo por intermédio do qual um uso do eixo 1-6 se transforma em outro uso, seja aquele mecanismo empregado na evasão ou modificação e a dinâmica seja prazer e dor.” (Bion, 2004, p. 48) Nessa concepção o centro parece ser a relação prazer e dor, e modificação talvez se refira à realidade, o objetivo seria então transformar a dor em experiência emocional, em outras palavras, metabolizar a experiência inconsciente de dor em experiência partilhada de significar ou oferecer condições para expressão consciente.

Nessa altura da exposição Bion reconsidera sua ideia de prioridade temporal dos pensamentos em relação ao aparelho para pensar. Achava que este se desenvolvia por pressão dos pensamentos, como um rádio que capta ondas diversas dependendo de sua capacidade. Os pensamentos existiriam a priori e estariam “à espera de um pensador”. A reconsideração é de que o aparelho é que desenvolve os pensamentos e, ainda, esse aparelho que desenvolve pensamentos é diferente daquele que usa os pensamentos desenvolvidos. Parece que esta conclusão se dá a partir da análise dos mecanismos da identificação projetiva e da $PS \leftrightarrow D$ (oscilação entre posição esquizoparanóide e depressiva), no sentido de que, para captar a comunicação da identificação projetiva, é necessário uma “antena” diferente, sensível aos elementos primitivos do processo do pensar e da dor mental. Para usar os pensamentos são os mecanismos de integração, desintegração e reintegração ($PS \leftrightarrow D$) que atuam, revelando relações. Atuam também sobre uma espécie de pré-pensamentos que serão desenvolvidos dependendo do vínculo dinâmico. Dependerá do predomínio de L ou H, dito de outra maneira, predomínio da pulsão de vida ou de morte, ainda, princípio de prazer ou realidade. O potencial de reunir elementos e sinais (antes mesmo deles serem símbolos) leva à tentativa de pensamento e esse potencial existe no movimento de $PS \leftrightarrow D$.

O autor considera que a ação de ambos os mecanismos ♀ ♂ (expulsão ↔ ingestão) e $PS \leftrightarrow D$ (fragmentação ↔ integração) não devem ser compreendidos como atividades isoladas, mas concomitantes e que, quando necessário, podem assumir características um do outro.

Bion descreve como recurso da parte psicótica da personalidade o mecanismo que denomina reversão de perspectiva ou perspectiva reversível. O uso desse mecanismo parece vir da necessidade de lidar com uma situação dinâmica desconfortável, sofrida, transformando-a em algo mecânico. Na situação analítica a própria relação terapêutica é que pode ser atingida. Algo que tem uma determinada aparência ou formato, mas a sua função no momento é causar o efeito contrário dessa aparência. É como se o efeito de um enunciado ou

situação tornasse mecânica a situação que é em si é dinâmica. Se pensarmos na relação humana a reversão de perspectiva seria tornar mecânico o contato, previsíveis e controláveis as reações de duas pessoas, que são por natureza dinâmica e imprevisível.

Para afastar a possibilidade de conhecer, de vivenciar a experiência, o paciente pode se comportar na sessão de modo a contar algo, por exemplo, um sonho e não acreditar que teve um sonho, como se retirasse do relato e de sua própria experiência a emoção, deixando a relação mecânica. O paciente espera que o analista interprete aquele relato como um sonho e assim ficará mantida a invenção do paciente que o protege do contato. O paciente comparece às sessões regularmente, até impressiona o analista com seu brilhantismo ou cordialidade, no entanto, mantém fora do contato o que é conflito, aceita as interpretações, mas rejeita a premissa de estar em tratamento e da relação com o analista para esta finalidade. Rejeita o que é diferente, esforçando-se apenas para confirmar suas solitárias compreensões de si mesmo. Podemos pensar a perspectiva reversível como a dupla estabelecendo um acordo manifesto e um desacordo latente.

Bion utiliza o exemplo da figura de Rubin, em que é possível ver dois perfis frente a frente se o desenho for o preto e fundo o branco; se houver inversão de figura-fundo, vê-se uma taça.

No processo analítico a reversão de perspectiva é denominada por Bion com o sinal menos, ou seja, onde se poderia verificar o K, ou o conhecimento, há o -K, o não conhecimento. E assim para os demais elementos identificados, -♀ ♂, - PS↔D. A ideia é que houve um não encontro entre analista e analisando, se estabeleceu uma espécie de ilusão de encontro. Para haver um encontro é necessário um ponto de interseção entre as impressões diferentes do paciente e do analista.

A reversão de perspectiva indica uma incapacidade do analisando de compreender o que o analista está apontando, e acaba por lidar com esse fato apresentando teorias, concordando artificialmente, triturando e descartando o ponto de vista do analista. Bion não interpreta esse movimento como um ataque ou negação do trabalho analítico, mas como evidência de intensa dor mental. Não é o mesmo que evacuar elementos intoleráveis, mas trata-se da falta de experiência em combinar pré-concepções e realizações que favoreçam seu uso.

O autor considera que é improvável que o analista esteja sempre sob a manobra do paciente e que este sempre esteja tão ágil para reverter a perspectiva constantemente. Pode recorrer a alucinações e delírios como forma de preservar a capacidade de reverter

perspectiva. “O trabalho do analista é restituir dinâmica a uma situação estática, possibilitando o desenvolvimento”. (Bion, 2004, p. 73)

O intuito de evitar a dor mental é básico, tão básico que a própria dor é considerada por Bion o quarto elemento de psicanálise. O próprio sofrimento psíquico pode vir da intolerância à dor mental e de todo o arranjo para evitá-la a qualquer custo. O autor retoma a importância da dor na personalidade, em sua relação com o crescimento, “dores do crescimento”. A experiência de tolerá-la passa a ser um sinal de ganho terapêutico. Espera-se que a experiência analítica traga alívio ao sofrimento psíquico, pode-se pensar também que deva trazer um aumento na *capacidade* do paciente para sofrer a dor. A hipótese é que o custo para mantê-la afastada passa a ser tão alto, levando a um colapso psíquico, como num surto psicótico.

Édipo, Jardim do Éden e Torre de Babel

Bion retornou ao mito de Édipo da perspectiva de que os elementos do mito não podem ser analisados isoladamente, sem sofrerem distorções. O elemento sexual não pode ser separado da insistência de Édipo em prosseguir a investigação, a despeito das advertências de Tirésias. Para o autor, Freud teria iluminado mais do que as facetas da sexualidade humana ao escolher essa estória. A própria situação edipiana deve ser vista como uma pré-concepção universal: há uma convicção de buscar o par e de que inevitavelmente será constituído um triângulo.

Um tema central do mito é a curiosidade do ser humano a respeito de si mesmo, autoconsciência, origem da própria investigação psicanalítica. No entanto a própria curiosidade é expressão de um pecado, tal qual nos mitos do Jardim do Éden e da Torre de Babel.

Bion aponta quatro aspectos do mito, como conteúdo e funções do psiquismo humano.

1. O pronunciamento do oráculo de Delfos como o tema, a hipótese a ser investigada é sobre a identidade do criminoso. Essa hipótese funciona como uma incógnita, que no decorrer da estória é satisfeita, desvendada.
2. O aviso do cego Tirésias, castigado por observar a cópula de serpentes. Esse personagem pode ser considerado como um representante de hipótese falsa, algo a ser substituído, e Édipo age sob impulso, baseado no falso.
3. O enigma da Esfinge estimula a curiosidade e ao mesmo tempo a ameaça, pode ser compreendido como a função da atenção.

4. A conduta arrogante de Édipo, por ter prosseguido a investigação desafiando os deuses, triunfo da curiosidade desmedida, pode ser o símbolo do instrumento científico ou da função de investigação.

Ainda, o autor aponta como desastres da tragédia a praga à população de Tebas, os suicídios da Esfinge e de Jocasta, a morte do Rei e a cegueira e exílio de Édipo.

A questão da busca pelo conhecimento é o tema selecionado por Bion como ponto comum dos três mitos. No Jardim do Éden é proibido comer do fruto da árvore do conhecimento e a desobediência é punida com a culpa, a nudez, o banimento e a morte. No Édipo o desfecho se dá com o exílio e a cegueira. No mito da Torre de Babel a busca é para se construir uma torre que possa alcançar os céus e a deus. A punição se dá através da destruição da linguagem comum, tornando-se impossível a cooperação.

A imagem de um deus hostil à que os seres humanos adquiram conhecimento está associada ao sistema moral. Há um lugar de prazer, um paraíso que foi penetrado e foi perdido, de onde se foi expulso. O conhecimento sexual e o prazer são buscados e proibidos. A busca é incitada pelas figuras da esfinge no Édipo e da serpente no Éden.

Bion propõe que há elementos comuns nos três mitos. O principal seria o sexo. No Éden estaria relacionado à sexualidade oral, ao ato de comer resultando em capacidade de discriminar o bem e o mal. Na Babel a construção da torre e da cidade relacionando-se à sexualidade genital e o ataque de deus à ligação humana através da linguagem. Os elementos do castigo de deus aparecem sob a forma da dispersão, expulsão e exílio, e ainda o aspecto repressivo do superego contrário à linguagem, ao aprendizado e autoconhecimento. A questão é que os elementos se combinam de maneira variada em cada mito e serão trabalhados e reintegrados no processo de análise.

Os mitos trazem o aspecto do que pertence ao humano, à raça humana e pode ser visto publicamente através das narrativas dos próprios mitos. Para Bion importa ver como os diversos aspectos dos mitos aparecem no privado, com cada paciente, propõe buscar como se apresenta o mito pessoal. É esse mito pessoal que o autor categoriza na linha C da grade. Os mitos públicos encontram-se como pré-concepção, linha D, no sentido de fazer parte do aparato do aparelho mental em estágios primitivos da mente. Ainda os mitos públicos podem ser categorizados como conceitos ou sistema científico usado pela psicanálise, linhas E e G.

A pré-concepção, como já vimos, pode ser compreendida como um estado de expectativa de que algo vai se realizar, de maneira repetida e inevitável. A ideia de que o

paciente tem uma pré-concepção de si mesmo, um mito pessoal, construído através de suas relações e seus processos inconscientes, e que esse faz parte do objeto psicanalítico. Alcançar esse mito, identificar, nomear e talvez reformulá-lo seriam objetivos do processo analítico. Por exemplo, o paciente tem o mito pessoal de ser abandonado. Essa já é sua expectativa nas relações e se dirigirá a agir e reagir como abandonado, como uma espécie de sina da qual não pode fugir. Mudar esse mito pode ser um desejo do paciente e, ao mesmo tempo, seu temor, pois uma nova pré-concepção se instala e novas realizações podem surgir totalmente estranhas ao paciente.

Bion compreende o mito de Édipo como um elemento α , como uma pré-concepção específica da relação com os pais, é o meio “em virtude do qual a criança é capaz de estabelecer contato com os pais como estes existem no mundo da realidade. A correspondência desta pré-concepção edipiana – elemento α – com a realização dos pais reais origina a concepção dos pais.” (Bion, 2004, p.103)

Retomando os elementos de psicanálise propostos por Bion (2004) expusemos os seguintes: ♀ ♂ (identificação projetiva, continente e conteúdo), PS↔D (oscilação entre posição esquizoparanóide e depressiva, movimento de integração e fragmentação), vínculos L (amor), H (ódio) e K (conhecimento) e a dor mental.

O próximo elemento a ser descrito por Bion é relacionado à emoção. Bion considera que a emoção em si não é um elemento de psicanálise, mas sim a pré-emoção. Análoga à pré-concepção como base para a concepção, o autor postula a existência da pré-emoção (ou premonição) como precursora da emoção. A expectativa é que o analista busque identificar os precursores das emoções, antes destas se tornarem insuportavelmente dolorosas para o paciente. O autor inclui a questão das emoções relacionando-as à dor, como busca de elementos de psicanálise. A capacidade “premonitória” teria o sentido de antever a emoção através de seus sinais de pré-emoções. As emoções ou os sentimentos não poderiam ser considerados como elementos, pois as interpretações propiciam o desenvolvimento de emoções, através da aproximação de seus precursores. O elemento a ser buscado seria a pré-emoção. A ansiedade pode ser identificada, ter a função de aviso e ser uma aliada do analista no reconhecimento das premonições. O uso da grade é então estendido às emoções, além do conteúdo ideativo, propicia acolher o conteúdo emocional da experiência.

A importância de observar e acompanhar a emoção na sessão é comparável à observação da associação livre e do seu conteúdo. “Muitas expressões sutis de sentimento podem se perder, se as idéias por intermédio das quais estes sentimentos se expressam forem consideradas, por equívoco, como o peso principal da comunicação.” (Bion, 2004, p.105)

Uma das maneiras que Bion usa para descrever estes dois níveis de observação é a comparação com a canção composta de letra e música. A sugestão é que se ouça também a “música do paciente” não só a letra, e muitas vezes que se esqueça a letra e ouça com atenção a música.

As comunicações em que estão presentes o “sinto que” podem ser consideradas como expressões de emoções e de experiência emocional. Além do modelo digestivo o autor usa os modelos dos sistemas respiratório, olfativo, visual e auditivo. Estes quatro sentidos são como continentes que incorporam os conteúdos, respectivamente, o ar, o aroma, a imagem e o som. Nessa incorporação os limites ficam ausentes, a fronteira entre o continente e o conteúdo é confusa, indiscriminada. O tato seria o sentido que apazigua a confusão, a pele faz a função de delimitar o eu e outro. Aqui podemos pensar nas manifestações somáticas de conflitos emocionais, os órgãos dos sentidos relacionados ao pensar. A dinâmica “sentir-pensar” com os modelos descritos pelos sistemas corporais pode ser interpretada como sonhos, mitos e pensamentos oníricos, tais como estão descritos na linha C da grade.

No estudo do eixo vertical da grade está envolvida a ideia de crescimento e este depende da psicomecânica de $PS \leftrightarrow D$ e $\text{♀} \text{♂}$. Ambos os processos são considerados primários, pois, mesmo se observados em suas formas fragmentadas, continuam produzindo continente e conteúdo suficiente para serem penetrados e penetrantes, ainda que sob a forma fragmentada.

O movimento do concreto para o abstrato ou do particular para a generalização é um movimento rumo à simbolização que implica o uso das funções de elaborar formulações ou nomear. A possibilidade de abstrair ou generalizar permite que um elemento insaturado fique saturado para consolidar o ganho do processo de experiência. Ao nomear algo que era pré-concepção e agregou sentido com uma realização, possibilita-se o surgimento da concepção e, posteriormente, uma formulação. O processo de abstração está relacionado à notação, ou seja, à memória que ficou registrada a partir da experiência emocional.

O nome impede a dispersão dos fenômenos, através da operação da conjunção constante, ou seja, uma série de fenômenos desconhecidos, separados ou até contraditórios estão conjugados constantemente. O nome é o primeiro passo para se identificar o significado do termo, é o sinal de reconhecimento de que aqueles fenômenos se ligam. “(...) os fenômenos são destituídos de sentido e necessitam ser coligados para que se possa pensar sobre eles. O significado pode começar a ser acumulado logo que se tenha dado um nome e, assim, a dispersão tenha sido impedida.” (Bion, 2004, p. 98) O termo espera a realização ou o concreto que lhe forneça significado. Assim podemos acrescentar a ideia de que o aprender vem da experiência emocional e é a partir desta que há ampliação, que agrega elementos de conhecer.

Podemos pensar num exemplo: usamos o termo tristeza, aprendemos o que é a tristeza em sua definição, no entanto o termo adquire novo significado se é identificado ao estado emocional em que se sofre a tristeza. Um novo sentido pode se dar a respeito do “saber sobre tristeza”, quando há chance de identificar a tristeza em si. É como se o termo esperasse pela tristeza real para ter significado, e se a tristeza real não for identificada será um não aprendido, a tristeza real ficará não identificada, a experiência deixa de ser nomeada e seu significado se dispersa. Podemos pensar que para Bion o conhecimento a partir da experiência emocional pode ampliar a capacidade de viver as emoções. Poderíamos associar esse aspecto aos pacientes que dizem entender o que lhe é dito, mas não sentem nada com intensidade, como se olhasse para si mesmo sofrendo, mas sem sofrer a tristeza.

Bion introduz a ideia de capacidade negativa na discussão dos processos do pensar, não como algo que seja destrutivo ou hostil ao processo, mas como uma capacidade de esvaziar-se, de suspender os significados e receber os novos. Por exemplo, uma paciente diz que numa situação sente-se infantil e que precisa ser madura. A palavra “madura” pode ser dividida e reformulada em: má e dura, e despertar associações ligadas a um recrudescimento ou inibição da emoção.

A extensão dessa ideia de capacidade negativa se dá à própria teoria psicanalítica. Adotar uma “visão ingênua” diante da própria teoria, uma espécie de constante revisão, que possibilite “reconhecer” o conhecimento dos conceitos psicanalíticos, através do próprio trabalho clínico. “A habilidade de um analista em reter a substância de seu treinamento e experiência e ainda assim alcançar uma visão ingênua em seu trabalho permite que ele descubra, por si mesmo e a seu próprio modo, o conhecimento herdado de seus predecessores.” (Bion, 2004, p. 97).

Uma teoria de observação da psicanálise

O livro seguinte de Bion é intitulado *Transformações* e foi publicado em 1965. O tradutor Paulo César Sandler aponta, em suas notas, que fazia parte do contexto da psicanálise na época o surgimento de diversas teorias e explicações sem instrumentos verificáveis de sua validade. Era um momento de questionamento da eficácia da psicanálise por personalidades como Popper e Eysenck. Acrescenta que os analistas tinham prestígio social sem se importar com os questionamentos. Ainda havia o surgimento de teorias alternativas a Freud.

Essas observações dizem respeito a um clima de desconfiança em relação à psicanálise que se anunciava. No primeiro capítulo do livro Bion incluiu a preocupação com a imagem

pública que a psicanálise constrói. É importante que esta imagem não seja deturpada a ponto de incrementar as dificuldades, por si mesmas já consideráveis.

Bion propõe em *Transformações* uma “Teoria de Observação” em psicanálise, um instrumento de verificação e apreciação dos enunciados do analista e paciente. Apresenta os enunciados como resultado de um processo que denomina T (operação total da transformação) e que está constituído de $T\alpha$ (processo de transformação) e $T\beta$ (produto de transformação). O uso de tantos códigos ou signos pode levar o leitor a uma confusão; já as analogias facilitam a compreensão. O autor recorre à analogia com a atividade de um pintor, que a partir de um campo de papoulas produz um quadro. O quadro não é o campo de papoulas, é uma disposição de pigmentos sobre uma tela. O artista produziu uma transformação, partiu de algo que observou e chegou a um produto que pode ser comunicado. Nessa transformação há algo que possibilita o reconhecimento daquela cena num detalhe ou fragmento da tela do artista. Foi preciso que algo permanecesse inalterado para haver esse reconhecimento. Aos aspectos inalterados, ou seja, os que existem tanto na paisagem como na tela, Bion chama de invariância. Estes dois conceitos serão fundamentais nesse trabalho do autor: transformação e invariância.

O artista representa à sua maneira a paisagem através do uso da perspectiva. Um lago redondo em sua pintura pode ser mais bem representado por uma elipse, ou os trilhos de trem por duas retas que se intersectam. No entanto, os trilhos são na realidade retas paralelas e não se intersectam. Agregando a analogia com a matemática o autor diz que é preciso “descrever o ponto e a reta por intermédio da totalidade dos *relacionamentos* que estes objetos mantêm com outros objetos.” (Bion, 2004b, p.16).

Podemos ter uma impressão do campo de papoulas através da pintura, mas a paisagem “original” está incognoscível. Bion propõe que a psicanálise seja considerada como pertencendo ao grupo de transformações, considerando o “original” como incógnita. Há sempre uma diferença entre o “original” ou a experiência em si e o que pode ser descrito. Assim a interpretação é uma transformação: a partir de uma experiência que é sentida e percebida de um modo, na interpretação a situação é descrita de outro. “... uma técnica análoga à de um pintor, por meio da qual os fatos de uma experiência analítica (a “realização”) são transformados em uma interpretação (a representação).” (Bion, 2004b, p.18)

O pintor será influenciado por sua capacidade artística e as invariantes serão relacionadas à sua escola de pintura, o impressionismo, por exemplo, pode ser considerado um método de transformar paisagem em pintura. Para o pintor de outra escola as invariantes seriam outras, mas ambos fazem uma transformação. Analogamente, a compreensão do

psicanalista e a sua transformação dependerão das técnicas e teorias agrupadas e ao que ele deseja transmitir, o ponto comum é que há transformação.

O autor pondera que a ideia de “forma” existente em transformação cabe melhor aos exemplos de pintura do que ao estudo de uma função da personalidade. Esta é dinâmica, seus processos e produtos de representação são variáveis. Ainda assim, considera qualquer processo de ação sobre uma experiência ou evento emocional como transformação, inclusive o que se poderia tomar como uma deformação, com a ressalva de seu constante caráter dinâmico. A transformação pode partir de uma primeira transformação e nesse caso seria considerada uma segunda transformação, ou T2. O autor usa exemplos de eventos aparentemente simples como um cumprimento do analista ao paciente que podem ser percebidos de diversas maneiras, representando algo hostil, algo invasivo, ou uma experiência amorfa representada por uma deformação.

O símbolo T será usado para designar a experiência analítica total de transformação de um evento. O evento tal qual está na mente do paciente será simbolizado por T (paciente) α , ou $T_p \alpha$. A experiência inapreensível é simbolizada pela letra O. O autor chega a elaborar uma equação para explicar o processo da função psíquica de transformar, aplicando as categorias da grade. No exemplo do evento de cumprimento do analista ao paciente a equação poderia ser: $T = C2 \rightarrow A1$. C2 representa o aperto de mãos do paciente, uma negação da hostilidade do paciente para com o analista a partir de um sonho. A1 seria a compreensão do analista de que o paciente está vivendo essa situação não como um pensamento ou lembrança, mas como algo ocorrido concretamente, não pensável, como elemento β .

O que nos ajudaria pensar os eventos através de equações e tantos símbolos? Ao que parece, o esforço do autor é para procurar identificar cada parte do processo da psicanálise como um todo. Algo acontece com o paciente (T) a partir de uma experiência (O), e é comunicado ao analista através de seu resultado ($T\beta$). Uma pergunta sintetizada seria: do que é que este paciente está me falando? O que Bion espera da psicanálise poderia ser resumido em: é preciso que o analista procure meios de decodificar essa comunicação e buscar o que a originou (O), o que o paciente faz para transformar e qual a natureza dessa transformação. Supomos que há tipos de transformações, de acordo com sua natureza e processo implicado, e eles serão descritos na sequência.

Para descrever o primeiro tipo de transformação, Bion parte da transferência na acepção de Freud como uma espécie de “fidelidade mal-vinda”, a repetição de aspectos recalcados nas experiências atuais, não como lembranças do passado. Essa “fidelidade mal-vinda” cria a tendência a que o analista se traia fazendo interpretações repetitivas. Mesmo

que exageradas ou automáticas, por exemplo, a ideia de que as associações do paciente na proximidade das férias são sempre referentes à falta que sentirá do analista, há nisso uma semente de verdade. “Os sentimentos e idéias próprios à sexualidade infantil e ao complexo de Édipo, e às suas ramificações, são *transferidos*, com uma inteireza e coerência típicas, à relação com o analista. Essa transformação envolve pouca deformação.” (Bion, 2004b, p. 33) A esse movimento que implica a transferência de sentimentos e ideias de uma esfera para outra da vida psíquica, Bion vai chamar de “transformações em movimento rígido”. A invariância nesse tipo de transformação é diferente da invariância nos demais tipos de transformações que aparecerão na seqüência.

A experiência cumulativa de várias sessões ajuda o analista a estabelecer hipóteses e alternativas para as interpretações possíveis, mesmo assim escolher entre as possíveis compreensões coloca o trabalho numa perspectiva sempre especulativa. “A decisão de que a comunicação é reveladora precisa depender da força da impressão recebida pelo analista e precisa ser ponderada em relação ao fato do paciente parecer escolher um método obscuro de comunicação.” (Bion, 2004b, p. 37)

O O do paciente não é o mesmo O do analista, a menos que o fenômeno ou a experiência que estimula a investigação seja a própria sessão. Nesse caso a diferenciação terá que ser feita entre os processos que um e outro utilizam na transformação da experiência para sua representação do fenômeno. Os processos são múltiplos para ambos, envolve teorias, capacidade para conter a experiência, etc.

Para o autor, o estado de mente ideal para o analista seria o que está representado nas categorias C3, C4, C5 (notação, atenção e investigação de pensamentos oníricos, sonho e mitos) e D3, D4 e D5 (notação, atenção e investigação de pré-concepção). No entanto, o paciente ataca esse estado de mente incessantemente. O analista ao examinar o material do paciente poderá dirigir sua atenção ao resultado final do processo de transformação ($T_{paciente\beta}$ ou $T_{p\beta}$). Seu intuito será produzir formulações ou enunciados em termos coloquiais e precisos como hipóteses. Se utilizarmos os termos dos elementos da grade, diríamos que seria uma mudança no uso do pensamento, do eixo horizontal, receber a comunicação em C (pensamentos oníricos, sonhos e mitos) ou D (pré-concepção) e reformular para algo que se aproximasse de F (conceito) ou G (sistema dedutivo científico). O objetivo será sempre se aproximar da experiência emocional original, O.

A formação ou surgimento da hipótese do analista depende de sua observação e, por vezes, pode depender menos da observação do conteúdo em si e mais do modo que o paciente comunica. Há pacientes em que o conteúdo se apresenta coerente e racional, no entanto a

comunicação é de extrema hostilidade e o resultado é a desesperança, um movimento que leva a desacreditar o paciente, o analista e a psicanálise. Bion traz o modelo do parasita, que depende e ao mesmo tempo ataca seu hospedeiro.

Um segundo tipo de transformação proposto por Bion é a transformação projetiva. Assemelha-se ao mecanismo de projeção, a transformação provoca no analista o sentimento vivido pelo paciente. Na analogia com a pintura esse tipo de transformação se aproxima do efeito de impacto emocional que o artista pretende produzir com sua obra no maior número de pessoas. “Nessa classe de transformação, os componentes de $T\beta$ são: experiência emocional, precisão de comunicação, universalidade e durabilidade.” (Bion, 2004b, p. 47)

Bion passa a explicar como e por que enfatiza a emoção envolvida nos enunciados e a emoção despertada pela própria interpretação. Na discussão das transformações, caso o analista decida que a ênfase deve ser dada ao uso que o paciente faz da comunicação, a atenção do analista será dirigida prioritariamente ao uso da comunicação, representada pelo eixo horizontal da grade. O conteúdo do enunciado e da comunicação do paciente, apesar de ser considerado importante, vai compor a análise tangencialmente, da perspectiva de ser uma representação da vivência do paciente. “Assim, se o conteúdo for material edipiano, não me ocupo disto, mas me ocupo com a transformação que ele sofreu, o estágio do pensamento que este conteúdo revela, e o uso sob o qual se coloca sua comunicação. Esta exclusão de conteúdo é artificial, para simplificar a exposição, e não pode ser feita na prática.” (Bion, 2004, p. 50)

Mas o que isso difere dos pressupostos psicanalíticos até aqui ou em que avança? A meu ver, embora as emoções certamente tenham sido consideradas até então, parece que tanto a ênfase que recebem, como fonte de comunicação inconsciente, quanto sua sutileza para ser captada, ainda não eram aspectos amplamente discutidos.

Voltando à analogia com o pintor, o artista trabalha com vistas a despertar experiências em seu público e deixa-o livre para fazer o que escolher da comunicação. Se trabalhar sobre as emoções do público com um determinado objetivo, manipulando emoções, deve ser considerado um profissional do marketing e não um artista. Assim como o analista não intenta conduzir a vida do paciente, mas almeja acrescentar algo ao paciente que o capacite a conduzir sua vida com suas próprias luzes.

A única limitação que Bion coloca para a comunicação do analista é que esta seja verdadeira na visão do analista e que expresse verdade. Verdade para o autor é alimento psíquico, e sua falta pode deteriorar a personalidade. E como podemos decidir se um enunciado ou uma ação do analista é verdadeira ou não? Não é algo que se possa responder,

pois verdadeiro nesse caso é contingente, é circunstancial, na prática clínica depende do relacionamento entre os elementos que compõem a relação da dupla. Na teoria das transformações temos verdade no sentido filosófico, mais da estética do que da ciência. Não no sentido de **a** verdade, ou **uma** verdade última, particular.

Partindo do princípio de que os pensamentos verbalizados são o objeto e o meio de trabalho do psicanalista, Bion atribui interesse especial a como se dá o processo do pensar. Retoma Freud com a ideia do pensar como processo intermediário entre o impulso e a ação para sua satisfação e capaz de ter efeito de diminuir a frustração ou aumentar a capacidade de tolerá-la. Aproxima sua ideia de transformação ao pensar e distingue as funções de notação e registro, comunicação privada e pública e busca do conhecimento.

A busca do conhecimento se dá porque com o pensar há possibilidade de colocar questões, formulações e resolver problemas na ausência do objeto ou do próprio problema. Se pensarmos na matemática e no manejo dos números encontraremos uma analogia. Com a teoria das transformações e o uso da grade, Bion distingue usos do pensamento e seu potencial para tornarem-se mais complexos (eixo vertical e horizontal). Se um pensamento fica restrito ao nível da hipótese e definição (1) ou da notação (3), não poderá servir para enunciar problemas ou indicar soluções, mas são estágios iniciais do pensar que podem servir à atenção (4) investigação (5) e ação (6). Por exemplo, uma anotação de sessão de um psicanalista será útil se tiver potencial para se expandir, para propiciar os demais níveis do pensar.

Vemos então que a teoria das transformações depende da observação. Pode servir a dois momentos: primeiro, para fazer e registrar as próprias observações e, depois, para se trabalhar com elas, sem a presença da sessão, do paciente. Esse segundo trabalho na ausência do objeto auxilia o trabalho na presença do objeto.

No caso do paciente psicótico o trabalho sem a presença dos objetos faz parte de sua dificuldade, o paciente parece esperar que a “coisa” apareça na realidade, como se não pudesse transformar a experiência em pensamento, incapaz de transformar O em T. A dificuldade, pelo uso intenso da identificação projetiva, é diferenciar coisa e pensamento. “É como se em um ponto de vista, o ser humano nunca pode conhecer a coisa-em-si, apenas qualidades primárias e secundárias; enquanto em outro ponto de vista, ele nunca pode “conhecer” nada que *não* a coisa-em-si.” (Bion, 2004b, p. 57).

A comunicação nesses casos se aproximará mais da comunicação artística do que da verbal, ainda que use as palavras, é como se a atenção do analista devesse estar focada mais na música do que na letra.

Ao tratar da questão da observação Bion cita o físico Heisenberg, que colocou em suspenso a confiança do cientista de ter acesso aos fatos, ao dizer que o observador interfere na observação e que os próprios fatos são distorcidos pela observação. Na psicanálise essa interferência e distorção são partes do problema metodológico, não é difícil de imaginar esses elementos compondo o clima de um atendimento psicanalítico. O estabelecimento das invariantes proposto por Bion fica complexo e de difícil visualização. O autor vai se aproximar então das noções de finito e infinito. O campo de relações que o analista ou o cientista está observando é composto de relações entre os fenômenos, que são infinitas. Tomar em consideração que há infinitas interações entre os fenômenos localiza o trabalho com os limites. Bion retoma Freud que postulou o inconsciente para estudar o comportamento consciente, embora as relações entre ambos pudessem se manter inalteradas. O campo do discurso é finito, mas o da observação é da ordem do infinito. A questão para o autor é introduzir a diferenciação não entre consciente e inconsciente, mas entre finito e infinito.

Uma condição que o autor identifica como necessária para que os fatos sejam passíveis de abordagem e eficácia psicanalítica é que algum aspecto deles seja disponível tanto para o analisando quanto para o analista. Em outras palavras, tornam-se relevantes os fatos (O) que possam ser transformados por ambos da dupla.

Bion utiliza a analogia com a imagem de um lago claro e calmo que reflete árvores para dizer do que poderia influenciar a observação. Nesse primeiro momento a imagem é transformada através do reflexo, e se o observador só pudesse ver o reflexo, poderia deduzir as árvores, mas não as folhas destas com acuidade. As mudanças atmosféricas, de luz para escuridão ou de tranquilidade para turbulência poderiam deixar a observação mais limitada ainda. As mudanças são perturbadoras da investigação. Na observação analítica os vínculos L (*love*), H (*hate*) e K (*knowledge*) são considerados análogos às mudanças atmosféricas.²⁶ Os vínculos se relacionam ao processo de distorção, especialmente da perspectiva do paciente.

A observação do analista está pautada sobre uma teoria psicanalítica, no caso do autor a teoria psicanalítica edipiana, postulada por Freud e depois por Klein. No entanto, o próprio arsenal teórico que orienta a observação sofre transformação, só estará realmente disponível para o analista se este fizer uma compreensão ou um reconhecimento da teoria a partir de sua própria prática.

²⁶ Na condição do analista os vínculos L e H recaem sobre características da contratransferência.

O autor discute a presença-ausência que se manifestam no pensamento e no próprio desenvolvimento deste. Retomando suas explicações anteriores de $PS \leftrightarrow D$, é condição para o pensar tolerar a ausência e a frustração gerada. O autor utiliza os conceitos de ponto e reta da matemática e de tempo e espaço da física, para descrever o terceiro tipo de transformação, a “transformação em alucinação”. Trata-se da atitude de ignorar a ausência, lidar com o espaço como se fosse um ponto, como algo que está esvaziado, exaurido. Exemplifica com o modelo do seio representado por um ponto, o lugar que o seio deveria ocupar e não ocupa. A ausência que não é representada permanece na memória como a posição em que o seio estava, e esta memória se impõem a cada nova situação, impedindo que novas experiências possam receber novos significados. Se pudesse representar o seio e diferenciá-lo do não seio, o ponto poderia representar o não seio. Os mesmos fatores que reduzem o seio a uma posição ou um ponto, reduzem o tempo ao “agora”, e o passado e futuro são ignorados, assim como o intervalo.

Bion apresenta a causalidade como teoria falaciosa, porém útil. No caso dos distúrbios do pensar, reconhece que a causalidade e a multicausalidade podem criar construções falsas, e que o paciente tem sua própria teoria de causalidade. Essa rede de causalidade construída pode ter como função a racionalização e convida o analista a considerá-la válida, no sentido de que dispensa exame. Dispensa a construção de coerência e surgimento do fato selecionado, em outras palavras, a rede de causas serve para evitar o movimento $PS \leftrightarrow D$, serve para encarar a ansiedade do medo de depressão. Apesar do ataque à capacidade de pensar e a destruição do próprio aparelho, as teorias não deixam de ser transformações que o paciente faz de sua experiência. As teorias de causalidade estão associadas a componentes morais, e nesse sentido irão se opor à investigação e à descoberta de novas conjunções constantes que não foram ainda observadas.

As comunicações verbais da dupla serão sempre transformações, no caso das transformações em alucinação, a “aparente” comunicação verbal será, para o analista, próxima do fenômeno da alucinação. A aparência de comunicação verbal fica vinculada ao discurso, que tem regras que são ignoradas ou dispensadas na alucinação. Já vimos que o tempo e o espaço são ignorados, e agora acrescentamos que o significado do discurso é alheio a regras e não se submete ao senso comum.

Um exemplo seria como a situação do paciente que sente como impossível aceitar a ausência, o não-seio, o não saber; o suportável se restringe ao que é perfeito, idílico, e que não se modifica nem se desfaz. “A pessoa se aferra a um estado de mente doloroso, que inclui depressão, pois sente que a alternativa é sentida como ainda pior: ou seja, que pensamento e pensar significam que o seio quase perfeito foi destruído.” (Bion, 2004b, p. 78)

Bion trata a causalidade como interna do observador e não como intrínseca ao fenômeno que está sendo observado. Para a psicanálise importa saber como se pode modificar não o ponto de vista de observação, mas a emoção envolvida. Os vínculos L, H e K é que modificam a situação. Os mecanismos continuam sendo os mesmos, mas a transformação será influenciada de acordo com os impulsos emocionais que tiverem operando. O autor trata essas variações como “teoria do predomínio das emoções” e vincula ao termo “transformação” a seguinte composição: um fenômeno ou fato (pensado), um estado emocional (ódio, por exemplo) e uma representação (a transformação do paciente) que se apresentam em conjunção constante. Cada vez que surge um destes três elementos é preciso levar em conta que os demais estão presentes, e a investigação desse grupo dá esperança de chegar ao sentido da conjunção constante.

“Uma conjunção constante é uma função da consciência do observador. O observador sente uma necessidade, *sua*, que a conjunção precisa ter um significado, *para si*. Significado é uma função de auto-amor, auto-ódio ou autoconhecimento.” (Bion, 2004b, p. 87). Autoamor, auto-ódio e autoconhecimento na psicanálise têm importância diferente do que na filosofia, na moral ou na religião. É o amor como parte do desenvolvimento emocional que está sendo tomado em consideração. Vale lembrar não só o amor, como o ódio e o conhecimento se relacionam aos três vínculos L, H e K, que “perturbam” ou implicam a experiência.

No primeiro momento a necessidade de significado é psicológica, a experiência requer um nome e um significado, mas em seguida a razão transforma essa necessidade psicológica em uma necessidade lógica. A busca incessante por significado é impulsionada pelo narcisismo, e a ausência de sentido que não for tolerada será preenchida pela criação de um deus ou será atacada pelo mecanismo de clivagem.

A ausência parece ser definida como par da presença, é diferenciada do nada, comporta uma definição, negativa, mas é uma definição. Há pacientes, descreve o autor, que fazem uma espécie de equivalência entre a palavra e a coisa, ou melhor, a não-coisa. É como se a palavra seio não fosse ouvida ou pronunciada como a representação de seio, mas indicasse exatamente o não-seio, a ausência, o lugar onde o seio estava e não está mais. Bion diferencia duas visões: uma retrovisora relacionada ao que foi perdido e é indicada como – K; e a outra antevisora, associada ao que pode ser descoberto e indicado como K. Ambas estão direcionadas a buscar significado, ao que parece a diferença está em incluir ou não as emoções. Uma definição, por exemplo, como descrita na coluna 1 da grade, marca uma conjunção constante, um conhecimento, mas desprovido de emoções, seria – K, o negativo estaria ligado a excluir emoções e ideias existentes. A experiência emocional é o que mais se

aproxima do ponto de K, pois “(...) algo parece real apenas quando existem sentimentos a respeito deste algo.” (Bion, 2004b, p. 91).

Ainda no exemplo das categorias da grade a coluna 1 (hipótese definitória) marca uma conjunção constante para investigação, seleciona algo de relevância, e excluindo outras, se constitui como barreira às irrelevâncias. A coluna 3 (notação) indica um estado de retenção de significados e seu aspecto de registro relaciona-se à necessidade de encontrar outras conjunções e novos significados, está relacionada à função da atenção na coluna 4. Na coluna 4 (atenção) a busca de significado, o estado de atenção, tal como descrito por Freud, é aberto, propenso à novos sentidos. Já a coluna 5 (investigação) pode descrever um estado propenso à aproximação de significado moral. Esta diferenciação indica sutilezas da observação clínica. O paciente tem organizada uma cadeia de ideias, explicações, denominadas pelo autor de cadeia de pseudo-causalidade, seria a versão –K da causalidade (K). A versão –K está em busca de significado, no entanto tende a forçar causalidade e explicação pela sua existência em si, ou seja, importa que se comprove a existência da causalidade ou do significado, pois a ausência é intolerável. A atenção na situação “pseudo” ou –K não é para qual é o significado, dirige-se mais a um antídoto para o problema do que a busca da solução. Nesse caso, fica a impressão de que a definição, ou a resposta, qualquer que seja, se encaixa na necessidade de comprovar que há uma resposta, um preenchimento e a sensação de ausência fica aplacada.

Bion chama de vértice, tomado da matemática, o que comumente chamamos de ponto de vista. Ele parece escolher o termo vértice para ampliar aos demais sentidos (não só a visão, embora seja o sentido privilegiado) a possibilidade de estabelecer relações e contraparte mental. Contraparte mental seria o que os diversos sentidos e sistemas podem nos oferecer de modelos a experiências psíquicas. Quando usamos modelos visuais para expressão e representação de atividade mental, por exemplo, “visualizar”, “usar o olho interno”, estamos utilizando a “contraparte mental do sentido da visão”. E assim com os demais sentidos (auditivo, olfativo, tátil e gustativo) e sistemas (digestivo e respiratório). O autor inclui o sistema reprodutor como aquele que oferece a contraparte mental de premonições (no sentido de pré-emoções) do prazer e da dor.

O autor utiliza as noções de ponto e reta de múltiplas maneiras para representar seio e pênis, respectivamente, ou continente e contido (♀ ♂). Ponto e reta são usados especialmente como indicação das invariantes, daquilo que pode ser a origem, no caso do ponto, ou conter infinitos pontos, no caso da reta, ou ainda que pode se fechar num círculo, em que dentro e fora podem ser representados. A reta pode tocar tangencialmente ou transpassar um círculo. Utiliza a noção de vetores (\leftarrow \uparrow \rightarrow \downarrow) para indicar a direção em que o pensar ou a

comunicação se dirige, sempre usando a base da grade, constituindo os dois eixos de um sistema de coordenadas. Os vetores $\leftarrow \uparrow$ indicam, respectivamente, direção para $-K$ e para elementos β , e combinados representam desintegração, não-pensamento, estupor ou violência, avidez na busca por existência; os vetores $\rightarrow \downarrow$ indicam direção de uso do pensamento da definição para a ação, e complexificação de elementos α para conceito e sistema dedutivo científico, criatividade e curiosidade crescente. A movimentação do pensar e seu uso não é linear, uma notação ou registro (linha 3) pode tanto seguir na direção da atenção (linha 4) e aumento de curiosidade ou retroceder para a definição (linha 1) para impedir que surja outro enunciado ou investigação.

Os ataques sucessivos de um paciente, numa ocasião, aos objetos pelos quais se sente perseguido pode resultar em fragmentação intensa, mas, na analogia com a matemática, uma reta pode ser fragmentada até o ponto (\cdot), porém o ponto é indestrutível e, dependendo do vértice, se colocado em perspectiva pode se constituir numa reta novamente. A ideia parece ser que há limites para a fragmentação e desintegração na psicose inclusive.

O que pode obstruir o uso do pensamento é a tentativa de aprisionar o investigador nas noções de causa e efeito, por exemplo, os elementos de mito. No mito de Édipo a narrativa dispõe os fatos no tempo, o que aconteceu antes ou depois, em outras palavras, faz o registro de uma conjunção constante. É preciso que se leve em conta, para usar o mito de Édipo, a transformação que a relação entre os elementos do mito opera no indivíduo em uma determinada ocasião, a conjunção e a transformação variam em cada indivíduo e no mesmo indivíduo em diferentes momentos. Depende de haver a experiência emocional para se fazer um uso criativo do mito. Lembrando que na transformação é preciso que algo se mantenha em comum entre o resultado e o original, Bion se pergunta: o que dos problemas atuais são análogos aos problemas do passado? Como se dá essa relação entre o passado e o agora no que diz respeito aos elementos? Naquela ideia da retrovisão e antevisão, caberia dizer que “(...) os elementos que precisam ser formulados para estabelecer a relação de um com o outro são: o não-pênis (o que ainda está para ser) com o não-pênis (onde o pênis estava).” (Bion, 2004b, p.111)

O sentido negativo (-) da hipótese definitória (coluna 1) seria excluir o campo a que pertence a hipótese, negar o âmbito existente junto da hipótese e que a ela pertence. Restringe a definição de modo a conter, impedir seu seguimento investigativo, ficando tão estreito que não é possível a “abstração” ou o equivalente a uma incógnita na matemática.

A incógnita é tratada pelo autor como um símbolo da conjunção constante e também um símbolo do seu negativo, a posição não ocupada, a não-coisa. A abstração envolve tanto a

coisa como sua ausência, em outras palavras, o espaço onde a coisa esteve (passado) e onde poderá estar (futuro). O “agora” isolado e uma posição sem duração no tempo ficam destituídos de sentido, de significado. Podemos pensar na situação em que um luto ou separação é vivido de tal forma violenta, que a fonte de significados parece ter sido destruída. A vivência de dor, de ausência de sentido, parece corresponder a uma sensação de torpor, de não existência, descolado, desligado do tempo e espaço, essas dimensões se tornam, temporariamente, etéreas. Nesse caso o paciente procura por reassuramento, na tentativa de negar o estado de ausência de significado.

O uso do sinal menos (-) pode ser substituído pelo dos vetores (\leftarrow \uparrow), na medida em que estes indicam a ausência de características ou de significados. No entanto os vetores indicam força e dinâmica, representam que o objeto não é estático.

A invariante em psicanálise é a relação entre a coisa e a não coisa, entre o ser e não ser. “(...) uma coisa não pode existir desacompanhada na mente: nem uma coisa pode existir a menos que simultaneamente exista uma correspondente não-coisa.” (Bion, 2004b, p. 116/117) Nesse sentido a contradição não é uma invariante em psicanálise, ser e não ser são distintos e obedecem a regras distintas, a invariante seria a razão²⁷, no sentido matemático, da não-coisa com a coisa. Coisa e não-coisa podem ser coincidentes quando há distúrbios de pensamento, o analista ausente pode ser interpretado como o lugar onde ele não está, e sua ausência percebida como o lugar onde ele está, em outras palavras, como se o espaço e a coisa fossem o mesmo, dois pontos exatamente coincidentes, indiscriminados. Espaço e objeto podem ser confundidos.

“A psicanálise lida com “objetos” que incluem a *relação* da não-coisa com a coisa. A personalidade capaz de tolerar a não-coisa pode usar a não-coisa, e assim é capaz de usar aquilo que agora podemos chamar de pensamentos.” (Bion, 2004b, p. 121) O pensar seria então transformar objetos percebidos no espaço da mente, representados por pontos, posições de objetos, lugares onde algo costumava estar, ou estaria no futuro. Essa transformação processa elementos em não-coisas específicas, talvez possamos dizer: abstrai ou simboliza, capacitando a resolução de problemas na ausência de objetos. O desenvolvimento do pensamento está condicionado à interação da não-coisa com a realização, como no modelo alimentar: a fome encontra a realização no alimento e produz a saciedade.

Bion retoma a definição de consciência de Freud, o órgão sensorial de qualidade psíquica e vai supor a existência de consciência (usa o sinal Cs) de conjunção constante.

²⁷ Razão vem do latim *ratio* e indica divisão ou a relação entre duas grandezas que possuem característica que podem ser comparadas.

Exercita a possibilidade de Cs pertencer à categoria A1 da grade, ou seja, estar associada a elemento β . Nesse caso teria a natureza do tropismo.

Essa “consciência” é uma consciência de uma falta de existência que demanda uma existência, um pensamento em busca de uma realização que dela se aproxime, uma psique procurando por uma habitação física que lhe dê existência, ♀ procurando ♂. Por analogia com a matemática, pode-se dizer que a psicanálise está envolvida na descoberta de leis que governam as relações entre os objetos psicanalíticos. (Bion, 2004b, p. 124).

A psicanálise foi concebida como um campo receptivo propício para o paciente projetar e de modo a produzir transformação em movimento rígido e transformação projetiva. Bion propõe que algumas vezes as transformações que envolvem a transferência, o que chamou de movimento rígido, não são detectadas facilmente na situação analítica, e outros tipos de transformações ocorrem. Estes fatos demandam estudos para detectar mudanças e ampliar na “situação analítica” a base para apreender os demais tipos de transformação. Por exemplo, comunicações vagas do paciente, frases que são indefinidas para o analista, podem demandar que este detecte sinais de identificação projetiva com característica multidimensional, ou estar em posição análoga ao ouvinte exposto a uma obra de arte que foi constituída com materiais desconhecidos. Trata-se de uma linguagem diferente, de algo que não lhe é familiar, mas é acessível.

O autor propõe tratar a alucinação como uma dimensão da situação analítica, possível de ser captada pelos sentidos, em outras palavras, que os objetos na alucinação são “sensorializáveis”. O espaço dessa dimensão seria preenchido com não-objetos violentamente ávidos por existência.

O que seria então o trabalho do analista na clínica, segundo a teoria das transformações? O autor permanece usando a matemática como analogia para a teoria psicanalítica no que diz respeito à experiência, no caso a geometria euclidiana, a experiência de espaço.

Estou admitindo que pontos, originalmente, eram o espaço que havia sido ocupado por um sentimento, mas tornou-se um “não-sentimento” ou o espaço onde um sentimento

costumava estar. Admito além disto que ao invés de ter este “espaço” ocupado por uma “não-coisa”, pode se descobrir um “ponto de vista” (vértice de projeção) caso “espaço” seja usado como um elemento insaturado. Descobriu-se que a geometria euclidiana se aproxima a muitas realizações de espaço. Supõe-se que a geometria euclidiana derivou da experiência de espaço. Minha sugestão é que sua origem *intrapsíquica* é experimentar “o espaço” onde um sentimento, emoção, ou outra experiência mental “estava”. (Bion, 2004b, p. 135).

Os elementos β são essencialmente saturados, ocupam espaço que precisaria estar vago. O trabalho do analista se direciona a substituir elementos saturados e carregados de significados distantes de O (experiência original), pelo sistema de representação insaturado e que permita saturação. Bion apresenta o exemplo do paciente com sintomas de agorafobia. Discute que o termo vincula uma conjunção constante, ainda que na análise seja pouco significativa para descrever a experiência do paciente. Este procura análise para receber ajuda e, se seus enunciados não expressam sua experiência, não é possível saber do que ele está falando (o O do paciente), diz não poder descrever seus sentimentos. A transformação feita pelo analista proporciona descrever o paciente como experimentando emoções intensas, tal qual uma criança invadida por sentimentos dolorosos, como um objeto mau, talvez como uma parte de si. No entanto, é possível que sejam mesmo sentimentos indescritíveis e que sua descrição não corresponda ao que de fato ele está sentindo. É preciso que sua descrição vá se ampliando e casando com a compreensão e o arsenal de vocábulos do analista. O autor parece relacionar a experiência de agorafobia com a claustrofobia e procurar por invariante das situações, através da analogia com a geometria: a experiência de espaço (lugar onde a coisa estava) é vivida com dor.

As transformações geométricas se aproximam da “teoria psicanalítica intuitiva”, expressão que o autor usa para aproximar a realização de um trabalho de desintoxicação ou tornar suportável a emoção dolorosa. O elemento intuitivo leva a representação de etapas genéticas (no sentido de gênese, origem).

O enunciado do paciente pode ser tomado como um enunciado tão complexo que poderia se encaixar em todas as categorias da grade. As categorias seriam como as “dimensões” do enunciado, como facetas que são constituídas por transformações sequenciais, em que o resultado de um ciclo ($T\beta$) pode ser a origem (O) do próximo ciclo de

transformações. O analista “escolhe” elementos do enunciado que lhe parece mais importante e ignora outros. Essa “escolha” implica uma regra orientada pelo interesse do analista de compreender as associações e comunicar ao paciente sua compreensão. Ainda que o paciente esteja sob a influência dos vínculos L, H e -K, o fato dele comparecer à sessão indica presença de vínculo K, ele tem intenção de conhecer. “O pressuposto subjacente à fidelidade ao vínculo K é que a personalidade do analista e do analisando podem sobreviver à perda de sua capa protetora de mentiras, subterfúgio, evasão e alucinação, e podem até mesmo ser fortalecidas e enriquecidas pela perda.” (Bion, 2004b, p. 143)

Na “transformação em alucinose”, onde o predomínio é da linha A (elementos β) a “alucinação” é vista como um método de afirmar a autossuficiência, a ideia de que o analista é prescindível e o paciente se considera superior. Os enganos são atribuídos ao analista, sob forma de rivalidade, inveja e avidez e estas se constituem nas próprias regras. A vivência é de que a relação sempre envolve superior/inferior, e de superioridade “moral” ou científica o objeto é o “máximo”.

No modelo da matemática, na alucinose a vivência da ausência não é representada por zero, mas por 1, na coluna 2 (falso, vazio) da grade. “Em alucinose, o zero despojado de sua natureza é hostil, invejoso e ávido e nem sequer existe, já que fica despojado de sua existência.” (Bion, 2004b, p. 149). Comparando com a base em que a frustração é tolerada (K), a ausência pode ser representada também pelo 1, mas o 1 existente, com dimensão, uma dimensão “ser desconhecido”, que revela que poder existir, ter realização. No caso da alucinose, o enunciado perde suas dimensões, suas regras e seus vértices, assim como são despojadas as intervenções do analista. Os sentidos são evacuados, assim como a própria personalidade.

Bion representa por O aquilo que deseja alcançar nas transformações psicanalíticas. Descreve O por negativas: não tem importância intrínseca, “não é bem nem mal, não pode ser conhecido, amado ou odiado. Pode ser representado por realidade última ou verdade. O máximo e o mínimo que o indivíduo pode fazer é sê-lo.” (Bion, 2004b, p. 153) O autor considera O incognoscível, não por incapacidade humana de apreendê-lo, mas porque os vínculos inerentes ao humano (L, H e K) são adequados apenas para as transformações em O e não para O. “Transformações em O” é o quarto tipo de transformação e correspondem ao movimento de tornar-se, abrangem o âmbito da realidade última.

O quinto tipo de transformação é a “transformação em K”, seriam as transformações na direção do conhecimento a partir da experiência emocional, elas podem conduzir a O, mas não podem ser confundidas. As transformações em O e em K se parecem, têm em comum o desenvolvimento. As primeiras relacionam-se ao desenvolvimento em tornar-se e as segundas

em conhecer sobre desenvolvimento. Estão em relação, como a interação e integração entre tornar-se/ser e conhecer.

Bion utiliza a noção de hipérbole para discutir particularidades da transformação. Associa o termo à noção de exagero, de rivalidade, bem como de arremesso e distanciamento. A contraparte psíquica seria o exagero como útil para esclarecer um problema e evidenciar uma emoção. Uma emoção exagerada pode angariar ajuda de um continente. No entanto, se o continente não for capaz de desintoxicar a emoção e a própria emoção for incapaz de tolerar o descuido, o efeito será a hipérbole. A força do exagero da emoção se intensifica junto com a violência da reação do continente de expulsão.

Outro tipo de desacordo pode ser vivido pelo analista e analisando em relação aos métodos de transformação em alucinação e transformações em psicanálise. Esse desacordo pode ser sentido pelo analisando como um desacordo de rivais. Pode haver conflitos entre os dois, por ser insuportável para ambos enfrentar as diferenças. Para o analisando a “cura” será como vencer sozinho e a dor como pontos para marcar a rivalidade e a disputa. O desafio do analista é estabelecer associação que seja benéfica ao analisando.

Se a análise for bem-sucedida em restaurar a personalidade do paciente, ele vai se aproximar de ser a pessoa que foi quando seu desenvolvimento tornou-se comprometido. (...) Se rivalidade, inveja e ódio forem secundários, a chance de uma solução adequada parece maior do que seria o caso se a dotação da rivalidade, inveja e ódio forem intrínsecas, inatas, a verdadeira matéria-prima de sua personalidade. (Bion, 2004b, p. 157)

Retomando a questão da busca da verdade como alimento psíquico e **O** como realidade última, incognoscível, podemos nos perguntar o que diferencia verdade de fenômenos cognoscíveis?

Verdade, coisa-em-si e **O** são compreendidos como equivalentes, representam a dimensão da realidade iminente do objeto, inacessível, protegidos por um anteparo de ilusão, como um hiato entre o fenômeno e realidade absoluta. Podemos pensar que este conhecimento pode ser insuportável para o ser humano? A ameaça de algo que se revela como real, o temor a algo que se acredita ser real. Para o autor, os místicos são exceções nessa convicção da realidade inacessível.

Os fenômenos são cognoscíveis através dos métodos de transformação e seu resultado expresso através da linguagem comum, arte ou música. O conhecimento do fenômeno é sempre resultado de transformações (T β), e “com elas se lida através de serem conhecidas, amadas ou odiadas –K, L ou H.” (Bion, 2004b, p. 161)

A inacessibilidade da realidade ou de O se faz por sua própria natureza, como já dissemos, não por incapacidade do aparelho humano de conhecê-la, mas porque realidade por si só não se presta a ser conhecida; essa dimensão só pode ser, só pode tornar-se. Dimensões diferentes compõem o objeto. Um exemplo seria a diferença entre “conhecer sobre psicanálise” e “ir sendo psicanalisado”. No trecho a seguir o autor assinala as dimensões que acredita estarem envolvidas no processo da psicanálise, tomando lugar o “tornar-se”, além do “conhecer-se”.

Recapitulando: através dos fenômenos podemos ser lembrados das “formas”. Através da “encarnação” é possível estar unido a uma parte, a parte encarnada da Divindade. Através da hipérbole, o indivíduo pode lidar com o indivíduo real. Através da interpretação psicanalítica, será possível efetuar uma transição entre conhecer os fenômenos do *self* real para ir sendo o *self* real? (Bion, 2004b, p. 162)

Aproximar-se da realidade e da realização da experiência é um vértice diferente do objetivo de conhecer-se. Tornar-se realidade parece representar O, realidade última, é consentir em encarnar a “divindade”, no sentido fenomenológico de bem e mal. A cura estaria mais próxima de tornar-se realidade, do que tornar-se, pela clivagem, o supremo bem ou supremo mal.

Um caminho para lidar com o anteparo de ilusão, que o autor parece propor, relaciona-se a considerar e lidar com o que é categorizado como coluna 2 na grade, o falso, como enunciados que indicam resistência. Os enunciados falsos tomam importância em sua função de barreira, de manter inconscientes pensamentos, sentimentos e fatos. A resistência auxilia a manter inconsciente aquilo que a pessoa se sente incapaz para modificar.

O enunciado teria que ser avaliado em uma espécie de escala de realidade e a interpretação favorecer a aproximação da verdade de si, passar do conhecer sobre a realidade para tornar-se real. Voltando à analogia com a matemática, o raciocínio para Bion tem uma forma circular e deve ter um diâmetro adequado. “Se o diâmetro for muito pequeno, o raciocínio torna-se um ponto; se for muito grande, uma reta.” (Bion, 2004b, p. 166/167).

Ponto e reta são associados a estados primitivos da mente. O raciocínio associado a experiências maduras exige habilidade em lidar com uma órbita em que se possa circular. “(...) a experiência analítica precisa consistir em conhecer e ser sucessivamente muitos enunciados elementares, discriminando suas relações esféricas, ou circulares, ou orbitais, e estabelecendo os enunciados complementares.” (Bion, 2004b, p. 167)

A ideia de cura inclui a transformação em novos ciclos, que são capazes de saturação e insaturação, ou seja, recebem um significado, agregam experiência e em seguida se abrem para nova saturação. Uma imagem que se tornou comum para designar esse tipo de crescimento é a de uma espiral em ascendência, circular, que nunca retorna ao mesmo ponto.

A resistência a uma interpretação pode estar relacionada ao medo da turbulência psicológica, um estado de mente de intensa dor. Pode ser uma forma de evitar transformações em K, por seu potencial de levar a O, em outras palavras, evita-se o desenvolvimento do conhecimento pelo receio desta experiência levar a uma mudança psíquica em direção à maturidade. A adesão precoce a uma explicação ou causalidade pode indicar a intolerância à ignorância e o medo ao não saber, gerando uma espécie de fé. Essa condição apressada não propicia a investigação nem o exercício da intuição e do pensar, que levaria ao conhecimento.

O movimento para “tornar-se realidade” pode ser evitado por sua relação com a megalomania, como se fosse sinônimo de ser Deus, de tornar-se a própria realidade última. Esse medo inibe a aceitação da responsabilidade sobre si mesmo e da busca pela maturidade, distorcendo para culpa a responsabilidade.

O comentário provocador

No livro que reuniu textos do período de focalização nas psicoses, década de 50 e início de 60, *Estudos Psicanalíticos Revisados - Second Thoughts*, publicado em 1967, Bion acrescentou um capítulo, que denomina “Comentário”, que é uma espécie de revisão destes escritos. O tema da cura e dos resultados é retomado e apresenta uma discussão intrigante. Afirma que “o progresso da psicanálise levou a um afastamento em relação ao estado de coisas em que tinham algum sentido as noções de ‘tratamento’, ‘cura’ e ‘resultados’”. (Bion, 1994, p.168). A cura seria uma noção que fornece uma justificativa e explicação para o trabalho da psicanálise, está baseada nas experiências humanas de dor física inclusive e no princípio do prazer: há uma dor e ela deve ser removida, de preferência rapidamente ou magicamente. Tratamento e cura seriam modelos questionáveis à psicanálise por unirem-se a uma memória que funciona como barreira à intromissão de fatos perturbadores, ou seja, novos

elementos que contrastem com as crenças reconfortantes e conhecidas de tratamento e cura. Nesse caso evitaria as mudanças e o crescimento.

Ao ingressar por esta linha de pensamento o autor parece se afastar de sua formação médica e dar voz à sua bagagem filosófica, colocando a própria psicanálise mais próxima da filosofia e com necessidade de abandonar modelos e memórias oriundas da medicina orgânica. Afirma que na ocasião em que escreveu o texto, 1953, não tinha motivo para perceber a inadequação da ideia de “cura” e “melhora”.

O autor cita seu trabalho *Catastrophic Change*, publicado no ano anterior, em 1966, onde aborda a relação de “continente” e “contido” com a tensão entre o sistema e o místico²⁸. Assim também é tensa a relação entre uma ideia e a expressão que se destina a contê-la. As formulações ou ideias conhecidas formam um escudo de proteção contra novas ideias. Abandonar esse escudo deixa a pessoa e seu grupo expostos à força demolidora (mesmo que criativa) da ideia “contida”. A “memória” tem a função de constante reparo e de barreira defensiva contra o novo. A ideia de cura é uma dessas memórias, torna-se elemento saturado a fim de evitar crescimento e mudança, esta última percebida como catastrófica. Renunciar ao desejo e ideia de cura é um passo para descobrir a realidade da análise e a estranheza do mundo da experiência analítica. “Abandonar memórias e modelos oriundos da medicina orgânica implica o analista vivenciar problemas que talvez ele encare como algo alheio a seu campo ou competência...” (Bion, 1994, p. 170).

“A memória e o desejo podem ser encarados como ‘sentidos’ pretérito e futuro (análogos ao conceito matemático de ‘sentido’ e que se aplicam indiferentemente a tempo ou espaço) da mesma ‘coisa’.” (Bion, 1994, p. 163) A memória e o desejo podem ser empecilhos para a relação com a realidade, com o seio ou o pênis ausentes. Para o crescimento psíquico harmônico é fundamental que nos reconciliemos com a realidade última, ou ainda com a ideia próxima ao que as pessoas religiosas chamam de crença em Deus, a experiência com o inefável. Evitar essa experiência seria se deixar iludir por ídolos e falsas imagens. É nesse clima que podemos entender a recomendação de Bion que o analista no momento da sessão deve procurar um estado de mente que se aproxime da ideia de “sem memória e sem desejo”.

O autor não coloca em questão se há “melhora” com o tratamento psicanalítico, mas questiona a aceitação desta como um objetivo ou desejo adequado do analista.

²⁸ Os termos “místico” e “gênio” são usados por Bion para designar a pessoa que possui e transmite novas idéias e ameaça a estabilidade do grupo ao qual pertence. O sistema é como o representante do conjunto de ideias e práticas já arraigadas e compartilhadas pelo grupo.

(...) reitero as razões de eu desconfiar da idéia de “cura” ou “melhora”, não por duvidar da existência de uma realização que se aproxime desses termos, mas porque a tendência a equiparar análise a “tratamento”, e “cura” a melhora, é sinal de que a análise está ficando restrita, sendo a limitação posta no crescimento do analisando, com vista à manutenção da paz de espírito do grupo. (Bion, 1994, p. 176).

A partir das afirmações sobre “cura” deste *Comentário* publicado em 1967, poderíamos pensar que nossa pesquisa poderia se restringir a este item. No entanto, desde o início estamos compreendendo “cura” como o campo onde são incluídos os resultados e expectativas que podemos ter no trabalho analítico e de que maneira podemos orientar nossos esforços para obter resultados sem comprometer o instrumental psicanalítico. A inadequação de pensar a “cura” na psicanálise a partir do modelo médico é um reforço para nossa hipótese de tratar-se de uma experiência que exige outros modelos de explicação.

Atenção e interpretação

O livro seguinte é *Atenção e Interpretação*, publicado em 1970. O autor retoma ideias dos livros anteriores e apresenta expansões em alguns pontos específicos.

Na introdução, Bion propõe a ideia de que as palavras e formulações são desenvolvidas a partir da experiência emocional e a linguagem tanto pode ser um meio de comunicar essa experiência emocional, bem como de dissimulá-la no discurso. As expressões podem alcançar durabilidade e extensão que ultrapassam os limites do tempo e do espaço. Um exemplo seriam as expressões poéticas e religiosas. Bion usa o soneto 55 de Shakespeare: “nem mármore, nem os monumentos dourados dos príncipes/ sobreviverão a esse poderoso verso”. (Bion, 2006, p. 18)

Sugere que o analista deve usar métodos que ultrapassem o tempo e espaço, em outras palavras, que os efeitos da sessão analítica sejam duráveis. Diferente de um enunciado registrado num livro, a sessão analítica carrega a possibilidade de o analista chamar atenção do analisando para fenômenos específicos que ele precisa observar.

Bion propõe tomar o mentir não só como um sintoma de uma personalidade perturbada, mas observar a aptidão humana para mentir como mecanismo da comunicação que esconde ou dissimula o pensamento. A observação do discurso do paciente poderia

fornecer material para distinguir a mentira de uma transformação em alucinação ou de uma alucinação presente no momento. Interessa ao analista saber o que está sendo comunicado tanto quanto lhe interessa o uso da comunicação, se está sendo direcionada a promover engano ou esclarecimento.

No capítulo denominado “Medicina como um modelo”, o autor parte da ideia de que a semelhança entre a medicina e a psicanálise se dá na maneira de pensá-las como métodos de tratamento de uma queixa. Assim é como a maioria das pessoas pensa e como pensava Freud. “No entanto, à medida que a psicanálise foi se desenvolvendo, passou a ser vista como diferente da medicina física, até que o hiato entre as duas, de óbvio, passou a ser intransponível.” (Bion, 2006, p. 23) As comparações entre os objetivos de ambas são úteis. Para definir, relatar ou aplicar a psicanálise são necessários outros modelos.

Dois diferenças são apontadas inicialmente. A primeira diz respeito à consciência do paciente sobre sua doença. Para o médico o reconhecimento da doença que é apresentada pelo paciente é menos importante que a cura. Para a psicanálise, o reconhecimento da dor mental deve se dar tanto pelo psicanalista como pelo paciente.

Um segundo ponto refere-se ao instrumental de análise e realização. O médico depende, para o seu trabalho, de dados apreendidos pela experiência sensorial, precisa ver, ouvir, cheirar. “O psicanalista lida com realizações que não podem ser vistas nem tocadas; a ansiedade não tem forma, cor, odor ou som. Proponho, por conveniência, usar o termo “intuir” como um paralelo, no âmbito do psicanalista, ao uso de ‘ver’, ‘tocar’, ‘cheirar’ e ‘escutar’” (Bion, 2006, p. 24)

Retomando o tema do espaço e sua relação com a realidade mental, Bion diz que a identificação projetiva, tal como é definida desde Klein, implica em uma realização da noção de espaço tridimensional, ou seja, há sempre a imagem de um lugar que comporta o objeto, ou as partes do objeto projetado. Os objetos ou partes dele podem ser considerados como parte da realidade interna, de vivências emocionais que se tornaram insuportáveis e são expelidas. Portanto, a intolerância à realidade externa ou ao princípio de realidade se estende para a intolerância à realidade interna, à dor mental. A pessoa pode sentir a dor, mas não descobre a dor como parte da realidade, como sofrendo a dor. Em contrapartida, também não descobre o prazer como parte da realidade e nega o efeito de alívio.

Bion compreende o espaço mental como incognoscível, podendo ser representado pelos pensamentos. Na ideia de pensamento o autor inclui as manifestações primitivas desde os elementos alfa, exceto o elemento beta. O pensar permite lidar com o material pré-verbal presente nas situações em que não estamos conscientes do fenômeno mental. Estas situações

podem ser decorrentes do efeito do recalçamento, ou porque um evento ainda não aconteceu, ou por não termos descoberto aquele aspecto da realidade.

O pensar pressupõe a capacidade de tolerar o contato com a realidade podendo ser percebido como restritivo, pois circunscreve e limita o uso das explicações fantasiosas. O pensar libera a intuição e esta pressiona para ganhar expressão.

A função alfa em ação produz os elementos que vão fazer uma espécie de mapeamento do espaço mental, através da criação de imagens visuais de ponto, linha e espaço. A ausência dessas imagens não possibilita o uso da identificação projetiva, não há onde projetar, não há a noção de espaço. Nesse sentido a realização mental é percebida sem proporções, com dimensões imensas, impossível de ser contida. A própria emoção da experiência se perde na imensidão e se dilui. Seria como uma ausência de tempo e espaço, observada, por exemplo, na fala de pacientes psicóticos que repetem frases, expressões ou trechos de sua história com frequência sem se aperceber da repetição. O que parece ser um pensamento ou a descrição de uma imagem pode ser compreendido como expressão de uma experiência vagante pelo espaço mental sem dimensão.

O autor reitera que toda comunicação ou elaboração de uma hipótese implica em frustração, pois carrega em si algo que é e, ao mesmo tempo, algo que não é, em outras palavras é a relação entre a coisa e a não-coisa. Se a ausência não pode ser considerada, também não é possível encontrar um substituto para a falta ou mesmo a presença do que esteve ausente e não está mais, e esse trabalho de reconhecer a realização e de representá-la implica em tolerar o pensar, o processo de desenvolver pensamentos.

A alucinação pode ser uma alternativa à realização, por seu caráter de gratificação imediata, já o pensar, ao contrário pode ser percebido como restringindo a liberdade. As palavras tanto nas transformações em alucinose, como na expressão dos pensamentos são as mesmas e cabe ao analista a tarefa de distinguir entre elas.

Desejo formular teorias para o tratamento de pacientes que experimentam dor, mas não sofrimento. Eles podem estar sofrendo dor aos olhos do analista, pois o analista pode, e realmente precisa, sofrer. O paciente pode falar que sofre, mas isso somente porque ele não sabe o que vem a ser sofrimento, e confunde sentir dor por sofrê-la.
(Bion, 2006, p. 34)

Essa distinção não parece simples, sentir e sofrer dor. O sentir diz respeito ao sensorial. A emoção fica indistinguível da emoção despertada pela “não-coisa”, pela satisfação ausente. “A emoção é substituída pela ‘não-emoção’” (Bion, 2006, p. 35) Além disso, a função da emoção pode ser esconder outra emoção e pertencer à coluna 2. Sofrer a dor parece ter relação com considerar a dor como existente, como um fato.

Bion atribui ao sistema dedutivo científico qualidades da coluna 1, a hipótese definitiva, e que seriam qualidades que marcam a conjunção constante e seus elementos vinculados. Essa característica deixa o sistema propenso a ser usado como uma pré-concepção, que pode ser saturado com a realização e produzir uma concepção e assim sucessivamente até o conceito. O sistema deve suportar o efeito de iluminar fatos desconhecidos até então e tolerar o risco de sua autoconsistência. Se esta for considerada contingente é possível a expansão.

Retomando discussões dos livros anteriores deste período, Bion utiliza o símbolo “**O**” para representar a verdade absoluta, a realidade última, a divindade, o infinito, a coisa-em-si. O autor descreve a concepção de realidade última como uma característica presente em todos os objetos animados e inanimados, a face incognoscível, **O** ou a “coisa-em-si”. A realidade última se apresenta através de emanções e qualidades de evolução dos objetos, que se configuram como fenômenos apreendidos pela personalidade. **O** não pode ser conhecido, não tem forma, pode ser conjecturado, a partir da experiência emocional. O foco da análise é justamente **O**, e o interesse e a atenção do analista devem estar dirigidos ao desconhecido e o sucesso da análise depende dessa atenção, que Bion define como o vértice psicanalítico e é categórico ao afirmar que o analista precisa ser **O** e, para tal, é imprescindível se submeter à análise.

“À medida que o analista torna-se **O**, ele se habilita para conhecer os eventos que são *evoluções* de **O**.” (Bion, 2006, p. 42) As evoluções de **O** é que podem ser conhecidas pela capacidade **K** no psicanalista, que se atenta para distinguir as irrelevâncias que impedem o tornar-se **O** ou os indícios de que o processo está em curso. De qualquer forma a evolução de **O** captada pelo analista e colocada numa interpretação é uma evolução comum ao analista e ao paciente, pode-se dizer que o que está em foco é o **O** da dupla.

(...) quanto mais “real” for o analista, mais ele pode “estar uno” com a realidade do paciente. De modo inverso, quanto mais o psicanalista depende de eventos atuais, mais

ele está baseado em um pensamento que depende de um *background* de impressões sensoriais. (Bion, 2006, p. 43)²⁹

Evolução de **O** parece implicar em uma espécie de intersecção da coisa-em-si incognoscível, com o sensorial, ou o âmbito dos objetos captados ou formulações embasadas nos sentidos. O evento atual propicia emergir algo que pode ser vivido como experiência emocional.

Aguardar as evoluções de **O** na sessão analítica pode relacionar-se ao que Freud chamou de atenção flutuante, é preciso considerar e ao mesmo tempo não considerar demais o que pertence à ordem do sensorial. Considerar excessivamente não favorece o processo de evolução na direção de um sentido de verdade. Bion descreve a memória como sensorial, que depende da consciência. Considera a memória como o protótipo de continente, que pode reter ou evacuar, manter ou esquecer, depende da preocupação em questão.

O prazer pode ser retido se o interesse predominante for a posse; o ressentimento será retido se a preocupação dominante for a formação de um depósito de munição. (...) Produtos de memória, inevitáveis ao psicanalista, são elementos categoria C, a prevalência de ♀ ♂, a primazia de prazer-dor (em contraste com a realidade ou verdade), e “posse”, com o recíproco temor à perda; tudo isso é adquirido em associação íntima com os sentidos. Quando a pessoa está engajada na procura de verdade **O**, o impulso de se livrar de estímulos dolorosos confere uma qualidade insatisfatória ao “conteúdo” da memória. (...) Tal “memória” não se constitui em um artigo necessário para um analista cujo alvo é **O**, como pode ser visto ao se considerar o que este símbolo representa. (Bion, 2006, p. 44)

Estar uno à realidade última para reconhecê-la, para senti-la, mas não para conhecê-la, isto parece ficar para os místicos religiosos. A própria memória que pode atrapalhar o reconhecimento da evolução de **O**, é parte do conhecer, de **K**. Através das atividades de **K** pode-se chegar a reconhecer as comunicações de **O**, são as transformações de **O** → **K**. Para

²⁹ “real” nessa citação relaciona-se a estar próximo de **O**, uno ao que se é.

tanto é preciso estar com a disposição de conhecer, com um estado insaturado, sem memórias e sem desejos que indiquem a experiência sensorial com o prazer e a dor.

Bion refere-se a uma disciplina em que não é “suficiente ‘esquecer’: é necessário um ato positivo de abstenção de memória e desejo” (Bion, 2006, p. 45) e em que é preciso haver fé de que a verdade e a realidade última existem. “Ato de fé” (*F*), não no sentido religioso, mas no sentido de representar o apreensível pelo sistema científico, que pode ser expresso pelo pensamento; seria um estado de mente científico.

A abstração em sua qualidade de independência do sensorial é auxiliada pela memória e pelo desejo para ser formulada. Mas não a memória e desejo que estão imbuídos de impulsos de possessividade e avidez, mas a memória e desejo evocados pela experiência de estar uno a **O**.

A memória seria relevante para o analista na medida em que pode favorecer a aproximação da verdade.

É difícil conceber uma análise que tenha um desfecho satisfatório sem que o analisando se reconcilie consigo mesmo – ou se torne “uno-a” si mesmo. (...) considerando toda memória como um caso especial de manter (possuir) uma teoria sabida como falsa (ou suspeita de ser falsa) com o intuito de impedir o cataclisma psicológico que é inseparável de desenvolvimento mental. (...) Resistência ao crescimento é endopsíquica e endo-dominante; está associada à turbulência no indivíduo e no grupo ao qual o indivíduo em crescimento pertence. (Bion, 2006, p. 48)

Bion lembra no texto a ideia da abstinência de Freud, descrita como um “cegar-se artificialmente”. Acrescenta à abstenção da memória e do desejo, a abstenção ao entendimento e percepção sensorial. O resultado seria praticamente a negação da realidade e para o autor essa negação é que favorece a apreensão da realidade psíquica.

“Se o analista não se desvencilhou da memória e do desejo, o paciente pode ‘sentir’ isso, ficando dominado pelo ‘sentimento’ de ser possuído e contido pelo estado de mente do analista; isso é o estado representado pelo termo ‘desejo’” (Bion, 2006, p. 56)

A memória como continente relaciona-se a uma gratificação perdida, e o desejo pode pertencer à categoria de pensamentos ligados a ressentimento, arrependimento e remorso. Mas desejo relaciona-se também ao que é sentido como não possuído, tem a qualidade de poder ser

insaturado. Uma questão parece ser a de observar se o paciente está tendo uma vivência de memória ou de desejo, de passado ou de futuro, embora ambos tenham como base a impressão sensorial. O analista observa e tem esperança de que essa observação seja adequada para apreender a experiência emocional e o crescimento.

Toda a abstenção proposta pelo autor é perturbadora para o analista, segundo o próprio Bion há perigo e deve ser praticada somente por analistas com suficiente experiência de análise para reconhecer a posição esquizoparanóide e depressiva, em outras palavras, recomenda análise para o analista.

É uma proposta de privação intensa no analista, de suspensão de elementos constitutivos de seu arcabouço teórico e técnico e de sua percepção sensorial. Essa privação pode ser sentida como um ataque ao próprio ego em virtude de certa abstinência de aspectos do princípio de realidade.

Quão mais perito torna-se o analista em excluir memória, desejo e entendimento de sua atividade mental, maior a possibilidade de que experimente, pelo menos em etapas iniciais, emoções dolorosas geralmente excluídas ou veladas pelo aparato convencional da “memória” da sessão, teorias analíticas, desejos e negações de ignorância, e “entendimento” (consistindo, na maior parte dos casos, elementos de coluna 2). (Bion, 2006, p. 61)

A alternativa é o crescimento de *F*, a confiança de que há um desconhecido a ser conhecido.

Bion exemplifica a abstenção e seu desconforto inicial de ignorar fatos da vida do paciente, por exemplo, se o paciente é casado ou não, se tem filhos ou não. Esse tipo de informação em geral faz parte de uma entrevista médica ou psicológica inicial.

Suportar, pois, esse tipo de ignorância desloca as concepções formais e saturadas do que é casamento, contrato, filhos, não só em sua definição e significado para o paciente, mas também como o analista percebe e “fantasia” o paciente. O paciente parece ser casado? O fato “ser casado” é realidade externa ou realidade psíquica? Sendo da realidade externa é relevante?

As próprias informações sobre o paciente podem ser ouvidas como enunciados pertencentes a qualquer categoria da grade, “sou casado” pode ser ouvido um enunciado insaturado, como uma pré-concepção a ser saturada e constituir uma concepção.

Outra forma de falar sobre a abstenção do desejo, da memória e do entendimento é pensar que o paciente não é o mesmo a cada dia que comparece às sessões, assim como o analista também não o é. Perceber o mesmo paciente como um novo paciente a cada encontro, parece ser um desdobramento possível.

É pouco possível que os fenômenos mentais com os quais nos confrontamos se mantenham inalterados, mesmo que não tenha ocorrido análise. Os fenômenos mentais teriam de revelar invariância e teria de ser possível observar invariantes embutidas nesses fenômenos, mas uma invariante é uma característica de transformação e não de permanência. (Bion, 2006, p. 64)

A memória e o desejo, segundo o autor, funcionam como luzes que ofuscam a capacidade do analista de observar. Bion utiliza a analogia com a câmera fotográfica, que se for invadida por excesso de luz destrói o filme e impede sua função.

O autor aponta que as lembranças nos afastam da ansiedade específica disparada pela dor atual. A atmosfera de privação que caracteriza a análise, já assinalada por Freud, vai além da análise do analista e da recusa a satisfazer os desejos do paciente. A privação da experiência sensorial envolvida em abster-se de memória e desejo, pode levar o analista a *insights* de natureza diversa dos decorrentes de sua própria análise e indicar necessidade de mais análise ou de outro tipo de análise. Esse estado de privação reitera a necessidade de uma disposição do analista para rever seu treinamento para o trabalho psicanalítico.

No entanto, o autor pondera que o vínculo que se estabelece com o paciente não depende da memória. Depende de uma base de experiência que se assemelha à lembrança de um sonho que aparece e desaparece sem deixar rastro. Essa mesma experiência emocional ocorre com pensamentos que surgem inesperadamente, sem ser convocados, iluminam uma situação e desaparecem. Bion descreve esse tipo de lembrança como “memória sonho-símile é a memória da realidade psíquica e a essência da análise.” (Bion, 2006, p. 80). Já o termo memória fica relacionado às tentativas conscientes e voluntárias de buscar lembranças.

As anotações do analista do que considera serem fatos importantes da sessão quando são retomadas, por vezes, parecem ter perdido toda a realidade, como a anotação de um

sonho. Compreendendo que a interpretação do analista é sempre uma faceta de um fenômeno multidimensional, que quando descoberta já não tem mais importância, as anotações que são lidas podem trazer ao analista o sentido da experiência emocional que ainda é desconhecida. A tentativa de lembrar é diferente porque obstrui o caminho aos eventos significativos.

A transformação da experiência emocional em desenvolvimento mental do analista e do analisando contribui para a dificuldade de ambos “lembrarem” aquilo que ocorreu; à medida que a experiência contribui para o desenvolvimento, ela cessa de ser reconhecível; se não for assimilada, ela se junta àqueles elementos que são lembrados e esquecidos. (Bion, 2006, p. 81)

O autor discute a questão do crescimento e maturação serem temidos e odiados, embora desejados. Para o autor, a questão principal é a mudança do princípio de prazer, e de seu conseqüente controle sobre a dor e prazer, para o princípio de realidade. Este princípio adia mas não impede o prazer, no entanto, a pessoa não é mais completamente autônoma, está se relacionando também com as forças externas à sua personalidade.

Estar-uno-a **O**, ou a unidade com **O** é uma perspectiva atemorizadora. Nenhuma experiência que desafia essa pré-concepção prevalece, pois ela está embasada em memória e desejo, pertence a **K** e não se transforma em **O**, embora possa sinalizar o início de **O**. (...) é inútil perguntar por que teria que ser doloroso; por que a intensidade de dor guarda tão pouca relação com a intensidade de algum perigo reconhecido; e por que a dor é tão temida. (...) No entanto, a relação de dor com perigo é obscura. (Bion, 2006, p. 65)

Bion observa que as controvérsias psicanalíticas da época (lembramos que este livro é de 1970) estão mais ligadas à filiação a escolas ou grupos do que a pontos de vista diferentes que podem surgir da experiência científica, importando mais se a teoria foi bem compreendida e aplicada de maneira consistente. “A controvérsia é o gérmen de onde brota o desenvolvimento, mas ela precisa ser genuína e não um bate-boca inútil entre oponentes cujas diferenças de pontos de vista jamais se encontram.” (Bion, 2006, p. 67)

Sua preocupação parece ser explicitar que há pontos de vista (vértices) possíveis e que quando são apontados permitem o diálogo. Descreve seu próprio vértice, segundo ele de maneira imprecisa, retomando o que compreende como o estado de mente desejável para a

prática da psicanálise. Enfatiza exercício e disciplina para impedir que a memória intrometa-se na sua disposição de captar a experiência emocional, não faz anotações e procura resistir à tentação de lembrar eventos e interpretações de sessões anteriores. Da mesma maneira com o desejo, na sessão procura livrar-se de desejos e fora dela tenta impedir que se desenvolva o hábito de desejar. Destaca o desejo de cura do paciente como “desejos que corroem a força do analista para analisar e levam a uma deterioração progressiva de sua intuição.” (Bion, 2006, p. 68) Bion afirma que o que separa ou distancia os cientistas não são as diferenças teóricas, mas as diferenças de vértices.

Segundo o autor, os registros devem servir aos assuntos precisos, tais como, horário das sessões, telefone, idade, doenças pregressas, para o momento que precisam ser lembrados. São registros que dependem de experiência sensorial, e já vimos que Bion formula o interesse da psicanálise em dados obtidos pela experiência emocional, pela intuição, e não pelos sentidos. Por exemplo, podemos dizer “com precisão que o paciente é casado e tem quatro filhos, não é tão fácil afirmar que o seu estado de mente é o de um homem casado com quatro filhos, pois não existe tal estado de mente.” (Bion, 2006, p. 68)

Como podemos compreender esse “não existe tal estado de mente”? Penso que para o autor, os estados de mente não se confundem com o “sentir-se”, por exemplo, casado e pai de quatro filhos. Parece que se manifestam por outra via de comunicação, talvez possamos pensar na comunicação inconsciente, que está distante ou não tem correspondência com esse tipo de definição casado ou solteiro. Esse tipo de ordenação pode nublar outro tipo de comunicação.

Bion propõe discutir como observar e registrar o estado de mente do paciente, mas, já de antemão, diz não ter resposta. Sugere um caminho através de *F*, o ato de fé, descrito anteriormente. Suspendendo a memória e o desejo, torna-se “cego artificialmente”, como já sugeriu Freud, e “(...) pode-se “ver”, “ouvir” e “sentir” os fenômenos mentais; nenhum psicanalista praticante tem qualquer dúvida sobre a realidade destes fenômenos, embora não possa representá-los de modo acurado por meio das formulações existentes.” (Bion, 2006, p. 69)

Os fenômenos mentais são tratados pelo autor, como já descrito anteriormente, como os aspectos evoluídos de *O*, coisa-em-si, verdade. Trata-se de algo que não depende de circunstâncias da vida, mas que são invariantes, de certa forma, funções essenciais ou irreduzíveis do paciente. “Esse mínimo irreduzível é incurável, pois o que se vê é que sem isso o paciente não seria o paciente” (Bion, 2006, p. 70).

Bion traz como exemplo o paciente que supostamente produz histórias e associações em abundância, com coerência, convincentes, mas que na observação mais acurada, evidenciam inventividade, mentira. Mesmo que algo seja apontado ao paciente em desafio à sua narração, ele volta a produzir outras fabricações. A análise poderia evidenciar que a sequência e a lógica das fabricações indicariam o interesse da psicanálise, ou a evolução em **O**.

Seria útil compreender os enunciados do paciente como mentiras? Essa fabricação poderia servir para encobrir e impedir a emergência de experiências emocionais? Mentira seria um termo adequado? Como difere de outras situações de falsidade? Seria um vértice – **K**? Poderia haver alguma recompensa com a fabulação? Para o autor são questões que só podem ser respondidas no contato analítico direto com o paciente.

O autor discute que o analista tem recursos pouco seguros para avaliar seu próprio trabalho e apresenta aspectos que são tomados com recursos a serem analisados. Um deles é a opinião do analisando. “Os sentimentos amigáveis ou hostis revelados convergem para um ponto que exige julgamento sábio e compassivo, conquanto crítico.” (Bion, 2006, p. 73). Outro recurso seria o senso de satisfação e bem-estar com o trabalho realizado, com a ressalva de que tem seus aspectos enganosos.

Absurdo, para o autor, é criticar o trabalho psicanalítico pelo argumento de que não é científico, pois não é mesmo, assim como não é religioso ou artístico. Com isso, é possível que o autor esteja advogando que os pontos de vista das três áreas, ciência, religião e arte, sejam insuficientes para descrever todos os fenômenos existentes. As formulações representam vértices distintos. Problemas epistemológicos relacionados à cientificidade da psicanálise associam-se a vértices de estágio precoce de desenvolvimento da própria psicanálise ou do psicanalista. É aqui, então, possível perguntar se pensar em cura indica a ausência de um vértice adequado do analista?

A psicanálise pode ser entendida como uma conjunção constante, ou ainda, um termo que liga elementos constantemente conjugados. Conhecer o que está sendo conjugado é um trabalho intenso e demorado. Será possível representar a psicanálise nas formulações verbais, matemáticas ou será necessário outro termo?

A matemática não fornece formulações adequadas ao psicanalista, e por não ser possível matematizá-la, a psicanálise não é considerada ciência. Para o autor, a psicanálise precisa de algo análogo à matemática para ser representada. Enquanto não se desenvolve algo específico contamos com as formulações verbais, matemáticas e artísticas existentes para descrever a psicanálise.

Bion descreve que os indivíduos que conseguem criar essa representação, são excepcionalmente dotados, apresentam capacidades fora da média e sua função é contribuir para movimentar ou destruir as leis e convenções. Estes indivíduos são necessários ao grupo, que precisa preservar coerência e identidade, mas que tem que prover seu aparecimento. Podem ser chamados de gênios, messias ou místico. O problema é que não se pode prever o efeito do místico sobre o grupo, se vivificante, destrutivo, benéfico ou deletério. Parece haver sempre uma força disruptiva, e seu impacto depende das condições do próprio grupo ou de um grupo dentro do grupo. Os resultados de destruição estão condicionados à comunicação e à recepção das mensagens, que em geral se restringem a poucos.

A compreensão das mensagens depende da capacidade de conhecer e interpretar os símbolos. Para Melanie Klein a formação simbólica é uma função que aparece intensamente prejudicada nos distúrbios graves de personalidade. Bion compreende que o psicótico não é desprovido da capacidade de formar símbolos, que podem ter significado somente para ele mesmo. A função desses símbolos parece ser a de estabelecer uma comunicação privada com uma divindade, comunicação esta que o paciente sente ser constante, mesmo sem ser reconhecida pelo grupo.

O símbolo pode indicar a tentativa da personalidade de formar uma teoria, que pode ser confirmada e utilizada a partir de uma realização externa. “Assim, uma circunstância adversa pode ser usada como um ‘símbolo’ (e não um ‘sinal’) do ódio Divino; ou experiências anteriores que podem ser representadas por símbolos cuja base genética está em sua ‘base’ *sensorial*.” (Bion, 2006, p.76) De qualquer forma o intuito é administrar a experiência emocional gerada como resposta a estímulos externos dolorosos ou como resposta da reiteração de uma experiência psíquica interna dolorosa.

A condição humana traz características físicas do ser político e do animal da horda, e conseqüentemente de sua contraparte mental da vida em grupo. A situação analítica pode revelar como essas características se manifestam no indivíduo relativamente isolado de seu grupo e numa condição íntima de estabelecer uma relação de par. O autor reafirma que a situação analítica pode estimular sentimentos primitivos no analista e no analisando, relacionados aos impulsos básicos de nascimento, dependência, pareamento e guerra.

Portanto, caso a técnica que proponho para garantir a apreciação vívida dos fatos emocionais seja tão confiável quanto penso ser, essas características fundamentais – amor, ódio, terror – ficam tão aguçadas a ponto de o par poder senti-las como quase

insuportáveis. É o preço que se paga por transformar uma atividade *sobre* psicanálise em uma atividade que *é* psicanálise. (Bion, 2006, p. 76/77).

O desejo de saber a opinião do grupo em relação ao trabalho do par pode aparecer ou ficar dissimulado pelos desejos de reputação ou validação da atividade psicanalítica. Vimos no capítulo sobre os grupos a importância que a estimativa da atitude do grupo para com o indivíduo é fundamental na formação do psiquismo.

Como poderíamos compreender psicanaliticamente o consciente, já que para a psicanálise importa lidar com o inconsciente?

Bion compara a relação e a atitude que o psicótico tem com aquilo que não conseguiu reprimir, que ficou consciente, com o esforço do neurótico para manter explicações racionais para seu comportamento. O psicótico atribui uma conjunção, uma explicação para algo que tem significado claro para ele, mas para isso tem que abrir mão da percepção da realidade de que a conjunção é fortuita e insaturada. E saturar prematuramente os elementos, ou seja, atribuir constância e imobilidade à realidade é uma atitude que causa dor mental.

O autor se pergunta se esse estado de negação da realidade poderia ser equivalente ao estado analítico de sem memória e sem desejo? Apresenta três diferenças. Em relação à primeira dessas diferenças, esclarece que está propondo para a análise um rompimento parcial com a realidade; e, no que concerne à segunda, que o estado analítico é voluntário, consciente; e como terceira diferença esclarece que este estado não visa a romper vínculos, mas a estabelecer contato.

A prática psicanalítica funciona como estímulo para ampliar cada vez mais o âmbito da personalidade que pode vir a ser investigada. O que pode ser descoberto é sempre menor do que o que há por descobrir, então, é perda de tempo insistir no que já se sabe, importa o que é desconhecido.

A situação analítica pode ser observada no tempo e no espaço, dentro do horário agendado e da sala, e as interpretações das observações podem ser relatadas. Esta seria uma visão convencional da observação, segundo Bion, que serve de modelo para a ideia de que há um continente, um enquadramento limitado, que não cabe ou não é capaz de conter a observação psicanalítica. O que não é possível ser descrito pelo modelo da observação convencional, que excede à este tipo de observação é o que interessa ao autor abordar. A psicanálise se assemelha mais a um tipo de sonda de investigação do que a um continente.

Não pode ser contida nas formulações e teorias, assim como o âmbito mental não pode ser contido na teoria psicanalítica.

Bion retoma a discussão sobre os grupos e a definição do que considera o *Establishment*. Define esse termo como “aquele corpo de pessoas dentro de um Estado, das quais normalmente se espera que exerçam poder e responsabilidade em virtude de suas posições sociais, riqueza material e dotes intelectuais e emocionais.” (Bion, 2006, p. 84) Esclarece que esse termo também pode designar a casta dirigente dos institutos psicanalíticos. Uma função do *Establishment*, considerada controversa, é oferecer regras, leis e orientações às pessoas que não têm aptidão de poder compartilhar e se beneficiar do conhecimento psicanalítico. As regras precisam ser atraentes o bastante para possibilitar a participação de diferentes membros, mais ou menos capazes. É preciso garantir as condições para emergir o gênio ou místico, essencial à continuidade do grupo.

O *Establishment* precisa suportar o impacto do místico, pois ele traz em si os aspectos criativo e destrutivo, ou seja, a disposição de concordar e satisfazer as convenções e regras estabelecidas e também a disposição de destruir as próprias criações. O padrão de enfrentamento parece ser uma constante na relação do místico com o grupo.

O autor afirma que o mesmo acontece com a institucionalização da psicanálise. É preciso que exista um grupo a preservar o *Establishment*, pois o Grupo de Trabalho é essencial para o desenvolvimento do indivíduo, assim como o indivíduo o é para o desenvolvimento do grupo. É função do Grupo de Trabalho auxiliar o participante a diferenciar-se do grupo, ou seja, conscientizar-se da diferença entre si mesmo e suas partes que também pertencem ao grupo. No âmbito religioso trata-se da diferenciação entre o homem e o deus. E o deus muda no processo de discriminação. Bion relaciona o deus familiar e conhecido ao finito, e o deus discriminado ao infinito. Uma reflexão possível seria pensarmos que no processo de discriminação dos indivíduos, de reconhecimento do outro em separado do eu, há essa passagem de algo que é vivido como finito, conhecido, para algo que escapa, que expande, que se assemelha ao infinito, um mar de possibilidades.

Bion afirma então que no início não há conflito entre o deus e o homem porque não há separação, não há discriminação. Só numa etapa posterior é que se confrontará o deus infinito com o homem finito. Numa terceira etapa é que o indivíduo com a função de místico pode estabelecer alguma ligação direta com a experiência do infinito, do deus, que esteve perdida pelo grupo institucionalizado. Os indivíduos procuram essa ligação com o infinito, é como se percebessem que possuem algum aspecto ou elemento divino. Percebem com ódio essa

separação do deus e a impossibilidade de ter acesso direto a ele, assim como o próprio discernimento de que não podem se reconciliar com essa parte apartada.

A relação com o místico está implicada nesse clima de reconhecimento da separação e das emoções geradas. São três os tipos de relação que se estabelecem entre o místico e o grupo. Primeiro, há a relação comensal em que o grupo e o místico convivem de maneira inofensiva. A segunda é a relação simbiótica, que tem por base o confronto: o grupo reage com hostilidade ou benevolência às ideias do místico, mas as examina, questiona, e há crescimento e desenvolvimento de ambos os lados. A terceira é a parasítica e consiste na destruição das duas partes que se relacionam, não há confronto, mas não há consideração, é algo que mina a força renovadora do místico e a possibilidade de crescimento. Um exemplo que o autor coloca é dos casos em que os gênios são seduzidos a ocupar posições no *Establishment* em que sua capacidade criativa fica absorvida por funções burocráticas.

Assim também Bion descreve a situação da interpretação psicanalítica que traz em seu potencial a destruição do estado de mente alvo da intervenção. Se for “aplicada” com o intuito de curar as pessoas, perde seu caráter criativo, fica submetida ao controle do *Establishment*, com função restritiva, em oposição ao que poderia ser expansivo. A linguagem é o que possibilita a comunicação das descobertas científicas para que pessoas comuns possam realizar tarefas e trabalhos. A mesma linguagem que ordena, quanto mais precisa for, mais se tornará eficiente e rígida. As novas ideias, em geral, necessitam de linguagem mais flexível para expressar sua formulação e a tendência é que recebam o impacto de se institucionalizarem e de se mostrarem precisas. Se o grupo puder conter essa nova ideia, examiná-la e usá-la como iluminação em direção a O, terá a reação institucionalizante, e assim o grupo pode crescer, bem como o próprio místico e a ideia. A função da instituição é “conter” a ideia nova absorvendo seu impacto e seu potencial criativo e destrutivo a fim de que o grupo possa se manter sem ser destruído.

Neste modelo do místico e grupo, o autor trata da ideia messiânica como a contraparte do místico. O místico seria a pessoa que “contém” a ideia, assim como a ideia pode “conter” o místico. O *Establishment* tem a função de produzir as condições para o aparecimento do místico e fazer uma ponte entre ele e os que podem compartilhar a experiência do contato com o divino ou a coisa-em-si. Essa ponte é feita através das regras e dogmas.

O *Establishment* pode fracassar nessa função de ligação aderindo e proliferando visões falsas de maneira a que relação entre o místico e o grupo fica destrutiva para ambos, ou seja, parasítica. O autor retoma o exemplo da vida de Jesus para descrever como o grupo cristão foi se estruturando para conter o místico e a ideia messiânica, assegurando continuidade e

acolhendo os que não estivessem contrários. A necessidade de delinear o grupo de cristãos, estabelecer o que havia em comum, assim como a seleção dos que representariam Jesus, ou seja, o estabelecimento de hierarquia.

O critério de Jesus parecia ser o da competência para a cura das pessoas em seu nome, mas a proposta de outros era a do *status*, que segundo Bion, seria um substituto da competência. Os problemas de seleção do grupo se tornaram graves quando se apresentaram competentes para os milagres as pessoas que não eram do grupo dos cristãos. Duas forças estavam envolvidas: acolher, controlar e tornar acessível a outras pessoas a ideia messiânica, através dos dogmas; por outro lado a própria ideia messiânica com seu potencial disruptivo ameaçando a integridade do grupo com o rompimento contínuo das barreiras destinadas a contê-la.

Bion afirma que é possível encontrar esse tipo de configuração em sociedades de todos os tipos, tanto religiosas como artísticas ou científicas. Não é seu interesse propor qualquer tipo de aplicação social ou política, mas sim utilizar essa descrição como uma fábula, “uma representação pictórica do mundo interno do ser humano” (Bion, 2006, p. 122).

A ideia messiânica teria sua contraparte na verdade absoluta, é um pensamento que não precisa de pensador, existe independente de ser pensada. O pensamento que está dentro de um continente ou de um indivíduo é falso, e a mentira seria a associação de uma falsidade com o sistema moral.

A ideia messiânica é um termo que representa **O** no ponto de intersecção entre sua evolução e a evolução do pensador. (...) pensamento **O** e o pensador existem independentemente um do outro (...) a verdade “existe” embora ainda não tenha sido descoberta. (Bion, 2006, p. 124)

Bion usa o modelo do impacto dos ensinamentos de Jesus sobre o grupo judaico e as instituições religiosas para discutir o que chama de vértice em psicanálise. As curas, por milagres, realizadas por Jesus, e depois por outros em seu nome, foram ganhando relevância em relação a outros ensinamentos e assumindo características médicas. A cura passa a ser uma visão da religião.

Se o analista ou um grupo de analistas têm em comum ideias sobre doença, tratamento, prognóstico e cura, caracterizando uma visão médica da psicanálise essa visão se constitui em um vértice, com motivações inconscientes e conscientes.

“A psicanálise não pode fugir de idéias de cura, tratamento, doença, tanto nos psicanalistas como nos pacientes.” (Bion, 2006, p. 93) No entanto, se o vértice se tornar rígido ou pretender ser único, como um dogma, o desenvolvimento fica estagnado. O autor diz que até aquele momento (1970) a direção de que as motivações precisam ser analisadas e, em seguida, abandonadas é uma visão ingênua, que contraria a experiência analítica. O que ele parece propor é que os vértices, tanto religioso, financeiro, legal ou outro, e as configurações a eles associadas devam evoluir até que possam ser formulados, conservando seu caráter fluido de algo que permanece inapreensível completamente, **O**. Essa fluidez ficará contornada pelas formulações, ou seja, a formulação terá a função de conter o fluxo, proporcionando uma espécie de envoltório. Ao mesmo tempo, ao se chegar a uma formulação, tem-se o efeito de restrição.

Em se tratando da abordagem científica, Bion defende que o método psicanalítico é científico e se dirige a abordar realidades que extrapolam a base sensorial, por exemplo: medo, paixão, ansiedade e amor. São fenômenos que podem se apresentar com algumas características perceptíveis pelos sentidos, mas estas serão insuficientes à compreensão.

A dificuldade está na forma como se compreende a ciência, baseada nos dados fornecidos pelas experiências sensoriais. Essa definição torna-se inadequada para apreender a realidade última, representando aspectos incognoscíveis da personalidade humana. A proposta do autor é que se desenvolva uma ciência que possibilite ao cientista ou ao analista “estar-uno-a”, identificado com a evolução do fenômeno que está observando e, a partir disso, formular sua interpretação.

Bion retoma os modelos da matemática para descrever um aspecto da evolução de **O** relacionado ao número, à percepção da diferença de quantidade, algo que diminuiu, aumentou ou multiplicou, e por esse fato pode ser observado. Essa variação estimula a curiosidade e a vontade de saber mais sobre o fenômeno. O número pode então ser relacionado ao sentimento, seria uma espécie de matemática psíquica. O autor utiliza frases comuns para exemplificar essa transformação do número em sentimento: “A maioria das pessoas...”, “Milhares, (milhões) no mundo inteiro...”, “A Trindade”, “Quatro ou cinco pessoas...”, “Durante semanas (meses, anos) eles aguardaram por...”. (Bion, 2006, p. 100). Essas frases evocam sentimentos que não tem “corpo”, não têm base sensorial.

Fenômenos não-sensoriais formam a totalidade daquilo que é normalmente considerado como experiência mental ou espiritual. (...) Se “três” representa uma

realização não sensorial de “qualidade de tríade”, por que não poderia, combinado com “dez”, “cinco”, etc., servir para representar ansiedade, amor ou ódio? (Bion, 2006, p. 101)

Retomando os mitos de Édipo, Éden e Babel, Bion encontra como invariante o ataque à linguagem, em diferentes facetas que juntas apresentam configuração comum. A análise dos elementos em separado pode amenizar a força dos elementos da narrativa no todo. Eles sofrem transformações como aquelas ocorridas num sonho que é recordado na vigília.

É preciso que haja alguma diferença de vértice entre os indivíduos que se comunicam, e essa diferença pode levar à correlação, parte necessária da confrontação. A confrontação é necessária à análise e ao crescimento. Além disso, os vértices devem estar a uma distância média, nem muito próximos, nem muito distantes. Se estiverem próximos demais, parecidos demais podem não conseguir estimular a troca; a distância excessiva também não favorece que se estabeleça algo em comum. O autor denomina de “hiato” o espaço que separa as visões do analista e do paciente.

Para exemplificar o hiato o autor oferece o exemplo de uma pessoa que, ao relatar uma intensa experiência emocional, começa a gaguejar intensamente, ocorre no indivíduo um espécie de rompimento entre o continente e o contido. A pessoa estava tentando conter sua experiência e suas emoções na forma de palavras, dentro da estrutura da linguagem. Mas as palavras perdem essa força de contenção à medida que se fragmentam, a formulação verbal não funciona como continente e as emoções se dispersam. Podemos pensar, segundo o autor, que no caso do gago, as formulações verbais têm enfraquecido seu poder expressivo, mas contém o significado do que o comunica.

“A teoria é a seguinte: um objeto é colocado dentro de um continente de tal modo que destrói o continente ou o continente destrói o objeto contido.” (Bion, 2006, p. 105) A relação entre os dois objetos, representados pelos sinais de masculino ♂ e feminino ♀, seguem o modelo de tipos de relação do místico com o grupo, ou seja, pode ser comensal, simbiótica ou parasítica.

Num outro exemplo o autor supõe a situação de uma pessoa que está tentando comunicar um aborrecimento, tomada pela emoção gagueja e fica incoerente, essa experiência poderia ser representada por ♀ (suas formulações verbais) ♂ (o aborrecimento a ser comunicado) e sua relação analisada. A incoerência poderia ser analisada como produto da relação parasítica, em que tanto a comunicação sobre o aborrecimento quanto a fala ficaram

destruídos. Se essa mesma pessoa se mantivesse coerente sua fala se manteria tão restrita que não proporcionaria a expressão dos sentimentos.

Numa relação simbiótica o resultado seria a condução ao desenvolvimento da personalidade e das forças de expressão que necessitavam se expressar. As emoções poderiam ter contribuído para seu potencial de expressão verbal, como a expressão da fala auxilia o desenvolvimento emocional.

No exemplo, o autor ilustra como relação comensal a existência de um episódio histórico que tenha contribuído para o desenvolvimento da linguagem, onde tanto a emoção a ser expressa como o meio de expressão, a fala, se beneficiam da cultura. O modelo da boca ou vagina como continente e o seio ou um pênis como contido serve para pensar a relação entre os dois objetos.

Para o autor a discriminação entre verdade e mentira é um contínuo desafio para o psicanalista que procura lidar na prática com problemas que a filosofia enfrenta na teoria. É essencial ao trabalho do analista encontrar ideias claras e fortes o suficiente, que iluminem as tempestades emocionais e que sobrevivam a elas. A investigação se dirige ao entendimento e mal-entendimento afetando a verdade e a não-verdade.

O compromisso com a verdade permanece sendo o objetivo da psicanálise, o autor lhe atribui o caráter de ser alimento psíquico fundamental para a saúde mental. Lidar com a realidade, com os sentimentos persecutórios que podem se ativar frente à decisão pela verdade implica em esforço e, ao mesmo tempo, em ganho emocional.

Bion descreve aspectos da mentira no processo de psicanálise categorizando-os na coluna 2 da grade. Trata-se de uma categoria que pode acolher temporariamente a mentira, o falso, a não-verdade como manifestações defensivas, como barreiras a enunciados que possam levar a uma revolução psicológica, descrita também como mudança catastrófica. A mentira é empregada para evitar perturbação emocional e pode estar muito bem disfarçada. Para estas considerações o autor está ocupado exclusivamente com as pessoas que procuram análise, e não com o emprego geral da mentira. O paciente que procura a análise, apesar de correr o risco de ser desmascarado, parece não pensar no risco e não se importar, caso isso aconteça.

A categoria coluna 2 abarca então os enunciados que o paciente sabe não serem verdadeiros. Produz-se, por exemplo, uma série de desculpas para seus atrasos e, apesar de serem interpretadas, continua a usá-las, provoca no analista a situação de pactuar com a mentira, dando a falsa impressão de que não se importa com a verdade, ou assumir o papel de consciência do paciente não aceitando-a. Bion assinala a mentira como um recurso do paciente para evocar algo e não para enganar e nesse caso seria melhor categorizado na coluna

6 da grade, como uma ação por meio da qual precisa comunicar a vivência emocional de catástrofe. A mentira, no processo psicanalítico, não tem valor de invariante, de um padrão prévio, estaria mais como um elemento insaturado, aberto a novos significados

Se supusermos agora que a revolução emocional contra a qual a mentira é mobilizada seja idêntica à mudança catastrófica, fica mais fácil compreender por que a investigação revela uma posição ambígua, capaz de gerar fortes sentimentos. Esses sentimentos relacionam-se a um sistema moral que foi violentado; a força desses sentimentos deriva do risco de ocorrer mudança na psique. (Bion, 2006, p. 109)

Ao observar o paciente decidindo entre a verdade e a mentira, o analista é colocado em situação de conflito com ele, ao menos teoricamente. Em termos práticos o analista é convocado de forma sutil a colaborar e aceita a mentira como uma ferramenta psíquica eficaz, até o ponto em que “o paciente fará progressos consistentes em direção a uma ‘cura’ que será tão lisonjeira para ele quanto para o analista.” (Bion, 2006, p. 109). O efeito para o paciente é de intensa deterioração, descrédito mútuo, perda de estima até hostilidade e comprometimentos com a justiça.

A mente do mentiroso produz estórias plausíveis, verossímeis que a própria ação de contá-las de forma detalhada e longa parece proporcionar prazer e ter o intuito de despertar o desejo do outro. O autor aponta que essas formulações, em geral, pertencem à categoria C da grade (pensamentos oníricos, sonhos e mitos), e que por isso serão mais difíceis de ser percebidas pela experiência sensorial, estando mais acessíveis ao analista que pode se despojar da memória. É possível que o autor queira lembrar que a coerência e a plausibilidade das mentiras evocam outros sinais no analista ligados à comunicação inconsciente e à intuição.

O autor distingue o trabalho com um mentiroso do trabalho com uma pessoa que tem um sistema de crenças como fatos independentes da mente. A crença tem uma realidade; por mais estranha que pareça, tem um **O**, e este tem diferentes vértices. Atribuir valor à crença ou ao vértice é possível, mas traz dificuldades, pois o valor não é absoluto, “o indivíduo não necessariamente acredita que seja melhor criar do que destruir; um suicida parece abraçar a visão oposta.” (Bion, 2006, p. 111)

A investigação psicanalítica parece estar mais próxima de elucidar os diversos sistemas de crenças, vértices, valores e compará-los em suas mazelas, em suas formas

diferentes de estabelecer relações. Esse trabalho oferece a oportunidade para o paciente e para o analista de rever e corrigir seus sistemas. O conflito na investigação da categoria da coluna 2, o falso, irrompe no ponto entre a necessidade de conhecer e a necessidade de negar a realidade. O resultado pode ser o de atacar o vínculo para interromper as impressões e estímulos do conflito, sendo esse, de fato, o objetivo do mentiroso e pode constituir-se em um padrão possível.

O analista funciona como uma audiência, necessária para satisfazer o mentiroso. Através da observação de seus enunciados identifica os elementos incoerentes e procura pelo padrão que une esses elementos e lhes atribui coerência e significado. Essa transformação se assemelha à passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva, no sentido de revelar, de forma espontânea, uma situação integral ou total, que já fazia parte do indivíduo antes da descoberta do analista. Difere da descoberta mentirosa que exige um pensador, depende de uma interação entre a mentira e o pensador. A mentira não existe sem o pensador e ganha força através da necessidade epistemológica do pensador e de seu narcisismo. A mentira implica a ideia de que é preciso um pensador específico para a descoberta.

O pensamento verdadeiro preexiste ao pensador, nesse sentido se assemelha à verdade. O pensador não interfere no pensamento verdadeiro, ele pode pensar ou não o pensamento, mas o pensamento em si não se altera. O pensador que se encontra diante de pensamentos pertencentes a um sistema desconhecido, no âmbito de **O**, vive o estado persecutório semelhante ao estado da posição esquizoparanóide. Esse sistema em desenvolvimento e evolução invade a personalidade do pensador gerando os sentimentos persecutórios. “Considerar os pensamentos ou não considerá-los tem importância para o pensador, mas não para a verdade. Caso sejam considerados, conduzem à saúde mental; caso contrário, deflagram perturbação.” (Bion, 2006, p. 112)

O pensamento, o pensador e a mentira também podem ter relações com o grupo ou entre si, que o autor descreve como relação comensal, simbiótica e parasítica. Os critérios que as caracterizam são os mesmos já descritos anteriormente. O autor usa exemplos, tais como: a mentira do tipo “o sol nasce na aurora” em que o pensador é essencial, mas a relação entre pensador e mentira é inofensiva, um exemplo do tipo comensal. O pensamento de que o mundo não acaba pode não ser verdadeiro, mas é necessário para afastar as ideias de que estamos prestes a viver o fim de mundo. Essa relação entre mentira e pensador pode ser considerada de tipo simbiótica, pois traz um benefício para ambas as partes. A mentira é do tipo parasita quando leva à destruição mútua, tanto da mente hospedeira como da mente

parasítica, e pode se estender ao âmbito do ser e o indivíduo ser uma mentira, o que impede a aproximação da verdade e de **O**.

O analista que não aceita ser hospedeiro da mentira vivencia sentimentos de perseguição, sentindo-se, ele próprio, um pensamento sem pensador, um pensamento que não é possível de ser pensado. Podemos pensar em um tipo de solidão.

O analista como pensador pode receber o pensamento verdadeiro de forma a não precisar se tornar importante ao próprio pensamento; o movimento é de corroborar descobertas e indica que não é essencial atender ao narcisismo, bem como a percepção da verdade não necessita de apelo emocional, nem do pensador específico. Se o pensador é essencial ao pensamento entrará em confronto com outros pensadores que também sentem assim e a relação será permeada por inveja, ciúmes e disputa. O que está em jogo é a necessidade de cada indivíduo ser reconhecido e reivindicar sua parte no pensamento.

Quanto mais suas interpretações possam ser julgadas como demonstrando como *seu* conhecimento, *sua* experiência, *seu* caráter são necessários para formular aquele pensamento daquela maneira que foi formulado, mais razão haverá para supor que a interpretação é psicanaliticamente inútil, ou seja, estranha ao âmbito de **O**. (Bion, 2006, p. 114)

O autor propõe a noção de ♀ (continente) ♂ (contido) como uma referência na observação e análise dos enunciados e da experiência emocional da relação entre duas pessoas ou entre uma pessoa e um grupo. O que parece ser importante para o autor é a relação entre ♀ e o vínculo no qual está baseada a relação: comensal, simbiótico ou parasítico.

A imagem de ♀ ♂ está relacionada ao masculino e feminino no âmbito sexual, relação de penetrar e ser penetrado. Funciona como um modelo metafórico na observação da relação, elemento da linha C da grade (pensamentos oníricos, sonhos e mitos).

Podemos pensar as transformações que sofrem o continente e o contido pelo modelo da linguagem. Uma palavra, formulação ou teoria pode agregar um significado, elucidar uma conjunção constante, mas pode também expulsá-lo, através de uma carga de outras associações. Assim como a conjunção constante pode destruir uma palavra ou teoria que poderia lhe servir de continente. O exemplo da gagueira é útil para pensar a desintegração do continente-fala, quando da função de expressão de sentimentos intensos.

Outra transformação que pode ocorrer é o continente comprimir tanto o contido que este se dissolve ou perde em substância significativa. Por exemplo, diz o autor, uma palavra usada como metáfora que se distanciou tanto da experiência inicial que perdeu seu significado.

A situação do casamento também é usada por Bion para descrever o padrão ♀ ♂. Num casamento a relação sexual pode configurar um papel tal que o casal não tem espaço para se envolver com outra atividade, ou no sentido inverso, as atividades não sexuais tomam a relação de maneira a não ter espaço para a satisfação sexual. O modelo é usado enfocando a noção de espaço, de dentro e fora, de continente que expulsa parte do contido.

A relação ♀ ♂ pode ser usada para pensar a função da memória, derivada de impressões sensoriais. O ♀ pode ficar tão preenchido de memória que sua capacidade fica saturada e restrita, não acolhendo significados ou impressões de âmbitos diferentes, que não o sensorial. Como na situação do analista que está impregnado de memória e tem sua capacidade de observação diminuída.

O autor diferencia a memória da experiência de recordar³⁰. Na memória a noção de tempo é fundamental e sua base são as experiências sensoriais. No trabalho analítico o tempo não é elemento essencial, mas sim a apreensão de fenômenos desconhecidos. “Evolução ou crescimento mental é algo catastrófico e atemporal.” (Bion, 2006, p. 116) O termo recordar³¹ seria mais apropriado, aproxima-se à experiência do sonho que apresenta uma coesão como se fosse um todo e pode estar ausente num momento e presente em outro. Este estado de disposição para “sonhar”, para apreender o não sensorial e a realidade emocional da sessão é o que o autor considera essencial.

Outra descrição usada por Bion da relação ♀ ♂ é a situação em que o paciente deseja comunicar algo e não encontra palavras. A dificuldade pode vir pela intensidade do significado ou pela rigidez das formulações que lhe soam desinteressantes ou desvitalizadas. O contido pode estar comprimido, pressionado e o continente enrijecido. O paciente pode concordar ou colaborar com as interpretações e não lhes atribuir nenhum significado, e o analista não ser capaz de perceber as intensidades sob compressão. A situação pode flutuar entre ♀ ♂, o analista tornar-se contido e o paciente funcionar como continente para as

³⁰ Importante de lembrar o texto de Freud “Recordar, repetir e elaborar”, de 1914, em que o autor apresenta a resistência ao recordar, e a compulsão à repetição como uma forma de recordar. Freud diz que é comum o paciente, depois de falar das coisas esquecidas, algo como: “em verdade, sempre o soube, apenas nunca pensei sobre isso.” (Freud, 1969e, p. 194)

³¹ A palavra recordar tem origem etimológica latina. *Cordis* refere-se ao coração como sede da alma, da sensibilidade e inteligência. *Re-cordare* pode ser definido como voltar a passar pelo coração. (Houaiss, 2001, p. 835)

interpretações. O padrão pode ser observado da perspectiva do vínculo (comensal, simbiótico ou parasítico).

Bion propõe a observação dos enunciados do paciente, sobre eventos internos e externos da perspectiva do ♀ ♂, procurando identificar que tipo de evento ocupa o lugar de ♀ ou de ♂, essa noção como ser um fio condutor da observação. Utilizemos um exemplo nas palavras do próprio autor.

(...) um paciente extremamente voraz pode querer obter o máximo de sua análise, dando o mínimo possível; podemos esperar que isso se revele através de freqüentes eventos em que o continente despoja o objeto contido e vice-versa. O paciente pode mostrar ter feito enormes exigências à sua família, mas ficou indignado de fazer qualquer coisa por ela. (Bion, 2006, p. 118)

Essa situação exige que o analista amplie ao máximo seus recursos de observação e comunicação com o paciente para que essas configurações possam ser consideradas pela dupla.

O tema da decisão nessa configuração ♀ ♂ fica equivalente a escolher entre a inclusão ou exclusão em diversos níveis. A pessoa escolhe se vai participar ou não de grupos, se vai desenvolver certa ideia ou viver uma determinada experiência; a personalidade decide quais características serão incluídas ou excluídas e se terá consciência delas ou não. A escolha envolve responsabilidade, e eximir-se desta traz ônus. Para Bion, a seleção sem decisão acaba se baseando em processos alheios ao indivíduo, e os dogmas ou leis da ciência substituem a avaliação, a experiência da culpa e da responsabilidade inerentes à decisão.

O pensador e o pensamento estabelecem relação que pode ser observada da perspectiva dos vínculos comensal, simbiótico e parasítico. Na relação simbiótica há uma interferência mútua, pensamento e pensador se modificam.

O falso (coluna 2 da grade) é um produto da resistência do pensador e da relação parasítica, ou seja, há correspondência entre o pensamento e o pensador mas é do tipo falsa, funciona como barreira à verdade; o receio é de ter o continente destruído pela verdade ou vice-versa.

Um exemplo de relação comensal entre pensador e pensamento é o fato de descobertas científicas ou movimentos políticos surgirem em diferentes locais e com diferentes

pesquisadores ao mesmo tempo. Há uma inevitabilidade de que aquela verdade se apresente, a descoberta depende de haver um pensador que possa contê-la.

Para apreender o que seria a ideia messiânica Bion sugere que o leitor observe a palavra “cura”, observar a palavra enquanto a escuta, pois é “dentro” dela que se pode intuir a ideia messiânica “contida”. Ser capaz de intuir uma ideia messiânica e convencer-se de sua realidade parece ser o objetivo do processo analítico. A própria esperança de ser capaz de intuir a ideia messiânica é uma formulação que a contém.

Para o autor o pensar psicanalítico exclui o âmbito da ação e da satisfação dos desejos derivados da base sensorial. “(...) e a psicanálise fica confinada ao âmbito do pensamento, no qual o único meio de satisfação é o próprio pensamento. (...) demandas de ação e gratificação sensorial associadas à sobrevivência física conflitam com a demanda de ‘atividade’ mental.” (Bion, 2006, p. 127).

Na configuração de ♀ ♂, os objetos descritos pelo paciente como continente podem ser vários, segundo o autor: sua mente, o inconsciente, a nação, assim como seu dinheiro ou suas ideias podem ser os contidos. Apesar dos objetos poderem ser muitos as relações entre eles não o são.

Há uma parte da personalidade mais estável e constante, análogo ao que o autor descreveu como *Establishment*. Este seria a única força capaz de suportar a pressão da ideia messiânica e vice-versa. A ideia messiânica é a única capaz de fazer frente ao *Establishment* do indivíduo, por isso intuí-la é tão vital para a expansão mental.

Bion faz uma formulação do que considera o mecanismo mais importante utilizado pelo psicanalista praticante: o analista teria de ser capaz de se abster da memória e do desejo, tal como descrito anteriormente, e nesse estado de mente atentar para os aspectos do material desconhecidos para si mesmo e para o analisando, resistindo ao impulso de apegar-se ao já conhecido. Este estado é análogo à posição esquizoparanóide e preserva a associação com as situações de sofrimento e tolerância à frustração. O autor usa o termo “paciência” para este estado de mente do analista, distinguindo-o do termo posição esquizoparanóide, reservado a designar os estados patológicos.

“Seria necessário manter ‘paciência’ sem a ‘busca irritável por razão’ até que um padrão ‘evolua’ ”. (Bion, 2006, p. 130). “Segurança” é o termo escolhido pelo autor para o estado da apreensão deste padrão evoluído, análogo ao estado da posição depressiva, em que há a diminuição da ansiedade e a sensação de estar a salvo. O analista está experimentando a “paciência” e a “segurança” no trabalho analítico com todos os sentimentos de perseguição e depressão inescapáveis.

Em suma, usualmente se descobre que um senso de ter conseguido uma interpretação correta frequentemente é seguido, quase de imediato, por um sentido de depressão. Considero a experiência de oscilação entre “paciência” e “segurança” uma indicação de estar conseguindo fazer um trabalho valioso. (Bion, 2006, p.130)

A noção de cura no período epistemológico

Neste período o pensamento torna-se um tema de especial importância para a noção de cura. Como vimos, o conceito de pensamento na teoria de Bion se insere na experiência emocional e está influenciado pelo complexo dos vínculos. A forma de lidar com o pensamento e os processos do pensar serão o foco de observação e de indícios de resultado terapêutico. Sendo a comunicação do paciente a via de expressão e acesso ao funcionamento psíquico, propõe uma teoria de observação para os fenômenos clínicos. A observação passa a ser dirigida à dupla, à forma e ao conteúdo dos seus enunciados.

A ideia de desenvolvimento emocional está mais evidente nos primeiros trabalhos do período, atrelada à capacidade de desenvolver pensamentos e aparelho para pensá-los. O pensar propicia transformar a experiência de angústia da ausência em conhecimento tolerável, pode aliviar o sofrimento, ainda que não possa eliminá-lo; permite que as experiências emocionais sejam armazenadas e funcionem como base para a aprendizagem empírica de lidar com os conflitos. Os distúrbios do processo do pensar se dão a partir da intolerância à frustração e no intervalo entre o impulso e a realização do desejo; a restrição ao desenvolvimento do pensar leva a exacerbação da onipotência e da onisciência, prevalecendo a moral em lugar da verdade. “O ponto de vista do senso-comum a respeito do desenvolvimento mental é que esse consiste em um aumento da capacidade para captar a realidade e em um decréscimo na força obstrutiva das ilusões.” (Bion, 2004, p. 63)

O conceito de função alfa como aquela que pode transformar impressões sensoriais em elementos psíquicos auxilia a pensar na função psicanalítica da personalidade como um sinal de resultado esperado da psicanálise. Podemos pensar a função psicanalítica como derivada da ideia de Freud, citada na introdução deste trabalho, de que ao final do processo o paciente poder ser, ele próprio analista. A análise pode observar seus resultados identificando no

paciente o desenvolvimento de funções mentais. O exercício da função psicanalítica da personalidade torna-se um indicativo de cura.

Um dos objetivos principais da psicanálise relaciona-se a criar condições de desenvolver os pensamentos e conhecimentos, e a noção de cura liga-se ao desenvolvimento do pensar. Partindo da ideia de que o acesso direto ao inconsciente e ao original na investigação psicanalítica é impossível, o autor sugere o uso dos modelos para aproximar a incógnita a algo que possa se expressar na realidade. O modelo sempre guarda alguma semelhança com a coisa em si e é útil por conseguir agregar as dimensões, que para o autor são fundamentais na abordagem do objeto psicanalítico: de ser algo que diz respeito ao sensorial, que pode ser percebido pelo paciente como algo seu e, ao mesmo tempo, retrata a emoção presente na relação da dupla. Esta me parece uma contribuição importante como um modelo de reflexão sobre o trabalho analítico e seus efeitos. A noção de cura vincula-se a uma espécie de desenvolvimento epistemológico e de capacidade para acolher e lidar com experiências de angústia a partir do trabalho básico da função alfa.

O objetivo de alcançar o mito pessoal do paciente está na direção de um resultado ou efeito da psicanálise, ou seja, identificar e atualizar ou recriar teorias a respeito de si mesmo. A expectativa que a pessoa tem em seus relacionamentos estaria sujeita a uma espécie de sina pessoal. O que nos leva à ideia da cura ligada a um processo de ampliação de recursos emocionais, capacidade de agregar ou diversificar mecanismos mentais. Numa situação clínica em que uma pré-adolescente com um quadro de anorexia, se percebe com o papel de ser a 'princesinha' do casal de pais, incapaz de discordar ou se rebelar. Depois de algum tempo traz à sessão uma discussão com uma amiga em que queixava de não ser um objeto que esta poderia manejar conforme sua conveniência.

O início desse processo de ampliação parece estar nas experiências de contato e tolerância ao desconhecido, em que é possível reconhecer e nomear uma emoção, no caso desta paciente o temor e a ameaça de não ser amada, caso tivesse uma atitude divergente da que achava que era esperado. Suportar a sensação de desconforto, muitas vezes de desagregação e catástrofe, é resistir a adotar padrões e soluções conhecidos e pré-estabelecidos e abrir espaço para ocorrer algo genuíno e criativo. O exercício dessa capacidade, denominada pelo autor capacidade negativa, pode ser elencado como um sinal de ganho terapêutico.

Ao apresentar o conceito de reversão de perspectiva o autor discute como o paciente pode, pela necessidade de manter afastado o conhecimento, manter um acordo com o analista de deixar fora o conflito e a própria emoção, criando uma ilusão de encontro com o analista.

Constitui então tarefa do analista restituir a dinâmica à situação que havia se tornado mecânica.

A busca do genuíno e da verdade do paciente está no foco do trabalho de Bion. Em *Transformações* observamos a expectativa dessa busca se refletir no que o paciente conhece sobre si mesmo, mas muito mais na direção de tornar-se si mesmo. Esse aspecto abstrato pode parecer ambíguo: de um lado a cura está relacionada a mudanças no conhecer e no ser e, por outro, almeja aproximar o paciente do que ele é. A mim parece que ser e tornar-se são indissociáveis, mas diferentes. Quando Bion usa o “tornar-se si mesmo” parece estar insistindo no aspecto dinâmico e inacabado do ser, conhecer-se ou descobrir-se ao mesmo tempo como um processo de inventar-se ou construir-se. O processo de se expor à experiência de conhecer-se já transforma o próprio ser. Nessa mesma direção encontramos em *Atenção e interpretação* outro aspecto do que se pode esperar do trabalho analítico, a ideia de que o paciente ao encerrar a análise tenha se reconciliado consigo mesmo, que se torne uno a si mesmo.

A dor mental é apresentada como um elemento de psicanálise, e sofrer sua experiência relaciona-se com o processo de elaboração e crescimento psíquicos, pois sofrer a dor possibilita sofrer o prazer e o amor. Evitar a dor parece ser o motor de mecanismos de defesa e dos processos de transformações³², bem como da evasão da relação terapêutica. O temor à dor se manifesta no que Bion classificou na grade de coluna 2, o falso, funcionando como capa protetora de mentiras ou subterfúgios. A busca pelo verdadeiro, doloroso e árduo, pode ser interpretada como componente da noção de cura, de resultado esperado e, nesse sentido, a noção de alívio dos sintomas parece não ser suficiente. Compreendo que para ser considerado um indício de cura a dor mental não pode ter um caráter masoquista e ruminante, ou seja, não é a dor que dá prazer, que ocupa o lugar do pensar criativo. “Ser capaz de sofrer a dor mental” parece relacionar-se à constatação das vicissitudes do que é ser humano e das armadilhas criadas para fugir da realidade. Essa compreensão, me parece, deve carregar consigo algo de compaixão, certo alívio e a sensação de pertencimento a uma espécie, ao grupo humano, ainda que seja único e singular.

A ênfase de Bion para observar a emoção do paciente na sessão tanto quanto suas associações verbais, inclusive com a indicação de que o analista deve alcançar a pré-emoção, parece ter o objetivo de se instrumentar para poupar o paciente das dores insuportáveis ou

³² Conforme já descrito anteriormente as transformações que estão ligadas ao não conhecimento são: transformações em alucinose, em movimento rígido e projetiva.

desnecessárias. Assim como, o objetivo principal passa ser mudar a emoção ligada às experiências, através da análise dos vínculos.

A noção de cura desse período, constituída ao longo das obras, talvez possa ser sintetizada com a imagem do crescimento emocional como uma espiral em ascendência, que congrega em seus movimentos o ser e o conhecer.

No *Comentário* Bion trata da inadequação de um trabalho psicanalítico centrado na expectativa de cura conforme o modelo médico. Seguindo este modelo a cura é apontada pelo autor como um elemento de memória que restringe a atuação e perturba o envolvimento do analista com o analisando e sua capacidade de exercer sua função analítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inadequação do modelo médico para pensar o processo psicanalítico e seus resultados já estava presente em Freud, como foi apresentado na introdução deste trabalho. A própria criação do método psicanalítico se deu a partir das limitações encontradas pelo autor nas técnicas médicas. As concepções de sentido nos sintomas psíquicos e da parte inconsciente da vida mental, bem como a expectativa de mudanças duradouras no paciente a ponto de desenvolver em si próprio a capacidade analítica são significativas extensões em relação ao modelo que serviu de ponto de partida. Ainda, vimos no relatório das pesquisas de resultados produzidos pela IPA, a constatação das dificuldades para traduzir a avaliação clínica em classificações médicas. Há necessidade de ampliar modelos para descrever a condição do trabalho psicanalítico.

O tema da relação terapêutica torna-se fundamental para o trabalho psicanalítico e para a avaliação dos resultados. Freud deu o tom ao afirmar que o primeiro passo seria ligar o paciente a ele mesmo e ao próprio analista. O destaque à aliança terapêutica dado pelo relatório do IPA e a ênfase de Bion em analisar a dupla e não o paciente nos fazem atentar para esse complexo que é fundar um trabalho na relação humana, na capacidade de comunicação consciente e inconsciente de duas pessoas produzindo efeitos nas emoções e no pensamento de cada uma delas.

A pesquisa e leitura dos escritos de Bion constituíram para mim um exercício da tolerância ao não-saber. São textos de leitura difícil, trabalhosa, os conceitos feitos e desfeitos pelo autor antes de serem apreendidos completamente. O uso de modelos da matemática, química e física tiveram o efeito de desalojar referenciais e impulsionar, na melhor das hipóteses, à abstração, na pior, ao completo desconhecido do universo sideral. Os sentimentos de estranhamento e afastamento conviveram com o instigante, rico e criativo. Aos poucos o movimento foi de despertar o potencial de “ir tornando-se” uma leitora. A participação de anos em um grupo de estudos coordenado pelo Dr. Edival Perrini foi um alento importante no mergulho no universo de Bion. Não só os conceitos do autor podem ser partilhados, mas a experiência emocional do contato com os escritos e sua repercussão na prática clínica.

O trabalho de leitura e descrição dos textos de Bion, ao mesmo tempo em que pode dar densidade ao trabalho, enrijeceu a escrita, talvez na minha tentativa de ser fiel aos conceitos e pensamentos, já que a fonte da pesquisa era sua obra.

A investigação dos processos mentais, específicos do trabalho clínico em psicanálise, deve lidar com o fato de que os elementos psíquicos não podem ser apreendidos

completamente pelos órgãos sensoriais, observação e escuta. São necessários outros “sentidos” para captar e processar as emoções e os impactos emocionais a fim de que estes se tornem úteis na composição das interpretações e da comunicação da dupla. O processo de transformar a emoção em comunicação está presente em todas as relações, no entanto é a clínica psicanalítica que procura analisar e interpretar o fator emocional e esse processo inclui aspectos da experiência não sensorial. Segundo Bion a psicanálise ainda não dispõe de meios para transmitir a experiência não sensorial que baseou a interpretação e isso dificulta a compreensão do próprio processo de crescimento e da prática psicanalítica. “Quanto mais tarimbado e sensível o psicanalista, mais prontamente perceberá os fenômenos não-sensoriais que se desenrolam diante de si. O analista precisa, portanto, ser capaz de comunicar algo que no presente é inefável.” (Bion, 1994, p. 152)

A palavra que mais se aproxima do sentido para captar as emoções parece ser a intuição. Refinar a intuição e torná-la precisa é tarefa complexa do analista.

“Parte da dificuldade experimentada por nós, analistas, surge quando permitimos que a intuição que alcançamos se enfraqueça e seja substituída por aquilo que se aprendeu sobre as teorias e a experiência do nosso analista.” (Bion, 1994, p. 172) A ideia é de que o aprofundamento teórico é indispensável para a formação do analista, no entanto não deve preencher os sentidos do analista na busca de confirmar teorias no momento da sessão analítica. O “sentido” da intuição deve ser preservado e as interpretações não serão repetição de aspectos teóricos e sim parecidas com uma fala comum. Mas permanece a questão de quais seriam as condições para alcançar a intuição precisa. O autor compara o estado adequado para intuir realizações analíticas com as condições que propiciam as alucinações, em seu sentido de afastar-se da realidade. Freud nos dizia de um “cegar-se artificialmente”.

O estado mental em que se procura estar “sem memória e sem desejo” é uma contribuição importante nessa direção de procurar condições para se captar a emoção, o estado psíquico que necessita ser nomeado e tolerado pela dupla. Como vimos não se trata de ser inadequada qualquer lembrança ou intenção para com o paciente, mas sim de serem tomados com o valor de associações no conjunto do trabalho analítico, bem como procurar manter a mente em estado insaturado e aberta ao inédito. Vimos que este estado de abstenção tem certo risco para o analista por afastá-lo de seu estado conhecido e reconhecido de si mesmo. A análise comporta alto potencial de mudança, no entanto exige que o analista se prepare com afinco.

Retomando o elenco de questões sobre a pesquisa em psicanálise, temos que uma importante fonte de dados sobre o trabalho analítico são os registros de sessões, realizados

pelos próprios analistas. Certamente não pode ser aceito como uma reprodução fiel do que se passou na sessão, mas sim como uma elaboração ou uma estória. O relato da sessão passou pelo crivo da memória do analista, sofreu cortes, recebeu ênfases, elaborações, algo que possa ser comparado à relação entre o sonho e ao relato do sonho. Talvez a dificuldade esteja em descrever o caminho da intuição, da apreensão e transformação do não sensorial em algo “visível” ou que possa ser comunicado. O importante efeito de fazer registros ou relatos das sessões parece ser o de conseguir pensar a situação clínica na ausência do paciente. Trabalhar com o material clínico fora da sessão possibilita ampliar o potencial reflexivo do analista, especialmente de aspectos da parte não psicótica de sua personalidade.

Bion relaciona a falta de objetividade na psicanálise e a dificuldade de comunicação entre os pares com a especificidade do objeto da psicanálise, captar o inefável e a emoção no momento. Para o analista leitor que não esteve na experiência, na sessão, o relato fica distorcido ou reduzido na tentativa de registrar o trabalho analítico. Nas suas palavras “O registro de uma sessão (isto é, da realização psicanalítica) será ou uma barafunda literal e incompreensível, ou deverá ser uma representação artística.” (Bion, 1994, p. 151) No entanto, não podemos esperar que os analistas sejam artistas para comunicar as representações de seus trabalhos. “As transformações da experiência analítica em formulações que tornem realidade a comunicação entre analista e leitor continuam sendo uma atividade a ser perseguida.” (Bion, 1994, p. 142)

O autor propõe que o valor das anotações das sessões não está no pretense registro do passado, mas na capacidade de provocar imagens que evocam o futuro, como uma previsão de futuro desenvolvimento da relação com o paciente. É importante para o psicanalista conseguir prognosticar uma possível melhora ou, no outro extremo, uma tentativa de suicídio de seu paciente. Mas para tal é preciso que o analista possa admitir tão largas possibilidades de sensações agradáveis e desagradáveis e de suportar pensamentos dolorosos.

O autor nos diz de uma “função sonho” do analista eficaz para descrever o trabalho clínico. O sonho por definição comporta conteúdos latentes e manifestos, conscientes e inconscientes e protege a mente de estados psicóticos. A função de “sonhar” o paciente é a condição de, em estado de vigília, manter-se na realidade, aberto e atento a comunicações do inconsciente despertadas a partir do contato com o paciente. Esse estado se relaciona com a visão binocular e com a função de *rêverie*. O analista que pode suportar os diversos níveis de comunicação do paciente e transformá-las em interpretações exerce a função de continente, análogo ao que foi descrito sobre a função materna.

Sobre a interpretação, Bion compara com uma fórmula matemática, é uma formulação que visa a revelar uma configuração subjacente, leva a que percebamos coerência e ordem no material disperso. Não importa se é algo conhecido pelo paciente ou não. Sugere que a ideia mais precisa seria a de comparar a natureza da interpretação e a da associação. Há ocasiões em que a interpretação pode ser idêntica à associação, no entanto empresta autoridade e confirmação e isso produz significativa mudança. O contexto em que as coisas são ditas, especialmente no caso da transferência, provoca novos significados que, noutra situação, as mesmas palavras não teriam.

A interpretação será sempre produto de uma transformação do fato psicanalítico em busca de alcançar a experiência emocional. Esta transformação, em curso no analista, contém algo que o paciente pode apreender pelo sensorial, pode ouvir ou ver, bem como toca em algo de sua emoção no momento e nas impressões de si mesmo, fruto de seu mito pessoal. Essas são as três dimensões da interpretação: do sensorial, do mito e da paixão. O analista está comprometido com aproximar-se desta verdade.

Depois de uma interpretação, nos lembra o autor, pode-se experimentar a integração da posição depressiva, assim como a própria sensação depressiva. É a sensação de segurança. A sequência levará a outros aspectos dispersos e uma nova transformação será necessária. É preciso ter paciência para aguardar o surgimento do novo fato selecionado. A oscilação entre a segurança e a paciência é para Bion o sinal de trabalho analítico valioso.

Outro ponto de ampliação de recursos para o analista que nos propõe Bion é compreender a mentira como resistência ao pensar e ao conhecimento. Como um dissimulador do pensar complexo, do pensar que implica em autoconhecimento e contato com aspectos inconscientes. O paciente convoca o analista a ser hospedeiro da mentira, por exemplo, a aceitar desculpas pelo atraso, pelas faltas. O analista que não aceita pode sentir-se perseguido e solitário em seu percurso de autenticidade. A intensidade da necessidade de mentir pode ser interpretada como proporcional à dor mental que precisa ser evitada. Mentira é vista como sinal de sofrimento psíquico.

Que linha se pode traçar entre a noção de cura e os três períodos da obra de Bion até aqui? Podemos identificar duas linhas: uma de expansão, para usar um termo dele mesmo, no sentido de uma ideia receber camadas que a expandem, como uma cebola; e outra linha com inflexões e mudança de sentido.

A impressão é que, nos momentos de expansão, há conceitos que vão embasando a técnica e o método de trabalho que estavam presentes desde o primeiro período nos escritos

sobre grupos. Por exemplo, o tema das partes psicótica e não psicótica da personalidade parece que já estava como semente no grupo de suposto básico e grupo de trabalho, pois nos dois grupos conceituais há uma divisão de funcionamento complementar e, ao mesmo tempo, em diferentes níveis de integração e usos de recursos mais e menos primitivos. Depois foi tomando outro formato quando o autor descreve a visão binocular do analista, em contato com a realidade e também em contato com o que o paciente desperta de pensamentos oníricos e inconscientes.

A ênfase ao pensar como produto de tolerância ao desconhecido e gerando intensas emoções permeia os três períodos, estando presente, inclusive em sua reflexão sobre sua experiência na guerra. A expectativa de ataques do inimigo, não saber se haverá e como será o confronto e a ameaça de morte são vivências encarnadas da necessidade de tolerar o não-saber. O pensar sendo desenvolvido a partir da experiência e incluindo aspectos inconscientes.

Na linha traçada pela expansão de conceitos a noção de cura de Bion pode ser descrita como se estivesse em dimensões que se sobrepõem, se complementam e que podem estar mais ou menos à mostra dependendo da circunstância. Arriscando uma síntese podemos dizer que a noção de cura no período grupal está direcionada a desvelar o inconsciente, auxiliar o paciente a tomar consciência de partes de sua vida inconsciente, alcançar as partes primitivas da mente e agregar mecanismos para lidar com estados de rigor superegótico e depreciação depressiva. Em seguida, no período de focalização nas psicoses a expectativa é de mudanças estáveis e duradouras nos sintomas, na vida produtiva e adaptativa, e a modulação de mecanismos de cisão e da identificação projetiva, bem como o desenvolvimento do pensamento verbal. As nuances na relação com o analista passam a ser detalhadamente consideradas, expressões faciais, comportamentos. No período epistemológico a direção que se pode identificar é a do crescimento como expansão mental somada à ideia de que o campo da observação é infinito. Essa noção de crescimento mental como uma espiral ascendente que nunca retorna ao mesmo ponto congrega as ideias anteriores. Trata-se de desvelar o inconsciente, alcançar partes primitivas da mente, agregar capacidades e plasticidade, desenvolver o pensar e algo mais ainda a ser descoberto.

Há momentos que podemos observar inversão de sentido e direcionamentos que mudam completamente o curso da discussão. Por exemplo, sobre o objeto da psicanálise há inflexão quando o autor propõe que o trabalho psicanalítico deve tomar em consideração a análise da dupla, não somente do paciente e sua história particular, e sim o que resulta do encontro das características de um e outro, a experiência emocional da dupla. Para que o

trabalho seja possível é preciso que haja pontos de convergência na visão do analista e do paciente e que seja identificado o que não está óbvio, o que está compondo a coluna 2, o falso que precisa ser abandonado pela dupla, para no encontro surgir a capacidade analítica de ambos.

E a Susi? Aquela paciente citada na introdução? Será que podemos dizer algo sobre a cura no trabalho com ela? Passados cinco anos de atendimento, na sessão anterior às férias de fim de ano, Susi despede-se com votos de boas festas e diz que sentirá falta, mas sabe que pode esperar o retorno. Traz um cartão com um bilhete e pede que seja lido depois que sair. É um bilhete afetuoso, em que diz que há cinco anos está sendo ajudada a “não fazer bobagens” e que agora vê o mundo com outros olhos graças à analista.

A partir do que vimos sobre a noção de cura para Bion, proponho fazer um rápido exercício. Vejamos o que eu interpretei como alguns sinais de expansão mental. A Susi reconhece a importância da análise e junto disso passou a sentir que há algo nela mesma que pode sustentar o desconforto da ausência e continuar, em alguma medida, sua função analítica. Ela também mudou algo de seu mito pessoal, da sina de que não tinha valor e vê a si mesma diferente. As “bobagens” se referem tanto à tentativa de suicídio, como a atuações de tipo delinquente que, numa fase, ela lançou mão. Susi mostra reconhecimento de que recebe algo de valioso e elabora algo como retribuição, acredita que também tem o que oferecer de si, um exercício de gratidão.

Retomando o modelo da cura do queijo, ainda que possa ser uma metáfora com limitações, gostaria de propor pensarmos na fabricação do queijo como uma analogia da prática clínica psicanalítica.

O processo de fabricação do queijo tem como produto base o leite, que passa por modificações a partir do contato com o coalho, em condições específicas de temperatura, umidade e pressão. O processo pressupõe certo rigor nessas condições para produzir um produto que é diferente do leite, embora mantenha várias propriedades e nutrientes idênticos aos do leite, mas não é mais o leite. Os elementos inseridos para a transformação também se modificaram, alguns podem ser voláteis e nem se incorporam ao produto final, mas foram necessários para ocorrer o processo químico. Há componentes do leite que se concentram no processo de produção, como, por exemplo, as moléculas de gordura. No entanto, não seria suficiente a descrição de que a manufatura do queijo revela a essência do leite, pois o próprio processo é transformador do elemento inicial. O processo químico é de complexidade suficiente para dizermos que, mesmo em condições idênticas de matéria prima, controle

ambiental e tempo de preparo, é pouco provável que o resultado seja a produção de queijos idênticos. No entanto, há procedimentos que são comuns e há procedimentos e matéria prima específicos para os diversos tipos de queijos existentes. É necessário respeitar o tempo de cada fase do preparo, inclusive o descanso em condições ambientais protegidas. O processo de produção do queijo parece ter se dado pela necessidade dos povos de armazenar e conservar o leite. Era preciso cuidar, tratar o leite de maneira a se preservar e servir para o uso por mais tempo.

O trabalho psicanalítico precisa de condições específicas de “calor” afetivo, “pressão” da abstinência de gratificação imediata e do impulso a conhecer-se. Os pacientes chegam à análise em diferentes estágios de “maturação”, e a “cura” será diferente em cada caso, mas em qualquer caso a necessidade é dirigir algum tipo de cuidado para si mesmo. A direção inequívoca é que o paciente deve ficar parecido consigo mesmo, não no sentido de chegar a uma essência natural e pronta para ser alcançada, mas aproximar-se do que lhe é autêntico e verdadeiro. O processo de conhecer-se é em si transformador, é constante descoberta e redescoberta. Rezende (1995) propõe a tradução de *‘being’* utilizado por Bion como “vir-a-ser-eu-mesmo-de-maneira-contínua”. (p. 24) A posição de analista me parece ser de parceria, de hábil expectador da situação em que ele e o analisando estão envolvidos, receptor e, ao mesmo tempo, agente catalisador que se expõe às transformações de toda qualidade, especialmente àquelas que estão em curso em si mesmo, a partir da relação com cada analisando.

A exposição aos processos de transformações requer especial tolerância da dupla. Podemos pensar algo análogo ao que escreve Rilke (2008), na epígrafe deste trabalho. Quanta coisa é preciso que a dupla viva e experimente para elaborar uma interpretação da situação clínica, quanta paciência se faz necessária, ainda que em convivência com sofrimentos intensos. É trabalhoso o primeiro verso de um poema.

REFERÊNCIAS

- API *Una revision de puertas abiertas de los estudios de resultados em psicoanalisis*. Recuperado em 20 junho, 2010 de www.elortiba.org.
- Bick, E. (1991) A experiência da pele em relações de objeto arcaicas. *Melanie Klein: Desenvolvimentos da teoria e da técnica*. Editado por Elizabeth Bott Spillius. (Tradução Belinda Haber Mandelbaum). Rio de Janeiro: Imago. (194-198)
- Bion, W. R. (1966). *O aprender com a experiência*. (Tradução de Jayme Salomão e Paulo Dias Corrêa) Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (1975). *Experiências com Grupos: Os Fundamentos da Psicoterapia de Grupo*. (Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira). Rio de Janeiro: Imago; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo.
- Bion, W. R. (1994). *Estudos psicanalíticos revisados (second thoughts)*. (Tradução Wellington M de Melo Dantas) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1967)
- Bion, W. R. (2004). *Elementos de Psicanálise*. (Tradução de Jayme Salomão; revista por Ester Hadassa Sandler e Paulo Cesar Sandler) (2ª ed.) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (2004b). *Transformações: do aprendizado ao crescimento*. (Tradução de Paulo Cesar Sandler) (2ª ed.) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação* (Tradução de Paulo Cesar Sandler) (2ª ed.) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bléandonu, G. (1993). *Wilfred R. Bion: a vida e a obra, 1897-1979*. (Tradução de Laurice Levy Hoory e Marcella Mortara). Rio de Janeiro: Imago.
- Cambridge (1995) *Internacional Dictionary of English*. London: Cambridge University Press.
- Castelo Filho, C. (2002). A grade de Bion. *Psychê*, vol. VI, nº 09, p. 75-92. Recuperado em 15 maio 2011, de <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/307/30700907.pdf>.
- Freud, S. (1969a). Conferência XVII - O sentido dos sintomas. *Obras completas*. (Tradução: Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago. Vol. 16, p. 305-322. (Trabalho original publicado 1917)
- Freud, S. (1969b). Análise Terminável e Interminável. *Obras completas*. (Tradução: Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago. Vol. 23, p. 239- 287. (Trabalho original publicado 1937)
- Freud, S. (1969c). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. *Obras completas*. (Tradução: Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago. Vol. 12, p. 273-286. (Trabalho original publicado 1911)
- Freud, S. (1969d) Sobre o início do tratamento. *Obras completas*. (Tradução: Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago. Vol.12, p. 163-187 (Trabalho original publicado em 1913)

- Freud, S. (1969e) Recordar, repetir e elaborar. *Obras completas*. (Tradução: Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago. Vol. 12, p. 191-203. (Trabalho original publicado 1917)
- Freud, S. (1969f) A interpretação dos sonhos. *Obras completas*. (Tradução: Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago. Vol. 5, p. 541-646. (Trabalho original publicado 1899)
- Grinberg, L., Sor, D., Bianchedi, E. T. (1973) *Introdução às idéias de Bion*. (Tradução Themira de Oliveira Brito). Rio de Janeiro: Imago.
- Herrmann, F. (1991). *Clínica Psicanalítica: a arte da interpretação*. São Paulo: Brasiliense.
- Houaiss, A., Villar, M. S., Franco, F. M. M. (2001) *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Laplanche, J. e Pontalis, J. B. (1995) *Vocabulário da Psicanálise*. (Tradução: Pedro Tamen). São Paulo: Martins Fontes.
- Mijolla, A. (2005) *Dicionário Internacional da psicanálise: noções, conceitos, biografias, obras, eventos, instituições*. (Tradução: Álvaro Cabral). Rio de Janeiro: Imago.
- Perrini, E. (2007) A poesia da vida cotidiana. *Ide – Psicanálise e Cultura*, 30(44), 85-89, junho 2007. São Paulo: SBPSP
- Rezende, A. M. (1994) *A metapsicanálise de Bion: além dos modelos*. Campinas: Papirus.
- Rezende, A. M. (1995) *Wilfred R. Bion: Uma psicanálise do pensamento*. Campinas: Papirus.
- Rilke, R. M. (2008) *Os cadernos de Malte Laurids Brigge*. (Tradução: Lya Luft) Osasco, SP: Novo Século Editora (Texto original publicado em 1910)
- Roudinesco, E. (1998) *Dicionário de Psicanálise*. (Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Segal, H. (1991) Notas sobre a formação de símbolos. *Melanie Klein: Desenvolvimentos da teoria e da técnica*. Editado por Elizabeth Bott Spillius. (Tradução Belinda Haber Mandelbaum). Rio de Janeiro: Imago. (p. 167-193)
- Zimerman, D. E. (1995) *Bion da teoria à prática: uma leitura didática*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.